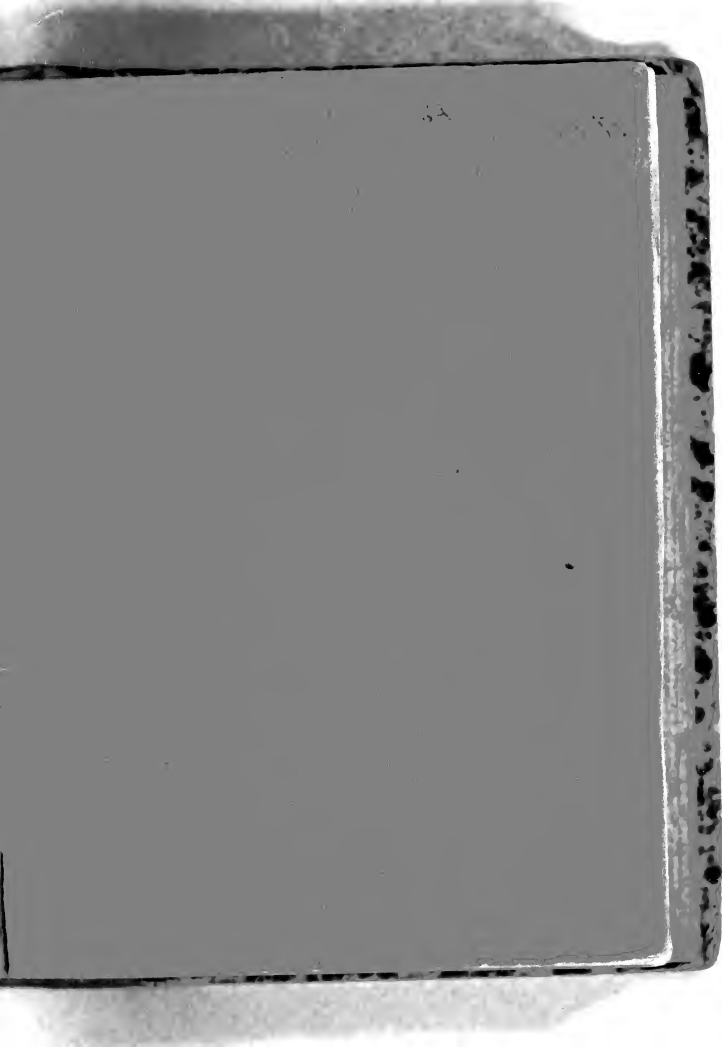
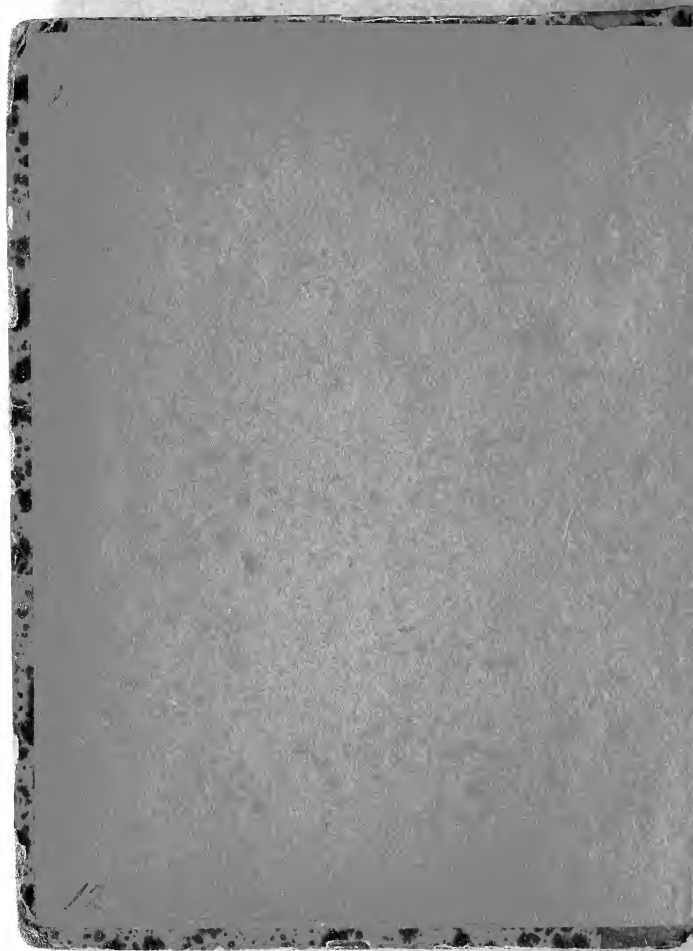


H.105



John Carter Brown  
Library  
Brown University







HENRIADA.



**HENRIADA**  
**POEMA EPICO,**  
**COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA**

POR

**Mr. DE VOLTAIRE,**

*Traduzido, e illustrado com varias notas  
na Lingua Portugueza*

POR

**THOMAZ DE AQUINO**

**BELLO E FREITAS,**

MEDICO FORMADO

PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

**TOMO I.**

**NOVA EDIÇÃO.**

**RIO DE JANEIRO:**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**

ANNO M. DCCC. XII.

*Com licença.*

. . . . . *Incedo per ignes*  
*Suppositos cineri doloso.*

Eu caminho por cima do fogo escondido  
debaixo da enganadora cinza.



# P R E F A Ç Ã O

## D O E D I T O R .

**H**Um dos primeiros Poemas Epicos , que se conhece na Europa , he sem contradicção a Henriada de Monsieur de Voltaire.

Este grande homem , nascido para elevar todos os generos de Poezia ao maior auge da perfeição , soube com dexteridade moderar n'este Chefe d'obra o fogo do seu enthusiasmo , e sujeitallo escriptosamente ás mais exactas regras da Epopea , sem prejuizo algum da parte dos ornamentos , e daquellas riquezas de imaginação , qua concilião successivamente a admiração , o amor , e todos os mais sentimentos , de que são capazes as almas sensiveis. N'huma palavra ; tudo he grande , maravilhoso , e interessante n'este Poema , o unico , de que se gloria a Nação Franceza. A grandeza do Heroe , e da acção assás memoraveis na historia , fórma a do assumpto ; A vivacidade das imagens , a nobreza dos pen-

samentos, e a rapidez de hum estylo sempre elegante, e harmonioso, fórma a grandeza, e o caracter do Poeta.

A preciosidade de hum obra semelhante, que n'este ramo de litteratura a todos serve de instrucção, e a muitos tem servido de modelo, fez emprehender a Bello a presente raducção como amante da Poezia Nacional, só a fim de aperfeiçoar o bom gosto das Musas Portuguezas, e de inspirar pelo menos á mocidade estudiosa, por via das primeiras noções d'ella na propria lingua, a importancia, e fecundidade das suas bellezas originaes.

Como porém no contexto do mesmo Poema se encontrão algumas censuras, que á primeira vista parecem temerarias, he preciso prevenir o Leitor menos intelligente, com os motivos, que formarão o seu objecto.

A Corte de Roma, que no decurso de muitos seculos velou unicamente pelo bem espirital do Christianismo, passando depois a estender as suas vistas politicas sobre os interesses temporaes da Europa, e a tomar parte nos negocios della, irritou de maneira

os Soberannos, de quem se quiz fazer arbitra, que daqui se originarão os infinitos males, e desordens, que nos refere a historia.

He verdade, que alguns Papas mais aclarados, e pacificos, seguindo systema diverso, mantiverão no seu Pontificado as coisas em socego, porém Sixto V., cujo caracter turbulento he bem conhecido, teve tal influencia nos calamitosos Reinados de Henrique III., e Henrique IV.; que os Franceses lhe attribuem huma grande parte das funestas desgraças, que experimentarão durante as guerras da Liga. Sobre as suas maximas, e intrigas, he pois que recahe a censura do A., o qual se escrevesse dos successos no nosso tempo, não deixaria de louvar a circumspecção, e conduta dos ultimos Pontifices, que cheios de luzes, e inteireza tem feito reviver o desiteresse, e a virtude dos seculos primitivos.

Declama tambem o A. contra o pernicioso systema, que seguirão então alguns Ecclesiasticos, e Regulares em seduzir, e manter os Povos na rebelião ao seu legitimo Soberano, sobre tudo contra a monstruosa dou-

### VIII

trina, que espalhavão a favor do Regicidio; mas estas opiniões absurdas, que só grassarão nos séculos da ignorancia, e barbaridade, estão hoje condemnadas severamente pela Igreja, conforme com o auctoridade do Apostolo, que tanto nos recommenda a obediencia, e fidelidade para com os Principes, e superiores. (1)

Ora he certo, que assim como a virtude da parte se não communica ao todo, igualmente o vicio não pôde contaminallo. A Hierarquia Ecclesiastica, por que em fim he de homens, vio muitas vezes sahir do seu seio alguns individuos, que, afastando-se dos solidos principios do Evangelho, se precipitarão, e a outros comsigo em erros enormes; Mas v. g. porque os Heresiarcas Luthero, e Calvino sahirão do Sacerdocio, e forão os corruptores de grande parte da Europa, deixaremos nós de ter em menos respeito, e veneração, hum Estado, e corporações, de que tem emanado tantos bens á Igreja? Este seria hum absurdo indigno da racionalidade do hommem!

---

(1) Ep. ad Rom. cap. 13, v. 1. 2. 3.



Finalmente em todas aquellas passagens, onde o A. discorre com liberdade ( sem embargo de ser isto hum Poema ) se acharão as notas competentes ; assim como sobre a imputação , que elle , e quasi todos os Estrangeiros fazem ao supremo Tribunal do Santo Officio , nas quaes se manifestão os erroneos sentimentos da maior parte dos Escriptores , que fallão n'esta materia.

## HISTORIA ABBREVIADA

*Dos acontecimentos , em que se funda a Fabula do Poema da Henriada.*

O Fogo das guerras Civis , que ateou as primeiras faíscas no governo de Francisco II. , e abraçou a França na menoridade de Carlos IX. , supposto entre os Povos tivesse por fundamento a Religião , ella com tudo não era mais , que hum mero pretexto , de que se servião os Grandes. Catharina de Medicis , Rainha Mãi , aventurou mais de huma vez a conservação do Reíno por manter a sua auctoridade ; armando o partido Catholico contra o Protestante , e os Guizas contra os Bourbons , só a fim de opprimir huns pelos outros.

França tinha então por desgraça sua , muitos Senhores poderosissimos , e por consequencia sediciosos : os Povos se havião tornado fanaticos , e barbaros por esse furor de partido , que inspira o falso zelo dos Reis ainda meninos , em nome dos quaes se assolava o Estado : e o infeliz Reinado de Carlos IX.

se fez notavel pelas sanguinosas batalhas de Dreux , de S. Deniz , de Jarnac , e de Montcontour. As Cidades mais opulentas erão tomadas , reconquistadas , e saqueadas alternativamente pelos partidos oppostos : fazião-se morrer os prisioneiros de guerra nos mais exquisitos , e inventados supplicios : humas , e outras Igrejas se reduzirão a cinzas pelos Reformados , e pelos Catholicos ; e se olhavão os envenenamentos , e assassinatos , como vingança de inimigos habeis , e astutos.

A funesta noite de S. Bartholomeu poz o cumulo a tantos horrores. Henrique o grande então Rei de Navarra , no flor da sua mocidade , e Chefe do Partido Reformado , em que tinha nascido , foi alliciado á Corte com os maiores Senhores da sua facção , onde o cazarão com a Princeza Margarida , irmã de Carlos IX. Entre o regosijo d'estas nupcias , no meio da mais profunda paz quebrantando a fé dos juramentos mais solemnes , dispoz Catharina de Medicis essa horriavel carnicaria , de que se deve perpetuar a memoria ( por mais afrontosa que seja para o nome Francez ) a fim de que os ho-

mens propensos sempre a enredar-se nas disputas da Religião, vejam a que excessos os pôde conduzir o espirito de parcialidade.

Vio-se então n'huma Corte, que se jactava de polida, huma mulher celebre pelos seus attractivos, e descripção, e hum Monarcha de 23 annos ordenarem muito a sangue frio a mortandade demais de hum milhão de seus Vassallos; e esta mesma Nação, que hoje não pôde sem tremer de horror lembrar-se d'este crime, o commetteu então com transporte, e zelo, tanto assim, que mais de cem mil homens forão aßassinados pelos seus compatriotas; e sem as prudentes precauções de algumas virtuosas personagens como o Presidente Jeannino, o Marquez de Saint Herem, e outros; ametade dos Francezes degolava a outra ametade.

Como Carlos IX. não viveu muito tempo depois de S. Bertholomeu; seu irmão Henrique III. abandonou o Throno da Polonia, para vir reabysmar a França em novas desgraças, das quaes só a livrou Henrique IV., tão justamente denominado o Grande pela posteridade, que he quem unicamente pôde dar este titulo.

Voltado Henrique III. á França achou nella dois partidos dominantes: hum era o dos Reformados, renascendo das suas cinzas mais violento que nunca, e tendo á frente o mesmo Henrique o Grande, a esse tempo Rei de Navarra; o outro era o da Liga, facção poderosa, e formada lentamente pelos Guizas, bafejada pelos Papas, fomentada pela Hespanha, augmentando-se todos os dias pelo artificio dos Ecclesiasticos, e consagrada na apparencia pelo zelo da Religião Catholica, mas tendendo efficazmente para a rebelião: era seu Chefe o Duque de Guiza, chamado o Balabré, Principe de hum reputação brilhante, cujas qualidades erão maiores, que boas, e que parecia ter nascido para mudar a face do Estado n'estes tempos de perturbação, e desordem.

Henrique III. em vez de suffocar estes dois partidos debaixo do pezo da auctoridade Real, lhes deixou criar forças pela sua fraqueza, e julgou dar hum passo muito politico em se declarar Chefe da Liga, da qual nunca foi senão hum escravo. Elle se viu compellido a fazer a guerra pelos interesses

do Duque de Guiza, que intentava destronizallo, contra o Rei de Navarra seu cunhado, e seu herdeiro presumptivo, o qual só cuidava em estabelecer a auctoridade Regia, conhecendo muito bem, que obrando assim para com Henrique III., a quem devia succeder na Coroa, trabalhava ao mesmo tempo pela sua propria utilidade.

O Exercito, que Henrique III. enviou contra o Rei seu cunhado, foi batido em Coutras, em cuja batalha morreu Joyeuse seu privado; porém o Navarrez não quiz tirar outra vantagem da victoria, que a de reconciliar-se com o Rei, e por isso ainda que vencedor pedio a paz, a qual o Rei vencido se não atreveu a acceitar com medo do Duque de Guiza, e da Liga. N'este mesmo tempo desbaratou Guiza hum Exercito de Allemaens, e estes successos do Balabré, humilharão ainda mais o Rei de França, que então se julgou vencido pelos da Liga, e pelos Reformados.

O Duque de Guiza deslumbrado pela sua gloria, e forte pela fraqueza do Soberano, veio a Pariz a pezar das ordens em contra-

rio e foi então o famoso dia das Barricadas em que o Povo expulsou as guardas do Rei e o Monarchia se viu obrigado a fugir da sua Capital.

Ainda fez mais Guiza. Obrigou o Rei a celebrar os Estados geraes em Blois, e tomou tão bem as suas medidas, que estava a ponto de se senhorear da auctoridade Real, por consentimento dos que representavão a Nação, inda que debaixo da apparencia das mais respeitaveis formalidades. A urgencia do perigo despertou em fim Henrique III., o qual mandou matar no Castello de Blois este inimigo pernicioso, e seu irmão o Cardeal, mais violento, e mais ambicioso ainda que o mesmo Duque.

Acconteceu então á Liga o mesmo, que tinha succedido ao partido Protestante depois do S. Bartholomeu; isto he, que a morte dos Chefes reanimou o partido. Os Ligados tirarão a mascara; Pariz fechou as suas portas; não cuidou senão em vinganças, olhando todos para Henrique III. como para hum assassino dos defensores da Religião, e não como para hum Rei, que tinha punido Vassallos rebeldes.

Vendo-se então Henrique III. acossado de todos os lados, foi-lhe finalmente forçoso reconciliar-se com o Navarrez: Unidos estes dois Principes, vierão acampar-se diante de Pariz, e aqui he que começa a Henriada.

O Duque de Guiza deixava ainda hum irmão, que era o Duque de Mayenne, homem intrepido, porém mais habil que cativo, o qual se vio de repente á testa de hum facção, que conhecia as suas forças, e estava animada pala vingança, pelo fanatismo.

Quasi toda a Europa entrou n'esta guerra. A celebre Isabel Rainha de Inglaterra, que professava a mais alta estima ao Rei de Navarra, e que teve sempre hum extremosa paixão de o ver, o soccoreu muitas vezes com gente, dinheiro, e Navios; e foi Duplessis Mornay, o que passou a Londres a solicitar estes soccorros.

Da outra parte o ramo Austriaco, que reinava na Hespanha, favorecia a Liga, na esperança de recolher alguns despojos de hum Reino dislacerado pelas guerras civis: Os Papas combatião o Rei de Navarra não só pelas excommunhões, mas por todos ar-



tifícios da politica , e pelos limitados soccorros de homens , e dinheiro , que a Corte de Roma pôde fornecer.

Com tudo Henrique III. hia a senhorear-se de Pariz , quando foi assassinado em S. Cloud por Jacques Clemente , o qual cometeu este parricidio na apprehensão , de que obedecia Deos , e obtinha a Lauréola de Martyr : esta morte não foi só o crime d'este Religioso fanatico , mas o de todo o seu partido , cuja opinião publica , e a crença dos Ligados era , que se devia matar o Rei , se elle estivesse mal com a Corte de Roma. Assim o clamavão os Pregadores nos seus sermoens ; assim se impmeeria em odos esses livros miseraveis , que então inundavão a França , e que apenas se descobrem hoje em algumas livrarias , como monumentos curiosos de hum seculo igualmente barbaro nas letras que nos costumes.

Depois da morte de Henrique III. , o Rei de Navarra , Henrique o Grande reconhecido , e acclamado Rei pelo Exercito , teve a suster todas as forças da Liga , de Roma , da Hespanha , e o seu proprio Reino para

conquistar. Elle bloqueou , e sitiou Pariz em diferentes occasiões. Entre os grandes homens que lhe forão uteis n'esta guerra , e de que se faz menção n'este Poema , se contão os Marechaes d'Aumont , e de Biron: o Duque de Bouillon &c. Duplessis Mornay teve a intima confiança d'este Principe até que este mudou de Religião. Elle o servia com o sua pessoa nos Exercitos , com a sua pena contra as Excommnhões dos Papas , e com a sua grande arte de negociar , buscando-lhe soccorros de todos os Principes Protestantes.

O principal Chefe da Liga , era o Duque de Mayenne; tendo depois d'elle a primeira reputação o Cavalheiro d'Aumale , moço Principe , conhecido por aquella fereza , e valor brilhante , que distinguão particularmente a casa de Guiza. Elles obtiverão muitos soccorros da Hespanha ; porém aqui só se faz menção do famoso Conde d'Egmont , filho do Almirante , que conduzio 1400 lanças ao Duque de Guiza.

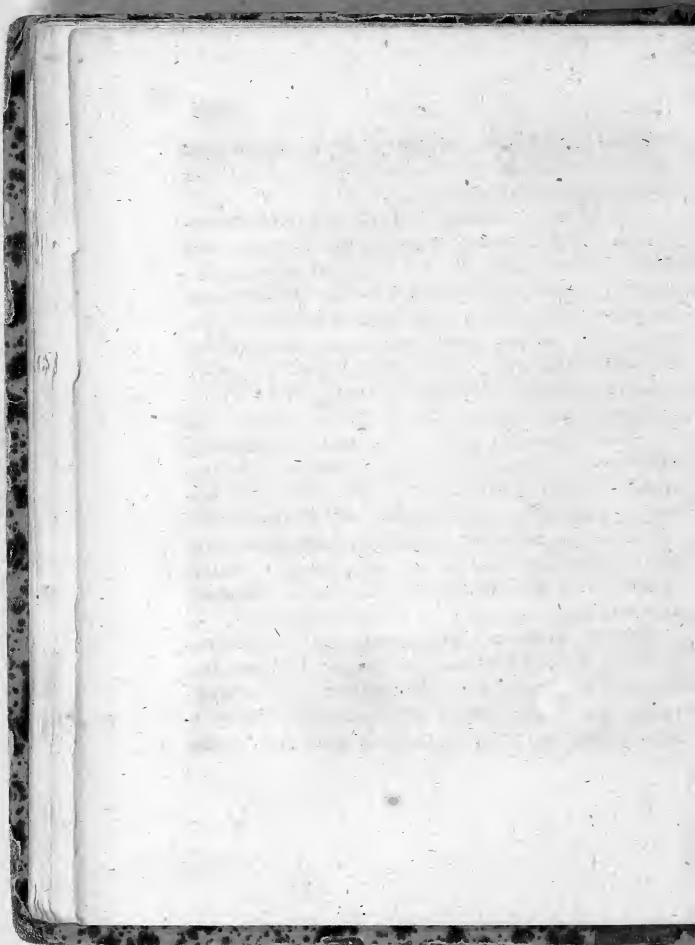
Dêrão-se muitos combates ; dos quaes o mais decisivo , e o mais glorioso para Hen-

rique IV., fôí a batalha de Ivry, em que o Duque de Mayenne foi vencido, e o Conde d'Egmont morto.

No decurso d'esta guerra, o Rei se namorou da formosa Gabriella de Estrée; mas sem que o seu valor se corrompesse junto d'ella, como testemunha a carta, que se acha na livraria do Rei, na qual elle diz á sua amada = Se sou vencido, vós bem me conheceis para crer, que não fugirei; porém o meu ultimo pensamento será em Deos, e o penultimo em vós. =

Finalmente ommittem-se muitos factos consideraveis, que não tendo lugar no Poema, o não devem tambem ter aqui. Não se falla na expedição do Duque de Parma, que só servio a retardar a queda da Liga; nem do Cardeal de Bourbon, que foi por algum tempo hum Rei fatastico debaixo do nome de Carlos X.

Basta dizer-se, que depois de tantas desgraças, e dessolações, Henrique IV. se fez Catholico, e que os Parisienses, que aborrecião a sua Religião e respeitavão a sua pessoa, então o reconhecerão por seu Rei.



# HENRIADA.



## CANTO I.

### ARGUMENTO.

*Henrique terceiro, unido com Henrique de Bourbon Rei de Navarra contra a Liga, havendo já começado o bloqueio de Paris, envia secretamente Henrique de Bourbon a pedir socorro a Isabel Rainha de Inglaterra; o Herôe soffreu huma tormenta, e aportando a huma Ilha, n'ella encontra hum velho Catholico, que lhe vaticina a sua mudança de Religião, e a sua subida ao Throno. Descreve-se a Inglaterra, e o seu governo.*

**E**U canto o Herôe, aquelle que na França  
Reinou, já por direito de conquista,  
Já por lei, e razão de nascimento,

Que dos proprios trabalhos aprendera  
A governar, e bem que perseguido,  
O perdão soube unir sempre ás victorias,  
Confundio a Mayenne, a Liga, o Ibéro,  
E foi Senhor, e Pai de seus Vassallos.

Tu, augusta verdade, dos Céos desce,  
Tua força, e clareza em meus escriptos  
Derrama, porque então os Reis attentos  
Lhes prestem seus ouvidos: só tu podes  
Annunciar-lhes o que elles saber devem:  
Aos olhos das Nações só tu declaras  
Das suas divisoens os máos effeitos:  
Dize, quanto a Discordia há produzido,  
Quanto as nossas Provincias há turbado,  
Conta do Povo as mágoas, e infortunios,  
E numéra do Principes os erros:  
Vem pois, falla, e se he certo que algum dia

A fabula se unio aos teus accentos,  
E com mão delicada a tua augusta  
Frente ornou, se illustrou com suas sombras  
Da tua luz os raios, tu comigo  
Permitte-lhe, que vá sobre teus passos  
Para mais adornar tuas bellezas.

Com froxa mão Valois (a) sostinha as redeas  
Do Estado fluctuante; as leis sem força  
Se vião, os direitos confundidos,  
Ou diga-se antes, que elle não reinava.  
Não era mais o Principe glorioso  
Nos combates instruido (b) desde a infancia,

A ii

---

(a) Henrique III. Rei de França, huma das principaes personagens deste poema; he n' elle nomeado por Valois, apellido do ramo Real, donde elle procedia.

(b) Henrique III. sendo Duque de Anjou commandou os Exercitos de seu Innão Carlos IX. con-

Que a Europa respeitou pelas victorias ,  
E que a Patria livrou de oppressões tantas :  
Valois , de quem do Norte os Póvos vendo ,  
E admirando as inclitas virtudes ,  
A seus pés offertavão os diademas ;  
Tanto brilhou no emprego menos digno ,  
Como então se eclipsou no mais excelso :  
De intrepido Guerreiro elle se torna  
Hum Rei fraco : no Throno adormecido ,  
E entranhado no seio da moleza ,  
Da Coroa o pezo , como que o opprimia.  
Quéluz, (e) e d'Espèrnon, Saint-Maigrin, Joyeuse,  
Mancebos voluptuosos , que reinavão  
Debaixo do seu nome , corruptores  
Politicos de hum Rei affeminado ,

---

tra os Protestantes , e tinha ganhado aos 18 annos da sua idade as batalhas de Jarnac , e de Montcour.

(e) Erão estes os mancebos , ou favoritos de Henrique III.



Só cuidavão no luxo, e nos prazeres,  
Precipitar seus languidos lethargos.

Sobre este abatimento então dos Guizas  
A rapida fortuna levantava  
Toda sua grandeza; elles formavão  
Em Pariz a orgulhosa, a fatal Liga  
Da fraqueza do Rei rival ufana;  
Os Póvos, vis escravos só dos Grandes,  
Com pertinaz cegueira perseguição  
O seu Senhor, seguião os tyrannos;  
Os amigos infieis, e corrompidos  
O abandonarão logo, e pelo Povo  
Do amedrontado Louvre foi expulso;  
O estrangeiro aos rebeldes prompto acode;  
Tudo acabava em fim, quando apparece  
O virtuoso Bourbon, (d) que de hum guerreiro

---

(d) Henrique IV. Heróe d' este Poema, he

Ardor cheio, se eleva, e restitue  
Ao seu Príncipe cego a luz perdida;  
Reanima-lhe as forças; elle o arranca  
Do centro da vergonha para a gloria,  
Do encanto dos prazeres para a guerra;  
Aos muros de Pariz ambos se avançam,  
Roma se assusta, os Hespanhoes já tremem,  
E a Europa, interessada nas contendas,  
Sobre a Patria infeliz se poem á lerta.

Em Pariz a Discordia então se via  
Excitando aos combates a Mayenne,  
A Liga, o Povo, a Igreja: alli bradava  
Do alto das suas torres pela Hespanha,  
Que soberba viesse em seu socorro:  
Este monstro impetuoso sanguinario,

---

aqui chamado indifferentemente, ou Bourbon, ou  
Henrique.

## C A N T O I.

7

De seus proprios Vassalos he inimigo ;  
Das desgraças dos homens elle nutre  
Cruel os seus designios ; quasi sempre  
Do seu Partido o Sangue as mãos lhe tinge ,  
Nos corações habita , que corrompe ,  
E com tyranno imperio em fim castiga  
Esses mesmos delictos , que elle inspira.

Da parte do Poente , junto ás margens  
Floridas , onde o Sena , circulando ,  
Se auzenta de Pariz , lugar que he hoje  
Delicioso retiro , onde triumphão  
As artes , e se ostenta a natureza ,  
Theatro , que então foi , sanguinolento  
Dos mais feros combates , seus soldados  
Valois , o infeliz Rei , prompto juntava :  
Da França sustentaculos ferozes  
São a hi mil Heróes , se pela Seita  
Divididos , conformes á vingança :

He nas mãos de Bourbon, que commettida  
A sua sorte se acha; este ganhando  
Os corações de todos, une a todos;  
Ao seu poder o Exercito sujeito,  
Outro Chefe não tem, nem outra Igreja:  
Luiz, (e) Pai dos Bourbons, lá d'esse seio  
Dos immortaes, fixava as ternas vistas  
Sobre elle, pois só nelle o esplendor forte  
Da sua geração vaticinava;  
Seus erros sente, seu valor estima,  
Com a Coroa devia hum dia honra-lo,  
Mas illustrado o quer: No em tanto Henrique,  
Por caminhos occultos, que elle mesmo  
Desconhecia, á summa gloria ascende:  
Luiz, d'essas alturas, lhe prestava  
O soccorro, porém esconde o braço,

---

(e) S. Luiz IX. do nome Rei de França; tronco, de que nasce o ramo dos Bourbons.

Que estendia por elle, porque estando  
Da victoria Senhor, não conseguisse  
Com o menor perigo menos gloria.

Junto ás suas muralhas mutuamente  
Já os dous Partidos tinham balanceado  
Mais de huma vez as sortes; já furiosa  
A carnagem nos campos assolados  
Davão a ver da colera dois mares,  
Quando a Bourbon Valois este discurso  
Dirige interrompido dos suspiros. ,,  
,, A que ponto o destino hoje me humilha,  
,, Vós o estaes vendo; a minha injuria he vossa;  
,, Ao seu Principe opposta a Liga infame,  
,, Contra elle erguendo a fronte sediciosa,  
,, No seu furor a ambos nos confunde,  
,, Nos persegue; já não nos reconhece;  
,, A mim, que sou seu Rei, Pariz resisto  
,, E a vós que o deveis ser, se não sujeita:

„ Sabe que as Leis, que o merito, que o sangue  
„ A este lugar , depois de mim , vos chamão,  
„ Por temer desde já vossa grandeza ,  
„ Do Throno , em que vacillo , vos exclue ;  
„ Da Relegião na colera terrivel  
„ Fataes excomunhões (f) se vos fulminão ;  
„ Roma , que leva a guerra a toda a parte  
„ Sem soldados possuir, nas mãos da Hespanha  
„ Há posto os seus trovões : á fé faltarão  
„ Os Vassallos , parentes , e os amigos ,  
„ Todos me fogem , todos me abandonão ,  
„ Ou se armão contra mim; o Hespanhol chega,  
„ Que enriquecido vem com minhas perdas ,  
„ Os meus Campos talando já desertos :  
„ A' vista pois de tantos inimigos ,

---

(S) Henrique IV. Rei de Navarra havia sido solememente excommungado por Sixto V., e declarado incapaz de succeder na Coroa de França.

„ Que ultrajar-me desejão , o Estrangeiro  
„ Em meu soccorro á França se convoque ;  
„ Da brilhante Rainha dos Inglezes  
„ O coração ganhai muito em segredo ;  
„ Sei que entre elles , e nós , immortal odio  
„ Unir-nos raras vezes nos consente ;  
„ Emula de Pariz foi sempre Londres ;  
„ Mas depois das affrontas , com que eu vejo  
„ Minha gloria murchar-se , já não tenho  
„ Mais Vassallos , nem Patria ; eu aborreço ,  
„ E quero punir Povos tão odiosos ;  
„ Qualquer , que me vingar , eu o reputo  
„ Por Francez a meus olhos ; nesta empreza  
„ Eu não occuparei algum d'aquelles  
„ Meus agentes occultos por inertes ;  
„ A vós sómente imploro ; sendo vossa  
„ Huma palavra , basta porque eu tenha  
„ Na minha dita os Reis interessados :  
„ Ide pois a Albião , que o vosso nome ,

„ Fallando ahi por mim , immensas tropas  
„ Eu vejo me conduz ; meus inimigos  
„ Vencer espero pelo vosso braço ,  
„ E amigos me darão vossas virtudes. „

Fallou , e o Heróe activo , que zeloso  
Da sua gloria , teme o dividi-la ,  
Ouvindo-o se occupou de hum dôr justa :  
Sentia os doces tempos agradaveis  
Ao seu coração grande , quando forte  
Só com o seu valor , sem mais socorro ,  
Fazia com Condé (g) tremer a Liga :  
Mês de hum Rei foi preciso que cumprisse  
Os designios ; suspende em tanto os golpes ,  
Que a sua mão vibrava : assim deixando  
Os loiros , que colheu sobre estas margens ,

---

(g). Era Henrique Principe de Condé , filho de  
Luiz morto em Jarnac.



A partir d'estes campos já se esforça;  
Os soldados attonitos ignorão,  
Qual seja o seu intento, esperão todos  
Ver, a que se destina o seu retiro;  
Elle parte. Entre tanto a criminosa  
Cidade o crê presente, e sempre prompto  
A ir sobre ella; o seu augusto nome  
(Que era do Throno o mais seguro arrimo)  
A aterrava, e por elle combatia.

Já os Campos Neustriannos atravessa;  
Nenhum de seus validos o acompanha  
Senão Mornay, (h) Mornay seu confidente,  
Mas nunca adulator; virtuoso apoio  
Do erro, e do seu Partido; que no zelo,  
E na prudencia insigne, servio sempre

---

(h) Duplessis Mornay, o mais virtuoso, e o maior homem do partido Protestante, era chamado o Papa dos Hugonotes.

Com igualdade á sua Igreja , e á França ;  
Censor dos Cortezaons , da Corte amado ,  
Contrario a Roma , mas de Roma acceito.

Onde entre dois rochedos o mar brama ,  
E quebra as suas ondas espumantes ,  
Feliz porto ao Heróe Dieppa offrece ;  
Ao embarque se apressão com ardencia  
Os marinheiros : féros dominantes  
Das ondas são as Nãos , que estão já promptas  
A voar sobre as liquidas planicies :  
Nos ares prezo o Bóreas imptuoso ,  
Sopra o benigno Zefiro nos mares ;  
Levão ancora , a terra já lhes foge ,  
Descobrem logo as praias desejadas.

O astro maior do dia de repente  
Se escurece ; o ar se turba , o Céo troveja ,  
O mar bramar ao longe já se escuta ;

Sobre as vagas fataes soltão-se os ventos  
Os raios sintilando estão das nuvens,  
O fogo dos relampagos, o abysmo  
Das ondas espantosas a ver davão  
Por toda a parte a morte aos marinheiros.

O Heróe, a quem cercava hum mar furioso,  
No perigõ não cuida, só nos males  
Que são da Patria; a ella volta os olhos,  
Nos seus vastos projectos culpa os ventos,  
Que lhe embargão assim os seus destinos:  
Tal, e menos brioso, Cesar, (i) quando  
Nas ribeiras de Epyro disputava  
O Imperio do Universo; ás ondas crespas,

---

(i) Julio Cesar estando em Epyro, fe embarcou occultamente de noite sobre o pequeno rio Bolina em hum barco de doze remos, para ir em pessoa em busca das suas Tropas, que estavam no Reino de Napoles, e ahi padeceu huma furiosa tormenta.

Aos impetuosos ventos entregando  
O destino da terra , e o dos Romanos ,  
Já a Pompeo , já a Neptuno desafia ,  
Sua fortuna oppondo á tempestade.

Deos então ; esse Deos, que he do Universo,  
Que sobre os ventos vôa , e excita os mares ;  
O Deos , cuja ineffavel , e profunda  
Sabedoria fórma , exalta , e abate  
Os Imperios do mundo , do seu Throno ,  
Que na altura dos Ceos em luzes brilha ,  
Se digna sobre o Heróe fitar seus olhos :  
Elle o guia ; elle ordena ás tempestades ,  
Que a Náo levem ás praias que estão perto  
Onde á vista parece , que do seio  
Das aguas sahe Jersey ; lá conduzido  
Pelo Ceo apportou o Heróe valente.

Não longe d'esta praias corre hum bosque,

Cujas sombras convidão ao descanso ;  
Das ondas ao furor alli se occulta  
Por hum rochedo, e ao mesmo tempo os ventos  
Perturbar-lhe não podem o repouso :  
Junto huma gruta está , cuja estrutura  
Deve por simples todo seu ornato  
A's mãos da natureza. Tempo havia  
Que hum venerando Ancião , longe da Corte ,  
A doce paz buscou n'esta morada  
Tenebrosa , aos mortaes desconhecida :  
De inquietações izento , era alli , onde  
Fazia de si mesmo o seu estudo ,  
Onde chorava os seus inuteis dias ,  
Que o mundo lhe levára em vaõs prazeres ;  
Sobre o innocente esmalte destes campos ,  
A'borda d'estas fontes submettia  
A seus pés as paixões da humanidade ;  
Tranquillo elle esperava , que á medida  
De seu desejo a morte se chega-se ,

Para ao seu Deos unir-se para sempre;  
Esse Deos, que elle adora, he quem protege  
Seus já pezados annos, quem permite,  
Desça a Sciencia sobre o Solitario,  
Quem liberal em fim de seus thesouros  
Lhe pantentea o livro dos destinos.

Este Ancião ao Heróe, cujo character  
Deos lhe faz conhecer, junto á corrente  
De huma sonora fonte lhe offerece  
Hum banquete campestre; costumado  
Era o Principe a estas iguarias;  
Muitas vezes debaixo da choupana  
Humilde do Pastor, fugindo ao ruido  
Das Cortes, e buscando-se a si mesmo,  
Elle o esplendor depunha do diadema.

A turbacão fatal da Christandade  
Les foi assumpto a hum entretenimento;

Mornay na sua Seita era constante,  
E ao Calvinismo dava apoio forte;  
O Heróe inda duvida, e ao Céos implora,  
Que hum raio de luz venha abrir-lhe os olhos:  
A verdade sagrada (!) (elle dizia)  
Foi para com os fracos mortaes sempre

---

(i) Pela introdução do peccado ficou o entendimento do homem tão enublado, que já elle era incapaz de descobrir por si o caminho verdadeiro para sua felicidade. Não bastando pois a razão para obter este fim, foi necessario huma revelação Celeste, que ensinasse ao homem as suas obrigações respectivas a Deos; mas esta devia ter aquellas indispensaveis notas, pelas quaes se fizesse conhecer, e acreditar dos Póvos todos. Em todo o tempo ella foi necessaria, e claramente vizivel ás luzes mesmo da razão, ás quaes só o homem por sua culpa podia fechar os olhos: Logo he claro, que as expressões do A., que elle poem na boca de Henrique IV. são nascidas do erro, e da ignorancia, que elle tinha do verdadeiro systema da Religião. (Nota do Editor).

*Revelação*  
4012

De erros cercada ; em Deos sómente o amparo  
He precizo esperar , e que no emtanto  
Eu ignore as estradas , que a elle guião ;  
Hum Deos tão bom , e que domina no homem  
Porque não quer , não he inda servido :  
Adoremos de Deos ( o Ancião responde )  
Os designios , mas nunca lhe imputemos  
Os defeitos dos homens ; eu em França  
Vi nascer n'outro tempo o Calvinismo  
Humilde , e fraco , sem favor crescendo ,  
Eu o vi desvalido , desterrado ,  
Dos nossos muros , sempre a passos lentos  
Por occultos rodeios avançar-se ;  
Agora em fim meus olhos estão vendo  
Bem do centro do pó este fantasma  
Monstruoso levantar a frente altiva ,  
Collocar-se no Throno , alli insultar-nos ,  
Com hum pé desdenhoso , e cheio de ira ,  
Lançar por terra em fim nossos altares :



Quiz nesta gruta então, longe da Corte,  
Da minha Religião chorar a injuria:  
Huma esperança os meus cançados dias  
Aqui consola ao menos; vejo hum culto  
Que por novo não pôde durar sempre;  
Do capricho dos homens há tirado  
O ser que tem, ver-se-ha também que acaba  
Como se vio nascer; as obras do homem  
São tão frageis, como elle; Deos dissipa,  
Quando quer, os designios orgulhosos;  
Só elle he sempre estavel: em vão pensa  
A malicia em destruir esse edificio  
Da Cidade bemdita, a quem Deos mesmo  
Quiz firmar os sagrados fundamentos,  
Que triunfão do inferno, e das idades:  
A vós, grande Bourbon, o Deos immenso  
Se fará conhecer; vós illustrado  
Vereis, que terão fim vossos dezejões;  
Deos vos há escolhido, e nos combates

Vossos passos conduz a mão Suprema  
Ao Throno dos Valois , a voz terrivel  
Se escuta já , que ordena se preparem  
Os caminhos da gloria para Henrique :  
Mas se a sua verdade não illustra  
Vosso espirito , crêde-me , que entrada  
Nos muros não tereis do Paraíso :  
Evitai sobre tudo huma fraqueza  
Que os corações maiores entorpece ;  
De hum gostoso veneno , de hum agrado  
Encantador fugi , vede com susto  
Sempre vossas peixões , e se algum dia  
Vos combater amor , sabeí vencello.  
Quando por hum esforço em fim Supremo  
Triunfado tiverdes dos da Liga ,  
E o que he mais , de vós mesmo , quando em cerco  
Horriavel , e apontado nas idades ,  
Se veja todo hum Povo consternado  
Alentar-se dos vossos beneficios ,

N'esse tempo então do vosso Estado  
Terão fim as misérias, vós os olhos  
Ao Deos de vossos Pais ireis erguendo ;  
Vereis, que hum coração, que he justo, pode  
N'elle esperar ; parti ; quem se assemelha  
A Deos, seguro está do seu auxilio.

Cada palavra, que elle proferia ,  
Era hum raio de luz, que penetrava  
Henrique até o fundo da sua alma ;  
Elle então se imagina transportado  
A'quelles doces tempos, em que o Eterno  
Deos dos homens com elles praticava ;  
Em que a simples virtude dos milagres  
Era dispensadora, tinha imperio  
Sobre os Reis, e os Oraculos rendia.

O Heróe a seu pezar o Ancião virtuoso  
Já deixa, e abraça, lagrimas vertendo

De seus olhos ; e desde o mesmo instante  
A aurora vio d'aquelle feliz dia ,  
Que para elle ainda não brilhava :  
Mornay sim pareceu ser sorprendido ,  
Mas tocado não foi ; não se lhe havia  
Deos, Senhor dos seus dons , feito patente ;  
Não lhe servio na terra ter de sabio  
O nome , pois no meio das virtudes  
Teve em repartição sómente o erro :  
Em quanto o raro Ancião , por Deos instruido ;  
O Principe entretinha, e lhe fallava  
Ao coração , os ventos imptuosos  
A' voz do Céu de todo se aplacarão ;  
O Sol torna a luzir , mar socega ,  
Até ás praias Bourbon he conduzido ,  
Parte , e aos mares de Albião dirige a proa.

A'vista da Inglaterra elle comsigo  
D'este potente Imperio vê , e admira

A mudança feliz ; onde hum abuso  
Continuado de Leis tantas , e sabias ,  
Causou por muito tempo os infortunios  
Do Povo , e dos seus Reis ; sobre este theatro  
Sanguinoso , em que cem Heróes morrerão ;  
Sobre este Throno augusto , e vacilante ,  
De que hum cento de Reis tem procedido ,  
Huma mulher se vê , que subjugando  
A seus pés os destinos , assombrava  
Co'esplendor do seu Reino o mundo todo.  
Sim , tal era Isabel , cuja prudencia  
Da Europa propender fez a balança  
Para a sua eleição ; que fez , que o jugo  
O indomavel Inglez contente amasse ,  
Elle que nunca pôde altivo , e forte  
Nem servir , nem viver em liberdade :  
No seu Reinado os Póvos suas perdas  
Esquecido tem já , estão cubertos  
Seus Campos de rebanhos alentados ;

As lavoiras de pão, de Náos os mares ;  
Elles se vem temidos sobre a terra ,  
Sobre as águas são Reis , as suas frotas  
Subjugando imperiosas a Neptuno ,  
Dos fins do mundo chamão as riquezas ;  
Londres barbara foi antigamente ,  
Hoje he o centro das artes , do Universo  
Ella he hoje o armazem , templo de Marte :  
De Wesminster (*m*) nos muros tres estados  
Se ajuntão , pela união sempre admiraveis ;  
Deputados do Povo , o Rei , e os Grandes ;  
Se pelos interesses divididos ,  
Reunidos pela Lei ; todos tres membros  
De hum invencivel corpo , perigoso  
A si mesmo , terrivel aos vizinhos ;

---

(*m*) Em Wesminster se junta o Parlamento de Inglaterra: he preciso o concurso das Camaras dos Commus , dos Pares , e consentimento dos Reis , para que se possam formar as Leis.

Feliz , se o Povo , ao seu dever attento ,  
O poder-Soberano não altera ;  
Mais feliz , quando hum Rei affavel , justo ,  
A liberdade publica respeita.  
Ah ! ( exclama Bourbon ) quando os Francezes  
Poderão , como vós , reunir seguros  
A gloria com a paz ! Que sabio exemplo  
Aos Mornachas da terra ! A mulher forte  
Assim da guerra as portas há fechado ,  
A discórdia , e o horror , he deste modo  
Que aos outros há mandado : hum Povo a adora ,  
Ella a felicidade faz de hum Povo.

Chega entre tento o Heróe áquella immensa  
Povoação , onde só a liberdade  
A abundancia entretém , diviza a torre  
Do vencedor Guilherme , (n) mais ao longe

---

(n) A torre de Londres de hum antigo Castel-

De Isabel o magnifico Palacio,  
Só de Mornay seguido, sem mais pompa,  
Sem o ruido vão, e apparatoso,  
De que os Grandes se inflamão, mas que attende  
Hum Heróe verdadeiro com desprezo,  
Elle busca a Rainha, elle lhe falla;  
Serve a sinceridade de eloquencia;  
Elle as necessidades em segredo  
Lhe expõem da França, e pelas rogativas,  
Com que seu coração se humilha, e rende,  
Nas suas submissões sua grandeza  
Se deu a conhecer: Que? vós servindo  
A Valois! (a Rainha lhe diz logo  
Sorprendida) He pois elle quem ás margens  
Do Tamize famoso vos envia?  
Vós Protector de vossos inimigos?

---

lo, edificado junto ao Tamize por Guilherme o  
Conquistador, Duque de Normandia.



Por hum , que he seu rival , me roga Henrique?  
Das barreiras do Poente até da aurora  
Tocar nas portas , inda o mundo falla  
Das entre vós durissimas contendas ;  
E em favor de Valois eu vejo armar-se  
O braço , aquelle braço , que elle mesmo  
Tantas vezes temeu ? Suas desgraças  
( Diz elle ) haõ suffocado os nossos odios ;  
Era escravo Valois ; elle há quebrado  
Em fim suas cadeas : feliz sempre  
Seria , se da minha fé seguro ,  
Outro encosto , outro alliado não buscasse ,  
Que a mim , e o seu valor ; mas o artificio  
Elle sempre empregou , e fingimento ;  
Meu inimigo há sido por fraqueza ,  
E por temor , mas eu em fim me esqueço  
Da sua falta vendo o seu perigo ;  
Eu o venci , Senhora , e vou vingallo ;  
N'esta guerra podeis , grande Rainha ,

Signalar para sempre o vosso nome ,  
C'roar vossas virtudes sustentando  
Nossos direitos , sim podeis não menos  
A contenda dos Reis vingar comigo .

Impaciente Isabel manda lhe conte  
As turbações da França , e que lhe narre ,  
Que artificios , que serie de successos  
Tal mudança em Pariz há produzido ;  
Já a trombeta da Fama (lhe diz ella)  
D'estas scenas fataes , e sanguinosas  
Me ha feito sabedora muitas vezes :  
Mas sei , que a sua voz por indiscreta ,  
Na sua ligeireza sempre espalha  
Confundida a verdade co' a mentira ;  
Narrações pouco fieis escuzei sempre ;  
Porém vós testemunha d'estes longos  
Debates , de Valois vós que haveis sido  
Vencedor , ou patrono em todo o tempo ,

Explicai-me o nó firme de amisade ,  
Que hoje a elle vos une ; referi-me  
Esta mudança extrema ; de vós mesmo  
Só vós podeis fallar mais dignamente ,  
Individuai-me em fim vossas desgraças ,  
E as felices emprezas ; pensai sempre ,  
Que he a lição dos Reis a vossa vida.

Ah ! (responde Bourbon) será preciso ,  
Que a memoria renove d'esses tempos  
A desgraçada historia ! O Ceo quizesse  
Pois que elle he testemunha de meus males)  
Que occultasse hum eterno esquecimento  
Fealdades tantas ! Ah ! porque , Rainha ,  
Mandais vós , que os furores , e a vergonha  
Dos Principes vos cante do meu sangue ,  
Quando a esta lembrança tão sómente  
O coração no peito tremer sinto !  
Mas sois vós , quem o ordena ; eu obedeço ;

Sendo outro o que fallasse , poderia  
Disfarçar com industria seus delictos ,  
Astuto desculpar sua fraqueza ;  
Este artificio não se fez , Senhora ,  
Para meu coração , a minha falla  
Não he de Embaixador , he de soldado.



## C A N T O . II.

### A R G U M E N T O .

*Henrique o Grande conta á Rainha Isabel a Historia das infelicidades da França. Elle passa a buscar a origem d'ellas, e refere com individuação os Massacros de S. Bertholomeu.*

**R**ainha, todo o excesso d'esses males,  
Que experimenta a França, he certamente  
Tanto mais espantoso, quanto a origem  
D'elles he mais sagrada; o cruel zelo  
Da Religião he sempre, quem as armas  
Nas mãos vai pôr de todos os Francezes;  
Entre Genebra, (a) e Roma (b) eu não decido,

B

---

(a) Muitos historiadores pintarão a Henrique IV. fluctuando entre as duas Religiões.

(b) Se a Religião Catholica Romana derivasse a

Qualquer nome Divino , que os Sectarios  
Lhe dem , de ambas as partes tenho visto  
A impostura , e o furor ; e se a perfidia  
Nascida do erro he só ; se nas disputas ,

---

sua dignidade , e esplendor das acções d'alguns de  
seus individuos ; e não do seu augusto Chefe o  
mesmo Filho de Deos , que a fundou , teria razão  
de assim pensar Henrique IV. Ora he constanre  
entre os bons Theologos , que o systema do Chris-  
tianismo , tão longe está de favorecer a persegui-  
ção dos Hereges , que pelo contrario os seus mais  
solidos principios , refutão esta destruidora opinião.  
He verdade , que a carnagem de S. Bartholomeu  
foi apoiada d'alguns Theologos , mas não ha coisa  
por mais santa que seja , de que os homens não te-  
nhão abusado para os seus perversos desígnios. Ao  
mesmo tempo que os Calvinistas se não podem quei-  
xar a este respeito dos Catholicos , porque elles na-  
da mais fizeram , que servirem se do exemplo , que  
Calvino mesmo d'antes tinha dado , fazendo quei-  
mar publicamente em Genebra o desgraçado Serve-  
to , e outros , que forão victimas infelices do seu  
furor. Systema horroroso , que continuação ainda a  
defender os seus sequazes ! (*Nota do Editor*).

A que a Europa se entrega , eu vejo a morte ,  
E a traição ser o sello da mentira ,  
São inhumanos ambos os partidos ,  
Tonto no crime , como na cegueira ;  
Por mim , que só do Estado procurando  
A defeza , o cuidado da vingança  
Aos Ceos sempre deixei , jámais se ha visto ,  
Que excedendo os poderes , o incensorio  
Com indiscreta mão eu profanasse ;  
E pereça a politica horrorosa ,  
Que sobre os corações haver pertende  
Dispotico dominio ; que procura  
Com o ferro na mão voltar os homens ;  
Que com o sangue heretico os Altares  
Só intenta regar , e que seguindo  
Por guia hum falso zelo , ou interesse ,  
Só serve a hum Deos de paz com homicidios .

Provera ao Eterno Deos , cuja lei busco ,

Que a Corte de Valois , como eu , pensado  
Tivesse ; mas o escrupulo não move  
Nem hum nem outro Guiza ; (c) são de hum Povo  
Muito credulo os Chefes ambiciosos ,  
Que cubrindo os seus proprios interesses  
Co' interesse do Ceo , tem conduzido  
Ao laço muitas almas , tem armado  
Sua piedade cruel em minha ruina ;  
Os nossos Cidadãos eu vi com zelo  
Degolarem-se ; eu vi , que elles corrião  
Com os fachos na mão para a carnagem ,  
Sem assás comprehenderem os motivos :  
Vós conheceis o Povo , e ao que se atreve ,  
Quando pensa do Ceo vingar a causa ;  
O véo da Religião lhe cinge os olhos ,

---

(c) Francisco Duque de Guiza , chamado communmente o grande Duque de Guiza , era o Pai de de Balafre. Foi elle , o que com o Cardeal seu irmão lançou os fundamentos da Liga.



E fâz da sujeição que rompa o freio :  
Vós o sabeis , e a vossa providencia  
O mal , quando no berço , ha suffocado :  
A tempestade a penas se formava  
No vosso Reino , quando cuidadoso  
Vosso espirito soube prevenilla ,  
Depois vossa virtude soccegalla ;  
Vós , Senhora , reínaes , Londres he livre ,  
Vossas leis florecentes. Ha seguido  
Outros caminhos Medicis diversos :  
E ás tristes narrações talvez sensivel  
Me perguntais por Medicis qual era ,  
O sabereis ao menos de huma bocca  
Ingenua ; muito d'ella se ha fallado ,  
Mas pouco conhecido ; do seu impio ,  
Profundo coração pouco sondado  
E têm as dobras ; eu porém vinte annos ,  
Que me nutrí na Corte de seus filhos ;  
Que outros tantos nascer vi as tormentas

Dabaixo de seus pés , a meu perigo  
Tenho bem aprendido a conhecella.

Na melhor flor dos annos espirando  
O esposo , pôde a sua ambição rara  
Correr livre ao seu fim ; qualquer dos filhos ,  
Que ella nutrio debaixo da tutela ,  
Se fez seu inimigo desde o ponto ,  
Que sem ella reinou ; do Throno em roda  
Semeavão suas mãos confusamente  
O ciume , e a divizão ; não se escusava  
De oppor sempre com maxima segura  
Os Guizas aos Condés , a França á França ;  
Prompta sempre a ligar-se aos seus contrarios ,  
Já muda de interesses , já de amigos ,  
E de rivaes ; escrava do appetite ,  
Mas menos que ambiciosa , há sido injusta ,  
A' sua Scita infiel , (d) supersticiosa ;

---

(d) Catherina de Medicis deu credito á Magi-

E por tudo dizer tinha do sexo  
Os defeitos , e pouco das virtudes :  
A' minha ingenuidade esta palavra  
Me escapou , perdoai ; em fim , Senhora ,  
Não sois vós n'este sexo comprehendida ;  
Sim , na augusta Isabel nada se encontra ,  
Que admiração não seja ; o Ceo , que soube  
Formar-vos , a reger vossos Estados ,  
Vos fez tambem servir de exemplo a todos ,  
E entre os grandes Heróes vos conta a Europa.

Já Francisco segundo por hum modo  
Não previsto se havia trasladado  
Ao sepulcro , e a seu Pai se havia unido ;  
Froxo mancebo , que de Guiza amava  
Os caprichos ; de quem inda se ignora ,  
Quaes as virtudes , quaes os vicios fossem.

---

ra ; testemunha os Talismans , que se lhe acha-  
ão depois da morte.

Carlos mais moço a penas tinha o nome  
De Rei; Medicis só he quem reinava;  
Sujeito ás suas leis tremia tudo:  
Logo a sua politica severa,  
Por segurar o mando, parecia  
Querer eternizar do filho a infancia;  
A sua mão o fogo da discordia  
Accendendô, firmou-lhe o novo Imperio  
Por cem combates; ella armou as iras  
Dos dois rivaes partidos; Dreux, (e) que logo  
Vio as fataes bandeiras despregadas,  
Foi o theatro espantoso das primeiras  
Emprezas; o infeliz velho-guerreiro  
Montmorenci, (f) dos Reis junto ao sepulchro,

---

(e) A batalha de Dreux, foi a primeira batalha regular, que se deu entre os dois partidos, em 1562.

(f) Anne de Montmorenci, homem obstinado e inflexivel, e o General mais desgraçado do seu tempo. Foi prisioneiro em Pavia, e em Dreux; der-

De hum mosquete ferido , eis a carreira  
Terminou de cem annos de trabalho ;  
Guiza , perto de Orleans , assassinado  
Morreu ; o Rei meu Pai (g) infelizmente  
Foi prisioneiro á Corte : desvalido ,  
E obrigado a servir sempre á Rainha ,  
Sua incerta fortuna com affrontas  
Foi sempre que nutrio , e preparando  
Com sua propria mão suas desgraças ,  
Combateu a favor dos inimigos ,  
E morreu pelos seus perseguidores :

---

rotado por Filippe II. em S. Quintino : e morto  
finalmente na batalha de S. Dinis por hum Inglez  
chamado Stuart , o mesmo , que o tinha prisiona-  
do em Dreux.

(g) Antonio de Borubon Rei de Navarra , e Pai  
de Henrique IV. tinha hum esperito fraco , e in-  
deciso. Renunciou o Calvinismo , em que havia nas-  
cido , no mesmo tempo que sua mulher abando-  
nou a Religião Catholica : elle não soube nunca  
bem , de que partido , ou communhão era. Fol

Condé, (h) que vio em mim o unico filho  
De seu querido irmão, me adoptou logo;  
Foi meu Pai, e por Mestre o tive sempre;  
Foi seu campo o meu berço, onde educado  
Nas fadigas, por entre o pó, e o fumo,  
A' sombra dos loireiros, junto a elle  
A indolencia da Corte desprezava;  
Da minha infancia o fogo ha sido a guerra:  
O' campos de Jarnac! Golpe inhumano!  
Barbaro Montesquieu, mais assassino,  
Que guerreiro! Condé já de cançado  
Debaixo foi cahir da tua furia;  
Eu vi erguer-se o golpe, eu vi cortares

---

morto no sitio de Ruão, servindo o partido dos Guizas, que o opprimião, contra os Protestantes; que estimava: morreu em 1562.

(h) O Principe de Condé, de que aqui se trata, era irmão de Antonio de Bourbon Rei de Navarra, e Tio de Henrique IV. muito tempo Chefe dos Protestantes, e grande inimigo dos Guizas.

Sua vida preciosa; eu inda moço, (i)  
Meu braço debil, ah! que não podia  
Prevenir, nem vingar a sua morte!

O Ceo, que de meus annos protegia  
A fraqueza, fiou dos Herões sempre  
O cuidado da minha mocidade:  
Coligny, (l) de Condé successor digno,  
De mim não menos, que do meu Partido,  
Se ha feito defensor; tudo lhe devo,  
He força que o confesse; se hoje a Europa  
Me louva de huma pouca de virtude,  
Se Roma mesma estima muitas vezes

---

(i) Henrique IV. não tinha mais do que 14 annos e já então notou os erros, que fizeram perder a batalha.

(l) Gaspar de Coligny Almirante de França, filho do Marechal do mesmo nome, e de Luiza de Montmorenci nasceu em Chatillon a 16 de Fevereiro de 1516.

Minhas acções , a vós illustre sombra ,  
A vós he que eu o devo ; eu avultava  
Debaixo de seus olhos ; meu esforço  
Juvenil muito tempo fez da guerra  
Hum duro ensaio : sim , com o seu exemplo ,  
Dos Heróes me instruhia na grande arte :  
Eu via este guerreiro encanecido  
Nos trabalhos , o pezo sustentado  
De huma cauza commua , tendo contra  
De Medicis as forças , e a fortuna ;  
Do seu Partido amado , do contrario  
Tido sempre em respeito ; nas batalhas ,  
Inda quando infeliz , sempre temido ;  
Se sabio nos combates , tambem sabio  
Nas retiradas ; inda mais glorioso ,  
Maior , mais espantoso nas derrotas  
Que Dunois , e Gastáõ já mais o forão  
Na carreira triunfante da fortuna.



Dez annos de successos, e de perdas  
Erão passados; Medicis, que via  
Nossas campanhas cheias de hum Partido  
Renascente, que extincto já suppunha,  
De combater em fim deixa o projecto,  
E de vencer sem fructo; de hum só golpe,  
Sem mais tentar esforços por inuteis,  
Se propoz acabar civis discordias:  
A Corte então de seus favores franca,  
Nos offerta attractivos: não podendo  
Vencer-nos até alli, a paz nos rende;  
Mas que paz! Justo Deos! Deos de vingança,  
Que eu chamo a testemunho! Que de sangue  
Sobre a funesta Oliva não se espalha!  
O' Ceos! he pois assim, que os Reis aplanão  
Os caminhos do crime a seus Vassallos!

Coligny; que fiel dentro em si fôra  
Ao seu Principe, a França sempre amava,

Quando mesmo contra ella combatia :  
A occasião estimou , porque segura  
Parecia ficar do Estado a alliança ;  
Hum Heróe raras vezes desconfia ;  
Elle a seus inimigos sem remorso  
Vem cheio de confiança ; elle até o centro  
Do Louvre enganador meus passos guia :  
Com lagrimas nos olhos me recebe  
Medicis em seus braços , e as ternuras  
De Mái por muito tempo me dispensa ;  
A Coligny segura huma amizade  
Firme , e sincera ; quer por seus conselhos  
Desde então regular-se ; já de empregos  
O reveste , enche-o já de beneficios ;  
Aos meus , a quem engana huma esperança ,  
Dos favores do filho ella concede  
A apparente lisonja ; ah ! nós tranquilllos  
Nos julgavamos já por muito tempo :  
Estas perfidas graças por dolosas

Alguns tinham; as dadas (dizião)  
De hum inimigo sempre são suspeitas :  
Quanto mais desconfiavão , mais sabia  
O Rei fingir ; pouco antes ao perjurio ,  
E ao engano , na sombra do segredo ,  
Medicis costumado havia o filho ;  
Aos delictos moldava aquelle tenro ,  
E facil coração ; ás lições docil  
O Principe infeliz , prompto a segui-las ,  
Pelo genio feroz , que o estimulava ,  
Mostra o muito , que havia aproveitado  
Em tão pessima escola ; occultar sabe  
Inda mais hum tão perfido segredo  
Dando-me sua irmã ; (m) irmão me chama ;  
Nome fatal , que assim me has enganado !  
Vãos juramentos ! Hymineo funesto ,

---

(m) Margarita de Valois irmã de Carlos IX. casou com Henrique IV. em 1572 poucos dias antes dos Massacros.

Tu primeiro signal de nossos males !  
Teus fachos , que accendeu o Ceo irado ,  
A ver me dão de minha Mãi (n) a morte ;  
Eu injusto não sou , nem toda via  
Quero imputar a Medicis a causa ,  
Fujo a talvez legitimas suspeitas ,  
E crimes procurar-lhe não preciso :  
Minha Mãi espirou , perdoai , Rainha ,  
As lagrimas , que agora huma lembrança ,  
De si tão terna , arranca ás minhas dores :  
A hora em fim chegou , e tudo prompto  
Ao exito fatal premeditado.

Sem tumulto , e sem ruido deu-se a senha ;

---

(n) Joanna de Albret , Mãi de Henrique IV. foi attrabida a Pariz com o resto dos Hugonotes , e morreu quasi subitamente , entre o casamento de seu filho , e o S. Bartholomeu , porém Cailard seu Medico , e Desnoeuds seu Cirurgião , Protestantes apaixonados , que abrirão o seu cadaver , não acharão nelle algum signal de veneno.

Da noite as sombras tudo apadrinhavão ;  
Do infeliz mez (o) a desigual carreira  
A luz tremula como que escondia  
De horror , e espanto ; Coligny languente  
Nos braços do repouso descançava ,  
E o somno enganador as dormideiras  
Sobre elle repetia ; de improviso  
Mil gritos , e alaridos espantosos  
D'este grato descanso seus sentidos  
Vem arrancar ; levanta-se turbado ,  
Repara , vê correr de toda a parte  
A tropa de assassinos em tumulto ,  
Em torno vê luzir os fachos , e armas ,  
Seu Palacio abrazado , o mais do Povo  
Em espanto , seus servos suffocados  
Nas chammas , e de sangue todos tinctos ,

---

(o) Na noite de 23 para 24 de Agosto , ves-  
pera de S. Bartholomeu em 1572 , foi que se exe-  
cutou esta sanguinolenta tragedia.

Em chusmas os traidores , na carnagem  
Enfurecidos , a alta voz levantão  
=,,Aninguem se perdoe, heDeos que o manda  
,,He Medicis, he ElRei, que o determina=  
De Coligny o nome soar ouve ,  
O moço Teligny (p) vê vir ao longe ,  
Teligny , cujo amor ha merecido  
Sua filha , elle a unica esperança  
Do Partido , da sua casa a honra ,  
Que ferido , e arrastrado dos malvados ,  
Do seu sangue cuberto , lhe pedia  
Vingança só , e lhe estendia os braços.

Mas o Heróe infeliz sem ter defeza ,

---

(p) O Conde de Teligny havia 10 mezes que se tinha recebido com a filha do Almirante , e era de tão agradável presença , que os primeiros , que chegarão para o matar , se deixarão enternecer á sua vista , porém depois outros mais barbaros o massacrarão.

E sem armas, pensando ser preciso  
O morrer, e morrer sem mais vingar-se,  
Quiz ao menós morrer, como vivera,  
Acabando com gloria, e com virtude.

Já a immensa cohorte de assassinos  
Do salão, em que estava, busca a porta,  
E a pertende quebrar, mas elle abrindo-a,  
Se a presenta a seus olhos com aquella  
Vista serena, e rosto magestoso,  
Tal quando nos combates mais violentos,  
Senhor do seu valor, e bem tranquillo;  
Instava, ou impedia a mortandade.

A este ár veneravel, ao augusto  
Aspecto os matadores sorprendidos,  
De respeito se encherão: huma-força  
Desconhecida as iras lhes suspende;  
Companheiros (lhes diz) findai a obra,

E do meu frio sangue estes já brancos  
Cabellos salpicaí, que quarenta annos  
Ha respeitado a sorte dos combates ;  
Ferí, nada temais, eu sei, que a morte  
Coligny vos perdoa ; a minha vida  
He pouca coisa ; sim, eu vo-la entrego ,  
Já que em vosso favor dalla não posso . . .

Ao dizer isto os Tigres se lhe prostrão ;  
Hum lança fóra as armas só de espanto ,  
Outro lhe abraça os pés, e os humedece  
Com lagrimas : cercado este grande homem  
Assim dos assassinos, parecia  
Rei potente adorado do seu Povo.

Bésme, (q) que a sua victima esperava  
Na Corte, corre, avança-se indignado

---

(q) Bésme era hum Alemão domestico da casa  
de Guiza.



Da mora do seu crime ; a apressar sóbe  
Ancioso os vagorosos assassinos ;  
Ellê aos pés deste Heróe os vê tremendo :  
A tão tocante objecto elle sómente  
Inflexivel se mostra ; elle á piedade  
He sempre o que resiste ; imaginava ,  
Que era traidor a Medicis , e que era  
Delinquente , se acaso sorprendido  
Fosse de algum remorso , e assim por meio  
Rompe da immensa turba a passos largos :  
Com hum semblante intrepido o esperava  
Coligny ; de improviso aquelle monstro ,  
Todo furias , no peito a dura espada  
Lhe atraveça , voltando d'elle os olhos ,  
Receando este cruel , que o rosto angusto  
Com hum golpe de vista não fizesse  
Tremer-lhe o braço , e diminuir-lhe o esforço :

Do maior dos Francezes tal , Senhora ,

A triste sorte foi ; ainda o insultão ,  
E além da morte o ultrajão ; (r) seu cadaver  
Todo ferido a golpes , e privado  
De sepultura , ás aves devorantes  
Servio de indigno pasto ; he transportada  
De Medicis aos pés sua cabeça ,  
Digna conquista d'ella , e de seu filho ;  
Indifferente Medicis a attende ,  
Sem mostrar , que a alegrava aquelle fructo  
De tão cruel vingança , sem remorso ,  
Sem jubilo , dos seus sentidos livre ,  
E como a taes offertas costumada.

---

(r) Pendurarão ao Almirante de Coligny pelos  
pés com humna corrente de ferro na forca de Mont-  
faucou Carlos IX. fôï com a sua Corte gozar de  
este horrivel espectaculo: e dizendo lhe hum dos  
Cortezões , que o corpo de Coligny cheirava mal ,  
respondeu o Rei , como Vitellio , = O corpo de  
hum inimigo morto sempre cheira bem.=

Quem pudera expressar agora as ruínas,  
De que esta cruel noite a nossos olhos  
Presentou as imagens ! Foi a morte  
De Coligny preludio das desgraças,  
Fraco ensaio de todos os mais damnos :  
De hum Povo de assassinos grossas tropas  
Por zelo , e por dever , enfurecidas  
Na carnagem , sem tino assim marchavão ,  
Na mão o ferro , os olhos scitillando ,  
Sobre os corpos , ou mortos , ou feridos ,  
De nossos irmãos : Guiza (f) em frente d'elles  
Em colera abrazado , como que a alma  
De seu Pai sobre os meus vingar queria.  
Nevers , (t) Gondy , (u) Tavanne (x) com a espada

---

(f) Era Henrique Duque de Guiza chamado o Balafré, filho do Duque Francisco, de que assim se fallou.

(t) Frederico Gonsaga da casa de Mantua, Duque de Nevers, hum dos auctores do S. Bartholomeu.

(u) Alberto de Gondy Marechal de Retz, favorecido de Catharina de Medicis.

(x) Gaspar de Tavanne pagem de Francisco I.

Na mão os animavão aos transportes  
Do zelo mais cruel ; dos criminosos  
Mostrando-lhes a lista , lhes marcavão  
As victimas , que são do sacrificio.

Eu não vos pintarei , qual o tumulto ,  
Quaes os gritos , e o sangue que corria  
Por toda a parte : o filho assassinado  
Sobre o corpo do Pai ; a Mãe co' a filha ,  
O irmão co' a irmã , mesmo os esposos  
Que abraçados nos leitos espiravão ,  
Esmagados nos berços os filhinhos  
Com duras pedras ; nada em fim se estranha  
Nos homens , quando mais enferecidos ;  
Mas o que se fará para o futuro

---

Elle corria pelas ruas de Pariz na noite de S. Partholomeu , clamando ; sangrai , sangrai , porque a  
a sangria he tão boa no mez de Agosto , como no  
mez de Maio.

Sómente incomprehensivel, he, Rainha,  
O que podeis apenas crer vós mesma;  
He, que os Monstros fataes da tyrannia  
Furiosos, excitados pelas vozes  
Dos sanguinarios Padres, (y) invocavão  
O Senhor das alturas na carnagem  
De seus irmãos, e o braço assim manchado  
Do sangue d'innocentes se atrevia  
Offertar ao bom Deos tão impio incenso.

Oh! e quantos Heróre indignamente

---

(y) O falso zelo, e a superstição tem algumas vezes levado os mesmos Ministros do Santuario aos maiores excessos. Nós o vimos succeder na França n'esta occasião: em Portugal no tempo do grande Rei D. Manoel, e em todas as Nações em diferentes épocas. Porém o crime d'huns pouco illuminados deve por ventura procurar a infamia á augusta ordem Sacerdotal? He pois claro, que a censura do A. n'este lugar só deve recahir sobre aquelles, que obrarão tão execranda maldade. (*Nota do Editor*)

Perecerão! Lá forão ter c'os mortos  
Renel, (z) e Pardaillan, e vós valente  
Guerchy, (a) vós Lavardin sabio, e bem digno  
De mais vida, e de haver melhor fortuna:  
Dos infelices, que esta cruel noite  
Aos horrores lançou da sombra escura,  
Marsillac, (b) e Soubise (c) condemnados

---

(z) Antonio de Clermont-Renel, querendo salvar-se em camiza, foi morto pelo filho do Barão des Adrets, e por seu proprio primo Eussy d'Aimboise. O Marquez de Pardaillan morreu tambem ao lado d'elle.

(a) Guerchy se defendeu na rua por muito tempo, matou alguns assassinos antes de ser opprimido pelo numero; mas o Marquez de Lavardin não teve tempo de arrancar pela espada.

(b) Marsillac, Conde de la Rochefoucault, era favorecido de Carlo IX. com quem tinha passado huma parte do noite: este Principe mostrando alguma vontade de o salvar, chegou a dizer-lhe, que dormisse no Louvre, porém a final o deixou ir, dizendo depois, já vejo que Deos quer, que elle morra.

(c) Soubisse tinha este nome por casar com a

A morrerem , defendem algum tempo  
Seus dias desgraçados , té , que exangues  
Com mil feridas respirando apenas ,  
Até as portas do Louvre conduzidos  
Se virão , e arrastados , com seu sangue  
Tingindo-lhe as paredes mentirosas ,  
Clamando contra o Rei , que os enganara.

Do alto do Palacio a tempestade  
Medicis excitando , contemplava  
Com socego esta farça; os seus validos  
Com hum corioso olhar desapiedado  
Vião hum mar de sangue derramar-se  
A seus olhos: da Corte em labaredas

---

herdeira d'aquella casa : elle se chamava Dupont-Quellenec. Defendeu-se por muito tempo, e cahio traspassado de golpes debaixo das janellas da Rainha. As Damas da Corte forão ver o seu cadaver nu , e ensanguentado por huma curiosidade barbara, e digna d'esta Corte abominavel.

As ruínas fataes erão com gosto  
D'estes Heróes as pompas do triumpho.

Que digo ! O' crime ! O' pessima vergonha !  
O' tu maior dos males ! O Rei mesmo ,  
Carlos o Rei , (d) no meio dos algozes ,  
Perseguindo os procriptos, que fugião ,  
Chega a manchar no sangue dos Vassallos  
As suas mãos sagradas ; Valois mesmo ,  
Este a quem hoje sirvo , este que implora  
Por mim vosso soccorro , dos delictos  
D'hum tão barbaro irmão parcial se ha feito ;  
Elle o furor lhe excita á mortandade ,  
Não que tenha Valois entranhas feras ,

---

(d) Ouvi de dizer ao ultimo Marechal de Tessé , conhecedor na sua mocidade hum velho , o qual lhe havia asseverado muitas vezes , que elle mesmo tinha carregado a espingarda , com que o Rei atirara sobre os seus Vassallos Protestantes na noite de S. Bartolomeu.



Raras vezes no sangue humedecido  
Tem a mão, mas do crime o raro exemplo  
Seus annos inda poucos assaltava ;  
Sua mesma crueldade era fraqueza.

He verdade, que alguns na immensa turba  
Dos mortos os esforços illudirão  
Do ferro matador : (e) Caumont hum d'elles ,  
Infante juvenil , teve o successo ,  
Que pelo assombro irá de boca em boca  
A's gerações futuras: opprimido  
Seu velho Pai c'o pezo de seus annos ,  
Deitado entre dois filhos , se entregava  
Ao somno ; unico leito os recebia ;  
Cégos de ira os furiosos assassinos  
A golpes apressados encravavão

---

(e) O Gaumont, que escapou n'este massacre,  
he o famoso Marechal de la Force, que viveu de-  
pois até a idade de 84 annos.

Sobre elles os punhaes ; então a morte  
Vôa á ventura sobre o infeliz leito :  
Só o Eterno nas suas mãos possue  
Nossos destinos ; sobre nossos annos  
Elle sabe vigiar , quando lhe agrada :  
Em quanto em seus furores o homicida  
He illuso , Caumont de nenhum golpe ,  
De nenhum ferro foi já mais ferido ;  
Hum invisivel braço em defendello  
Armado , a sua infancia libertava  
Das mãos dos matadores : a seu lado  
Seu Pai mesmo acabando com mil golpes ,  
C'o seu corpo o cubria todo inteiro ,  
E os barbaros assim sendo enganados ,  
Segunda vez ao filho deu a vida.

Eu entre tanto , n'estes espantosos  
Momentos , que fazia ? Ah ! que eu seguro  
Na fé dos juramentos , e tranquillo

Bem no centro do Louvre , onde ao estrondo  
Das armas me occultarão , os encantos  
De hum suave repouso inda sentia :  
Noite funesta ! Somno lastimoso !  
Os despojos da morte em despertando  
Me instruirão ; eu vi sacrificados  
Meus mais caros domesticos ; o sangue  
Por toda a parte os porticos regava ;  
Quando os olhos abri , foi para o espanto  
De ver , que sobre o marmore acabavão  
De degolar os meus os assassinos ;  
De sangue estes cubertos ao meu leito  
Se avançarão , e os braços parricidas  
Diante de mim erguem , eu tocando  
Da minha sorte o ultimo momento ,  
Apresento a cabeça , espero a morte.

Mas seja , que hum antigo alto respeito  
Ao sangue dos seus Reis inda fallasse

Por mim no coração d'estes traidores ;  
Ou seja , porque a colera engenhosa  
De Medicis achasse ser-me a morte  
Supplicio muito brando ; ou em fim seja ,  
Que por se assegurar de hum porto , em quanto  
Durava a tempestade , seu prudente  
Furor para refens me conservasse ,  
Guarda-me a vida para novas penas ,  
E logo aos ferros manda que me entregue.

Coligny mais feliz , de inveja digno ,  
Sim morreu , mas ao menos não perdera  
Mais do que a vida , a sua liberdade  
Levou , e a sua gloria á sepultura . . . . .  
A esta narração cheia de assombros  
Estremeceis , Senhora ? Vos surprende  
Tanto horror ? Mas de atroz barbaridade  
Vos tenho a menor parte decifrado :  
Já vos disse , que do alto do seu Louvre

Foi Medicis , que á França o signal dera ;  
Tudo a Pariz seguio ; sem resistencia  
Cubrio a morte em hum fatal momento  
Toda a face da França ; hum Rei , que estima  
O delicto , he servido promptamente ;  
Por cem mil assassinos suas iras  
Se virão respeitadas ; testemunhas  
São os rios da França , cujas agoas ,  
Tinctas de sangue , aos mares assombrados  
Nada mais conduzião , senão mortos.



## CANTO III.

## ARGUMENTO.

*O Heróe continua a historia das Guerras civis de França. Morte funesta de Carlos IX. Reinado de Henrique III. O seu character; o do famoso Duque de Guiza, conhecido pelo nome de Balafre. Batalha de Coutras: Morte do Duque de Guiza: Extremidades, a que Henrique se vê reduzido. Mayenne he o Chefe da Liga: D'Aumale he d'ella o Heróe: Reconciliação de Henrique, Rei de Navarra: Soccorro, que promette a Rainha Isabel: Sua resposta a Henrique de Bourbon.*

**Q**Uando teve a sentença dos destinos  
Permittido no espaço de alguns dias  
Hum livre curso a tantas crueldades,  
E que dos seus delictos fatigados

Os monstros ; embotadas as espadas ,  
Não tiveram mais victimas ao ferro ;  
O Povo , a quem o braço havia armado  
A Rainha , por fim abrindo os olhos ,  
Seus attentados vio ; sua piedade  
Facilmente succede á sua furia ;  
Elle ouve a voz gemer da sua Patria ;  
Carlos logo elle mesmo de horror forte  
Se occupou ; o remorso devorante  
Penetrou a sua alma ; a má cultura  
De seus primeiros annos n'elle havia  
Corrompido bastante a natureza ;  
Porém não soffocado a voz , que assusta ,  
E que os Reis horroriza sobre o Throno ;  
Pela Mãe educado , em seus costumes ,  
E maximas nutrido , não , como ella ,  
Carlos se endurecia nos delictos :  
A flor de seus bons dias a tristeza  
Veio em fim a murchar ; hum languor forte

Lhe abbrevia a carreira; Deos sobre elle  
Da vingança o furor descarregando,  
Quiz que este Rei morresse, e quiz que o sello  
Da sua ira em fim o assignalasse,  
Servindo de terror o seu castigo  
A qualquer, que imitallo pertendesse:  
Eu o vi espirando; Oh quanto a imagem  
He espantoza! A meus, olhos, inda cheios  
De ternura, parece estar presente:  
O sangue (a) que das veas lhe vem fóra  
Com impetos mortaes, vingava o sangue  
Francez por ordem sua derramado;  
De huma invisivel mão elle conhece  
Ser ferido, e de fim tão lastimoso  
Em suspensões o Povo lamentava

---

(a) Foi sempre enfermo depois do S. Bartholomeu, e morreu quasi dois annos depois em 1572 a 30 de Maio, todo banhado em sangue, que lhe sahia pelos póros.



Na flor da idade hum Rei rendido á morte ,  
Hum Rei , pelos malevolos no crime  
Entranhado , e que á França promettia  
Pelo arrependimento , de hum governo ,  
De hum Imperio pacifico a esperança.

A' voz , de que era morto , de improviso  
O impaciente Valois a toda a pressa  
Vem do centro do Norte a estes lugares  
(Que da carnagem yil inda fumavão)  
De hum infeliz irmão occupar prompto  
A triste , quanto ensanguentada , herança.  
N'este tempo a Polonia havia posto ,  
De commua eleição , o affortunado  
Valois dos Jagellons (*b*) no Throno augusto ;  
Seu nome mais temido , que o dos grandes

---

(*b*) Henrique III. succedeu na Coroa a Sigismundo II. Rei de Polonia , ultimo Principe da raça dos Jagellons.

Principes poderosos, já ganhado  
Havia o coração a cem provincias ;  
Hum nome tão depressa assim famoso  
He carga mui pesada ; não sustenta  
Valois este perigo. Em vão espere ,  
Que agora o justifique ; o meu repouso  
Posso eu sacrificar-lhe , a minha vida ,  
Tudo , excepto a verdade , pois só esta  
Eu devo preferir-lhe ; eu o lastimo ,  
Eu o amparo inda mesmo , quando o accuso.

Como sombra ligeira , a sua gloria  
Passado havia ; he grande esta mudança ,  
Porém muito ordinaria ; tem-se visto  
Mais de hum Rei , das batalhas victorioso  
Voltar , para ir a ser na Corte escravo :  
No espirito , Rainha , he que se mostra  
O valor verdareiro , repartidas  
As virtudes Valois dos Ceos obteve ;

He valente , mas fraco ; he na verdade  
Menos Rei , que soldado ; elle constancia  
Na occasião dos combates só sustenta ;  
Vergonhosos Validos lisonjeando  
Sua indolencia , governavão sempre  
Seu tibio coração , como querião ;  
Recolhidos com elle ao mais interno  
Do Palacio , aos clamores lastimosos  
Dos Povos opprimidos erão surdos.  
Na voz do Rei dictavão Leis funestas :  
E quaes lhe comprazião ; dos thesoiros  
Da França elles os restos dissipavão ,  
O Povo afficto , dando vãos suspiros ,  
Com o luxo gemia já sem forças ,  
Pagava os fataes divertimentos.

Em tanto que debaixo de hum tal jugo  
E animos cubiçosos , com o pezo  
Dos subsidios Valois carrega o Estado ,

Guiza apparece ; e o Povo que he mudavel ,  
Para este astro brilhante bem depressa  
Voltou os olhos ; seu valor supremo ,  
A gloria de seu Pai , suas emprezas ,  
A graça , o aspecto , o dom inimitavel  
De agradar (que melhor , do que a virtude  
Os corações domina ) erão encantos ,  
Com que os votos de todos attrahia ;  
Ninguem melhor do que elle a feliz arte  
Possuhio de enganar ; maior imperio  
Sobre suas paixões nenhum obteve ;  
Debaixo de apparencias enganosas  
Nenhum soube melhor ter encubertas  
De seus vastos designios as escuras  
Profundidades ; aspero , soberbo ,  
Mas docil , popular ; elle dos Povos  
As oppressões em publico sentia ,  
Dos tributos o pezo rigoroso  
Mostrava abominar ; Quão satisfeito

O pobre, que o buscou, d'elle se aparta !  
Elle sabia a timida indigencia  
Prevenir, em Pariz seus beneficios  
Sua presença ao Povo annuciavão;  
Dos Grandes, que inda mesmo aborrecia,  
Soube fazer-se amar; era terrivel  
No seu nojo, tenaz quando offendido,  
Temerario nos votos, nas idéas  
Sempre sabio, brilhante nas virtudes,  
E nos vicios; á vista dos perigos  
Animoso, guerreiro, affortunado,  
Príncipe grande, Cidadão perverso.

Quando por algum tempo de experiencia  
Seu poder conheceu, e vio que tinha  
A inconstancia do Povo sujeitado,  
Mais se não desfarçou; já sem rebuço  
Do Throno do seu Rei o fundamento  
Procura destruir: em Pariz fôrma

Aquella fatal Liga , que da França  
Inficionou depressa todo o resto ;  
Monstro espantoso , que ha nutrido os Povos ,  
E os Grandes , que cevados na carnagem  
Tem feito hum Paiz fertil em tyrannos.

Dois Monarchas a França no seu seio  
Então vio , mas hum d'elles não gozava  
Mais que de Rei as frivolas insignias ;  
Outro porém levando a toda a parte  
A esperança , e o assombro , dava indicios ,  
De que o titulo vão lhe era escusado.

Do seu lethargo em fim Valois desperta ;  
O ruido , o apparato , a mesma força  
Do perigo , que o incita , então lhe abrirão  
Hum momento seus olhos carregados ;  
Mas , da importuna luz turbada a vista ,  
Não distingue na força da tormenta

O raio ameaçador , que sintillava  
Sobre sua cabeça ; e bem depressa  
Cançado de hum instante só de acordo ,  
Froxô outra vez lançando-se nos braços  
Do somno , entre as delicias , e os delictos ,  
Dorme tranquillo junto aos precipicios .

Eu lhe restava ainda , e tudo prompto  
Se via a perecer ; elle não tinha  
Mais do que eu , quem pudesse dar-lhe auxilio ;  
Eu herdeiro do Throno depois d'elle ,  
Sem vacilar meu braço já dispunha  
A ajudallo ; hum arrimo bem preciso  
Eu á sua fraqueza offerecia ,  
Vou salvallo , ou com elle vou perder-me .

Porém Guiza muito habil , muito destro  
Em offender , cuidava occultamente .  
Hum por hum destruir-nos ; eu que digo !

Obrigou a Valois , que se privasse  
Do seu unico amparo , em que podia  
Fundar as esperanças ; o pretexto  
Commum da Religião foi hum honrroso  
Véo a este misterio abominavel ;  
Só por esta virtude , que fingia ,  
Enfurecido o Povo , reanimava  
A colera inda n'elle mal extincta ;  
O culto de seus Pais Guiza lhes lembra ,  
E os ultimos enormes attentados  
Das Seitas Estrangeiras ; inimigo  
De Deos , da Igreja a todos me pintava.  
Bourbon leva (lhes diz) a toda a parte  
Os seus erros , seguindo os perigosos  
Exemplos de Isabel ; elle os seus templos  
Vai fundar sobre os vossos destruidos ;  
Vós vereis em Pariz as criminosas  
Infames pregações dos seus Sectarios.



Ah! que a estas palavras todo o Povo  
Estremeceu por bem dos seus altares ;  
Té onde habita o Rei foi conduzido  
Hum tal assombro ; a Liga , que fingia  
Ser d'isso espavorida , dar-lhe o annuncio  
Vem da parte de Roma , em voz de que esta  
O ligar-se comigo lhe prohibe.  
Ah! o Rei muito fraco condescende  
Sem resistir , e quando me apressava  
Eu unico a vingar-lhe a sua injuria ,  
O irmão de minha Esposa submettido  
A' vontade da Liga , por perder-me  
Se une a seus inimigos ; de soldados  
A seu pezar em fim enchendo os campos ,  
Por timidez a guerra me declara.

De huma fraqueza tal eu me condão ;  
Se o havia de ir vingar , a combatello  
Já parto sem demora ; em cem lugares

As Cidades, revoltas pela Liga,  
Se me oppoem, mil exercitos levantão;  
Joyeuse com ardor vem atacar-me,  
Das fraquezas do Rei Ministro activo;  
Guiza, cuja prudencia competia  
Co' seu valor, separa os meus sequazes,  
A passagem lhes toma; eu apertado  
Por toda a parte, de armas, de inimigos,  
A todos desafio, e tento as sortes.

Com o soberbo Joyeuse envisto logo  
Em Coutras, vós sabeis sua derrota,  
E o seu fim desgraçado; assim, Rainha,  
Poupar-vos devo narrações superfluas.

Não, não posso acceitar vossas escuzas  
(Diz a augusta Princeza) não consinto,  
Que de hum narração seja privada,  
Que ao passo que me instrue, me interessa;

Não deixeis este dia , o grande dia  
De Coutras ; dizei , sim , vossos trabalhos ,  
Vossas' virtudes , Joyeuse , e a sua morte ;  
Emprezas forão vossas , he bem justo ,  
Que o Auctor d'ellas deva só contar-mas ,  
E talvez de as ouvir eu seja digna.  
Assim fallou : e o Heróe ao lisongeiro  
Dircurso sentio logo , que seu rosto  
De hum illustre pudôr se lhe cubria ,  
E obrigado a fallar da sua gloria ,  
A narração fatal assim prosegue.

De todos os validos , que em seu peito  
Valois idolatrava , e que rendião  
Incensos á moleza de hum Rei froxo ,  
Que em fim lhe davão leis , Joyeuse (c)oriundo

---

(c) Anne Duque de Joyeuse casou com a irmã da mulher de Henrique III. , e na sua embaixada a Roma foi tratado como irmão do Rei : elle ti-

De hum sangue bem illustre entre os Francezes  
De tão alto favor era o mais digno.  
Elle tinha virtudes; e se a Parca  
De seus bons dias não lhe abbreviasse  
N'este combate a prospera carreira,  
Sem duvida, que, a emprezas sempre grandes  
Sua alma costumada, inda algum dia  
De Guiza igualaria a gloria, e o nome;  
Mas no meio da Corte elle nutrido  
Em mãos do amor, no seio dos prazeres,  
Não teve que me oppor mais que hum excesso  
De valentia, em hum Heróe tão moço  
Perigosa vantagem. A' sua sorte  
Os bravos Cortezãos em chusma unidos,

---

nha hum coração digno da sua grande fortuna, e  
combateu em Coutras contra Henrique IV. então  
Rei de Navarra. Comparava-se o seu exercito ao de  
Dario, e o de Henrique ao de Alexandre. Foi mor-  
to na batalha por dois Capitães de Infantaria cha-  
mados Bordeaux, e Descentiers.

Das delicias á morte se avançavão ;  
Nas cifras amorosas , que trazião ,  
Por penhor das ternuras , nos vestidos ,  
Suas Senhoras derão-lhe seus nomes ;  
As armas com o fogo dos diamantes  
Resplandecião ; bem affeminados  
Mostravão ser os braços , em que vinhão  
Tão frivolos ornatos. Tumultuosos ,  
Ardentes , pouco expertos na milicia ,  
A arrogante imprudencia conduzião  
Ao combate ; soberbos com tal pompa ,  
Féros co'a multidão de immensas gentes ,  
Impetuosos , sem ordem se avançavão.

De esplendor differente a ver se dava  
O meu campo ; em silencio á vista d'elles  
O exercito estendido , a qualquer parte  
Offerecia só soldados fortes ,  
No trabalho , e na guerra endurecidos ,

A's feridas , e ao sangue costumados ;  
Era o mosquete , e a espada o que compunha  
Sómente seus adornos ; eu com elles  
Trajava a mesma pompa , vinha armado  
Tambem do mesmo ferro ; de pó cheio  
Os esquadrões aos golpes conduzia ;  
Eu , como elles , a morte desprezava ,  
E era o meu distinctivo tão sómente  
Marchar na frente d'elles. Destroçados ,  
E vencidos eu vi meus inimigos ;  
Que horror ! huns espirando , outros dispersos ;  
A espada lhes cravava nos seus seios ,  
Mas muito a meu pezar , que antes quizera ,  
Que no sangue Hespanhol fosse ensopada.

Dos Cortezãos , a quem cortou o ferro  
Na flor da idade , (he força confessallo)  
Com feridas honrosas nenhum houve ,  
Que não morresse ; firmes nos seus póstos

Vião diante de si accommetellos  
A morte , sem que o rosto algum voltasse  
Sem recuar hum só passo ; este o carecter  
Dos Cortezãos Francezes ; a paz n'elles  
O ordinario valor não debilita ,  
Da sombra do reposo voar sabem  
A's empresas ; na Corte lisonjeiros ,  
Mas no Campo de Marte Heróes valentes.

Eu no meio do horror de huma espantosa  
Confusão , sim mandava se perdoasse  
A Joyeuse , mas em vão ; pois bem depressa  
O vi pelos soldados conduzido  
Pallido , e já cuberto das escuras  
Sombras da morte ; tal como a flor tenra ,  
Que na manhã se vê romper formosa  
Com os sopros do Zefiro suave ,  
Co' as lagrimas da Aurora ; brilha á vista  
Poucos instantes , cahe antes de tempo .

Ou já sinta do ferro o duro golpe ,  
Ou a força do vento enfurecido.

Mas para que recordo , e não me esqueço  
De tão triste victoria ! que não possa  
Abandonar eu antes da lembrança  
Os crueis monumentos de espantosos  
Preteritos successos ! o meu braço  
Só do sangue Francez se tinge ainda ;  
A tal preço huma gloria assim comprada  
Não me pôde encantar ; se a frente cinjo  
De ensanguentados loiros , serão sempre  
De minhas tristes lagrimas banhados.

D'este infeliz combate , d'esta perda  
Resultou profundar-se mais o abysmo ,  
De que Valois em vão sahir queria ;  
Quando a sua desgraça foi patente ,  
Mais desprezado foi ; Pariz foi menos



Submissa , a Liga teve mais audacia ;  
E a grandeza de Guiza , que accendia .  
Suas dores , e affrontas igualmente ,  
Dobrou seus infortunios. Guiza (d) soube  
Em Vimorí com mão mais venturosa  
Vingar sobre os Germanos derrotados  
De Joyeuse a perda ; o mesmo mal sentirão  
Em Aunau meus alliados sorprendidos :  
Entra em fim em Pariz , cheio de loiros  
O grande vencedor ; alli se mostra ,  
Como hum Deos Tutelar : Valois admira  
Os triumphos do seu rival soberbo ,  
Que sempre no insultar com vigor forte

---

(d) No mesmo tempo que o exercito do Rei foi derrotado em Contras , obrava o Duque de Guiza accções de hum destro General , contra hum Corpo de Cavallaria , que vinha em soccorro de Henrique IV. , e depois de o haver cansado , e accommettido por muito tempo , o desfez junto d'Aunau.

Ao Principe abatido , parecia ,  
Que o não fora a servir , mas a vencello.

A vergonha por fim he quem accende  
O mais fraco valor , Valois sensivel  
He já no resentir-se d'esta affronta ;  
Reprimindo a fereza de hum vassallo ,  
Quiz provar sua fraca auctoridade ;  
Mais que esperar não tinha , estava extincta  
Nos corações de todos a ternura ,  
Não havia temor para com elle ;  
Todo o Povo attrevido a sublevar-se  
Se dispunha ; o seu Rei por hum Tyranno ,  
Desde que quiz reinar , reconhecião ;  
Ajuntão-se , conspirão-se , os rebates  
Se multiplicão , passa a ser soldado  
Qualquer Paizano , em armas se põe logo  
Todo o Pariz , se formão n'um instante

Mil muralhas nascentes, (e) que ameação  
Contra as guardas do Rei postas em sitio.

Guiza (f) no horror maior da tempestade  
Tranquillo, e féro, já precipitando,  
Já fazendo conter o ardor da plebe;  
Da sedição as máquinas regia;  
Por elle se agitava, e a seu imperio,  
Este tão vasto corpo; ardendo em furia  
Ao Palacio corria a chusma toda;  
Se Guiza huma palavra só dissesse,  
Era morto Valois; mas quando mesmo  
De hum só golpe de vista elle o podia  
Destruir, pareceu satisfazer-se  
Com fazello tremer; e os sediciosos

---

(e) As barricadas.

(f) O Duque de Guiza nas barricadas, contentou-se de reenviar a Henrique III. as suas guardas, depois de havellas desarmado.

Impedindo elle mesmo em seus progressos ,  
Por piedade deixou o passo livre ,  
Porque Valois pudesse haver a fuga.  
Em fim (qualquer que fosse o seu projecto)  
Guiza para tyranno apprehendeu pouco ,  
Muito para Vassallo. Todo aquelle ,  
Que ha podido forçar o seu Monarcha  
A temello , se não se arrisca a tudo ,  
Tudo deve recear ; desde este dia ,  
Nos seus grandes designios Guiza firme ,  
Conheceu , que não era jámais tempo  
De ser meio offensivo , e que elevado  
A tão alto , mas sobre hum precipicio ;  
Sê ao Throno com triumpho não subia ,  
Ao suplicio marchava ; elle absoluto  
Senhor em fim de hum Povo rebellado ,  
O coração bem cheio de esperança ,  
E de temeridade ; dos Ibéros  
Soccorrido , apoiado dos Romanos ,

Amado dos Francezes , protegido  
De seus irmãos , suppoz este orgulhoso  
Vassallo revocar aquelles tempos  
Dos nossos Reis primeiros , em que os fracos  
Seus descendentes sendo decahidos  
Quasi ao nascer , do seu poder supremo ,  
Debaixo de hum burel , que aborrecião ,  
O diadêma occultavão ; e nas sombras  
De hum claustro , (g) alli gemendo só comsigo ,  
Vião reger o Imperio seus tyrannos.

Valois sua vingança differindo ,

---

(g) O Cardeal de Guiza, irmão do Duque, havia dito muitas vezes, que elle esperava ter bem cedo a cabeça de Henrique III. entre as suas pernas para lhe abrir humâ Coroa de Monge: este designio era tão publico, que se affixarão estes dois versos latinos nas portas do Louvre:

*Qui ded't antè duas, unam abstulit, altera mutat  
Tertia Tonsuris est faciendo manu.*

Os Estados de França em Blois erguia ;  
Talvez vos hajão dito estes Estados  
Quaes forão ; Leis alli se propuzerão ,  
Que não se executarão ; a eloquencia  
De Deputados mil tornou-se esteril ;  
Largamente propoz nossos abusos ,  
Mas sem fructo ; que o mais commum effeito  
De tantos , e diversos pareceres ,  
He vermos sem alliviõ os nossos males.

No meio dos Estados , arrogante  
Vem Guiza do seu Principe offendido  
Injuriar a presença ; junto ao Throno  
Se sentou , e nos seus projectos firme ,  
Bem creu , que tinha n'estes Deputados  
Outros tantos Vassallos. Já a traidora  
Vil cohorte , vendida ao seu tyranno ,  
Hia a por-lhe nas mãos o poder summo ,  
E absoluto dos Reis , quando cansado

De o temer, de o poupar, Valois vingar-se  
Quiz em fim, e reinar. O rival sempre  
Attento em desgostallo, despezava  
Desdenhoso inimigo as suas iras,  
No Príncipe irritado não suppondo  
Haver valor bastante a destruillo :  
Seu destino o cegava, erão já cheios  
Seus dias, o Rei mesmo á sua vista  
O fez sacrificar; (h) cem punhaladas  
O fêrem cruelmente, inda espirando  
Não se abateu por isso o seu orgulho,  
E o rosto, que talvez ainda temia  
Valois, pallido, e todo ensanguentado  
Insultar o seu Rei inda mostrava :

---

(h) Elle foi assassinado na antecâmara do Rei,  
no Castello de Blois, por Lognac, Gentil-homem  
Gascon, e por alguns dos guardas de Henrique III.  
que se chamavão os quarenta e cinco a 23 de De-  
zembro de 1588.

D'esta sorte acabou hum tal Vassallo  
Poderoso entre todos , admiravel  
Compendio de virtudes , e de vicios ;  
O Rei , cuja suprema auctoridade  
Elle havia usurpado , froxamente  
O soffreu , té que d'elle houve vingança.

A fama do successo sem demora  
Vôa a Pariz , o Povo sorprendido  
Com gritos enche o ar , logo as mulheres  
Consternadas , os velhos suspirando ,  
Partirão a abraçar do infeliz Guiza  
As estatuas. Pariz todo suppunha  
Pertencer-lhe n'este ultimo perigo  
Vingar o Pai , e defender a Igreja.  
De Guiza o irmão , o intrepido Mayenne , (i)  
Posto no meio d'elles lhes incita

---

(i) O Duque de Mayenne , irmão mais moço do  
Balabré.



O furor á vingança; era o interesse,  
Mais que o resentimento, quem ó obriga  
A accender em mil partes a desordem.

Nos temores nutrido ha muito tempo  
Mayenne, militou subdito sempre  
Ao mando do soberbo Chefe Guiza;  
Elle he seu successor não só na gloria,  
Mas tambem nos designios. Se ha passado  
A's suas mãos da Liga o impio sceptro,  
Esta grandeza immensa, e tão amavel  
Ao seu desejo, em breve o fortalece  
Na perda de hum irmão, que elle obrigado  
Servio sempre: Mayenne antes estima  
Vingallo, que marchar ás suas ordens.

Tem Mayenne hum valor assás heroico;  
(Eu confesso) por-huma affortunada  
Bem experta politica elle sabe

Ter debaixo das suas leis unidos  
Espiritos diversos, sempre oppostos  
Ao seu Rei, quando escravos dos Tyrannos :  
Como conhece d'elles os talentos,  
Assim sabé usar d'elles; muitas vezes  
De hum infortunio tira huma ventagem:  
Com mais estrondo, mais magnificencia  
Guiza os allucinava; foi mais grande;  
Mais Heróe, mas não foi mais pernicioso.  
Eis-aqui em rigor quem he Mayenne,  
E qual o seu poder; a Liga ativa  
Quer da sua prudencia esperar tudo:  
O mancebo d'Aumale presumido  
De hum forte coração, seu orgulhoso  
Valor pelos espiritos derrama:  
D'Aumale he do Partido hum formidavel  
Escudo; elle até hoje de invencivel  
O titulo possui; em fim Mayenne,

Que ao meio dos combates o dirige ,  
Alma he da Liga , e he d'Aumale o braço.

No em tanto dos Flamengos o funesto  
Politico oppressor , esse visinho  
Pernicioso , o Cahtolico tyranno ,  
O Rei , que no artificio só se firma ,  
O Rei vosso inimigo , e na verdade  
Meu inda mais , Filippe , (l) a si tomando  
De Mayenne a defeza , elle fomenta  
A causa dos rivais. A mesma Roma , (m)  
Que suffocar devera tantos males ,

---

(l) Filippe II. Rei d'Hespanha , filho de Carlos V. chamava-se. *Dæmonium meridianum* , porque turbava toda a Europa , ao meio dia da qual se situa a Hespanha.

(m) He verdade que Roma se introduzia muitas vezes nas dissensões temporaes dos Principes , mas devemos confessar , que o mais dellas o fazia , por que os mesmos Principes a interessavão nas suas dis-

Roma as chammas accende da discordia : (n)  
Aquella que tambem Pai se intitula  
Dos Christãos , huma espada sanguinosa  
Nas mãos dos filhos põe ; dos dois limites  
Da Europa , de me verem assombrados ,  
A Pariz correm todas as desgraças :  
Rei em fim sem Vassallos , sem defeza  
Perseguido , Valois vê-se obrigado

---

putas. Os principios do Direito público Ecclesiastico , tão ruinosos como forão nos Seculos antecedentes , conduzião muito a que os Pontifices olhassem semelhantes discordias , como coisa sobre que tinham huma legitima inspecção ; e d'aqui se seguio arrogarem a si poderes , que justamente lhe forão depois contestados. O Patrocinio , e soccorro que Roma dava nesta occasião aos da Liga era bem fundamentado , porque temia ver pela entronização de Henrique IV. , alguma mudança de Religião , n'hum Reino , onde a verdade achara sempre o seu mais firme apoio. Accuzem-se pois os tempos , e não as sagradas pessoas dos Pontifices. (Nota do Editor)

(n) A Corte de Roma ganhada pelos Guizas , e

A implorar meu poder ; imaginou-me  
Generoso , e não teve pezar d'isso ;  
Meu coração se occupa das miserias  
Do Estado ; em hum perigo tão urgente  
De todo se aplacavão minhas iras ;  
Não respeito em Valois mais que da Esposa  
O irmão ; o meu dever assim o ordena ,  
Com a sua lei cumpro : a auctoridade  
De hum Rei , eu Rei defendo ; a Valois busco  
Sem mais trato ou refens , (o) e então lhe digo :  
No vosso animo está vossa fortuna ,  
A morrer , ou vencer vinde , apressai-vos  
Aos muros de Pariz. Hum nobre orgulho  
Eu espirito então encheu de todo :

D

---

abmettida então á Hespanha , fez quanto pôde ,  
para arruinar a França. Gregorio XIII. soccorreu a  
liga com homens , e dinheiro : e Sixto V. come-  
çou o seu Pontificado pelos maiores excessos , que  
felizmente forão os mais inuteis contra a casa Real.  
(o) Henrique IV. teve a generosidade de ir a Tours ,

Lisonjear-me não sei de haver podido  
Na sua alma infundir com meu exemplo  
Huma tão bella chama: Ha despertado  
Sua desgraça em fim sua virtude;  
A froxidão lamenta, que abatido  
O havia tanto tempo; precisava  
Valois de hum tal destino assim adverso;  
Muitas vezes aos Reis he necessario.

Taes erão de Bourbon os bem sinceros  
Discursos, entre tanto dos Inglezes  
Insta o soccorro; já dos altos muros  
Da Cidade rebelde a voz, que clama  
Victoria, para o Campo o está chamando.  
Mil mancebos Inglezes partem logo

---

ter com Henrique III., seguido sómente de hum  
page, sem embargo das desconfianças, e rogativa  
de seus velhos Officiaes, que temião por elle hum  
segundo massacre.

Sobre seus passos a cortar o seio  
Dos mares ambiciosos dos combates.

Essex lhe vai na frente ; (p) Essex aquelle ,  
Cujo valor aos féros Castelhanos  
Confundio a prudencia , e que não cria ,  
Que hum infausto destino lhe murchasse  
Os loiros pela sua mão colhidos.

Não se demora Henrique ; áquelle Chefe  
Nada tambem o impede , elle se apressa  
A partir , impaciente da victoria.  
Ide pois , digno Heróe (diz-lhe a Rainha)  
Ide , que os meus guerreiros já vos seguem ,

D ii

---

(p) Roberto de Evreux , Conde de Essex famoso pela tomada de Cadiz aos Hespanhoes , pela ternura de Isabel para com elle , e pela sua morte tragica em 1601. Esta Rainha o enviou com effeito na testa de sinco mil homens em soccorro de Henrique IV.

Atravessando as ondas ; porém certo ,  
Que não he a Valois , mas sim a Henrique  
A quem querem seguir ; ao seu cuidado  
Generoso os confia a minha alliança ;  
Velloz-heis ir ao meio dos combates ,  
Mais por vos imitar , do que em soccorro ;  
Na grande arte da guerra elles formados  
A vosso exemplo , aprenderão convosco  
A servir a Inglaterra : possa a Liga  
Bem depressa acabar aos vossos golpes.  
Serve Hespanha a Mayenne ; oppoem-se Roma  
Contra vós ; ide pois vencer a Hespanha ,  
E sabei , que não deve hum homem grande  
Jámais temer de Roma os debeis raios.

Vindicai das Nações a liberdade ;  
A fereza de Sixto , e de Filippe ,  
Abatei ; de seu Pai Filippe ha sido  
Hum tyrannico herdeiro , menos grande ,



Menos forte, e politico não menos :  
Desunindo os visinhos, dando a todos  
Armas, do fundo crê do seu Palacio,  
Que pôde subjugar o mundo inteiro.

Do seio do pó, Sixto (q) hoje elevado (r)  
Ao Throno com poder mais diminuto

---

(q) Sixto V. nascido nas grutas da Marca de An-  
ona, homem cuja-turbulencia igualou a sua dis-  
simulação. Elle com tudo estimava a Rainha Isa-  
el, e appellidava a por *un gran cervello dePrincipesa*.

(r) O nascimento humilde e obscuro de Sixto  
ão he na verdade hum titulo justo para sua cen-  
sura: Tem-se visto em todas as differentes Jerar-  
quias da sociedade civil, nos mesmos lugares mais  
importantes, Heróes tirados do pó da terra. Os ta-  
lentos, e a virtude não estão annexos á nobreza.  
Sem effeito se Sixto V. não tivesse passado talvez  
estes tumultos da França, além dos sagrados limi-  
tes do seu poder, elle deveria ser olhado como o  
modelo dos Pontifices; a sua justiça teve, em que  
exercitar, durante o seu Pontificado, e he por

Tem alma inda mais féra ; o Pastorinho  
De Montalto rival dos Reis se ostenta ;  
Em Pariz , como em Roma , elle pertende  
Dar suas leis ; debaixo do pomposo  
Esplendor de huma Coroa triplicada ,  
Só pensa ter a si tudo sujeito ,  
Inda o mesmo Filippe : Sixto he ardente ,  
Mas destro , enganador , dissimulado ,  
Inimigo fatal dos poderosos ,  
Dos fracos oppressor ; na minha Corte ,  
Em Londres ha formado seus Partidos ,  
E o mundo , a quem engana , sem que o pense  
He das suas intrigas perturbado.

---

isso que pareceu cruel , quando n'huns tempos em  
que Roma nadava nos maiores insultos , elle não  
foi mais que justiceiro. A invectiva de Isabel em  
todo este lugar , he mais nascida da aversão , e do  
rancor , que da candura , e da verdade. ( Nota do  
Editor. )

São estes os mais habeis inimigos ,  
Que deveis destruir : ambos ousarão  
Contra mim levantar suas bandeiras ;  
Hum combatendo o Inglez , e as tempestades ,  
Fez o Oceano ver sua fugida , (f)  
E o seu triste naufragio : inda estas praias  
Tinctas de sangue estão dos seus guerreiros ;  
Outro se cala em Roma , ahi me estima ,  
E me teme : segui á vista d'elles  
A vossa nobre empreza ; se he vencido  
Mayenne , se verá Roma sejeita :  
Ó vós podeis reger o odio de Roma ,  
Ou seus favores : sei , que he inflexivel  
Com os vencidos , mas condescendente  
Com os vencedores : prompta em condenar-vos ,

---

(f) A grande armada de Filippe II. destinada para a conquista de Inglaterra , foi batida pelo Almirante Drake , e desbaratada por huma grande tempestade.

Em absolver-vos facil: a vós toca  
Accender o seu raio, ou extinguillo.



## CANTO IV.

### ARGUMENTO.

*D' Aumale estava quasi a fazer-se Senhor do Campo de Henrique III., quando o Herde voltando de Inglaterra, combate os rebeldes, e faz mudar a fortuna. A Discordia consola a Mayenne, e vóa a Roma a pedir-lhe soccorro. Descripção de Roma, onde reinava então Sixto V. A Discordia ahi achou a Politica, e volta com ella a Pariz; subleva a Sorbona, anima os Desaseis contra o Parlamento, e arma os Religiosos. Entregão-se nas mãos dos Algozes os Magistrados, que sustentavã o Partido dos Reis. Turbação, e confusão horrivel em Pariz.*

**E**M quanto proseguindo em conferencias  
Particulares, ambos ponderavão  
Com mais socego os grandes interesses,

Exhaurindo a sciencia ventejosa  
Do modo, porque o mundo se combate,  
Se dóma, e rege; o Sena com assombro  
Sobre suas ensanguentadas margens  
Vê da Liga as Bandeiras despregadas.

Valois longe de Henrique absorto, inquieto  
A incerteza temia do destino  
Dos combates; de apoio precisava,  
Em seus disignios froxo, e vacillante;  
Espera por Bourbon, pois que o seguro  
Tem de vencer com elle; mas em tantas  
Demoras os da Liga se animarão:  
Das portas de Pariz vem já sahindo  
Os esquadrões. D'Aumale vem soberbo  
Nemours, Brissac, o intrepido S. Paulo,  
Canillac, Chatre, todos de hum Partido  
Culpavel animosos defensores:

Nos seus successos rapidos causavão  
A Valois grande susto ; o Rei ao ponto  
Muitas vezes chegou de arrepender-se  
De haver feito partir o Heróe sublime.

Entre os taes combatentes inimigos  
Do seu Rei , hum irmão de Joyeuse armado  
Se anima a apparecer ; (a) foi este aquelle ,  
Que successivamente virão todos  
Do seculo passar para o retiro  
De hum claustro , e já do claustro para a Corte;

---

(a) Henrique , Conde de Bouchage , irmão mais novo do Duque de Joyeuse, morto em Coutras , por hum toque do Ceo se fez frade capuchinho , mas depois largou o habito , e tomou as armas contra Henrique IV. O Duque de Mayenne o fez Governador do Languedoc , Duque Par , e Marechal de França. Depois resolveu-se a tornar para o seu convento onde morreu.

Vicioso , penitente ; ativo , humilde ;  
Cortezão , solitario ; elle inconstante  
Tomou , deixou , de novo a vestir torna  
A couraça , e o cilicio ; dos altares  
Sacrosantos , com lagrimas regados ,  
Corre a animar da Liga a furia ardente ,  
E no sangue da França lagrimosa  
A ensopar suas mãos , aquellas mesmas ,  
Que ao Eterno elle havia consagrado.

Mas de tantos guerreiros , quem sómente  
Inspirou valeroso mais assombros ,  
Infundio mais horror , de quem mais féro  
Foi sempre o coração , fatal o braço ,  
Fostes vós juvenil Principe , forte ,  
Impetuoso D'Aumale ; (b) vós nascido

---

(b) O Cavalheiro d'Aumale , irmão do Duque do  
mesmo apellido , da casa de Lorena , era hum man



Do sangue dos Lorenas tão fecundo  
Em Heróes, vós dos Reis bravo inimigo,  
Das leis, e do repouso. Em todo o tempo  
O seguio toda a flor da mocidade,  
Sahio sempre com elles à campanha  
Já em silencio, já com grande estrondo  
Na clara luz do dia, ou já nas sombras  
Da noite, ao inimigo suprendido  
Por toda a parte conduzido a guerra,  
Do sangue dos ferozes sitiadores  
O seu braço regava o campo todo.  
Taes da altura do Caucaso sublime,  
Ou do cume do Athos, donde a vista  
Descobre ao longe o ar, a terra, as ondas,  
As Aguias, e os Abutres, com as azas

---

cebo impetuoso dotado de brilhantes qualidades,  
que durante o sitio de Pariz estava sempre á fren-  
te das sortidas, e inspirava aos habitantes o seu va-  
lor, e a sua confiança.

Estendidas de hum vôo arrebatado,  
Rasgando as vastas nuvens, vão famintas  
Roubar nos campos do ar as tristes aves,  
No prado, e bosque os miseros rebanhos,  
E voltão saciados para o centro  
Medonho das ensanguentadas rochas,  
Os despojos trazendo a grandes gritos.

Em hum d'estes combates elle cheio  
Da sua gloria, havia penetrado  
As tendas de Valois: a noite, o ruido,  
O repentino assalto augmenta o espanto:  
Eis que tudo tremia, fraquejava,  
E á sua força em fim cedia tudo;  
A impetuosa torrente era já prompta  
A derramar-se; e quasi que se via  
Tudo inundar o choque tenebroso;  
A estrella da manhã vinha nascendo;  
Monray, que em retirada com seu amo

Lhe precedia, já divisa as torres  
Da soberba Pariz: de hum grande estrondo,  
Mixto de horror, he logo surprehido;  
Elle corre, em total desordem acha  
De Valois os soldados, e inda os mesmos  
De Bourbon = Justos Ceos! He deste modo,  
Que vós nos esperais? A defender-vos  
Chega Henrique, vem já: será possível,  
Que vos veja em fugida companheiros?  
E vós fugis? = Ao som das suas vozes,  
Como lá se vio junto ao Capitolio  
Em outro tempo o fundador de Roma,  
Oprimido das armas dos Sabinos,  
Conter os seus Romanos com o nome  
De Jupiter; ao nome só de Henrique  
Se detem os Francezes; já se inflammão  
De pejo, retrocedem, marchão, gritão:  
= He vindo o nosso Heróe, nós venceremos  
A' sua vista. = Henrique de improviso

Entre elles apparece , e tão brilhante ,  
Qual brilha a luz na força da tormentaz :  
Aos esquadrões primeiros já se passa ,  
Põe-se d'elles na frente , elle combate  
Seguem-no , e faz se mudem os destinos  
Em seus olhos o raio se está vendo ,  
A morte em suas mãos ; todos os Chefes  
Junto a elle animados se fatigão ;  
Chega a victoria , em fim , desaparecem  
Os rebeldes ; bem como aos claros raios  
Do dia , que se avança , se dissipa  
D'esses astros da noite a luz brilhante.

Em vão D'Aumale intenta se demorem  
Sobre as margens as tropas fugitivas  
Dos seus amedrontados ; se aos combates  
A sua voz por hum momento os chama ,  
A voz do grande Henrique precipita  
Fortemente seus passos ; de seu rosto

Ameaçante o terror os affugenta ,  
O Chefe os torna a unir , porém o susto  
Os desbarata , em fim precipitado  
He com elles D'Aumale na fugida :  
Como do alto do monte , que de nevoas  
Se vê todo cercado , pelo meio  
Dos gelos , e das neves derretidas ,  
Cáhe , e róla o rochedo , que elevado  
As nuvens ameaçava ; mas que digo ?  
D'Aumale se suspende , e aos sitiantes  
Mostra inda aquelle rosto , que temivel  
Foi sempre , elle dos seus , que á força o levão ,  
Se liberta animoso , e por hum pouco  
Detem o vencedor , que o admirava ;  
Mas de inimigos logo alli rodeado ,  
Hia a morte a punir sua ousadia.

Eis a Discordia o vio , e por D'Aumale  
Tremeu ; posto que barbara , precisa

Dos seus dias ; ao ar ella se eleva ,  
E voa em seu soccorro ; alli chegando  
Oppõe á multidão , que já o opprime ,  
De ferro o escudo immenso , impenetravel ,  
Que manda sobre a morte , que accompanha  
O horror , e cuja vista sempre inspira  
Ou raiva , ou susto : Oh tu filha do Inferno ,  
Discordia inexoravel , defensora  
Pela primeira vez appareceste ;  
Tu salvaste hum Heróe , tu prolongaste  
Seu destino com essa mão , ministra  
Que foi sempre da morte ; sim , com essa  
Barbara mão aos crimes costumada ,  
E que nunca até então poupado havia  
Victimas , que crão suas. Conduz ella  
A's portas de Pariz cheio de golpes ,  
Que não sentira , e todo ensanguentado  
A D'Aumale ; ella applica ás suas chagas  
Huma mão salutar , ella lhe véda

O sangue derramado a seu respeito :  
Mas em quanto a seu corpo restitue  
Todo vigor , dos seus mortaes venenos  
Lhe infecta o coração ; como o Tyranno ,  
Que na mesma piedade ser intenta  
Cruel , e assim suspende ao desgraçado  
A sentença mortal , a seus occultos  
Delictos elle faz servir seu braço ,  
E logo que os comette , o entrega á morte.

Henrique aproveitar sabe prudente  
Esta grande ventagem , com que a sorte  
Dos combates o seu valor honrára ;  
Dos momentos na guerra elle colhece  
Todo o preço ; os rebeldes sorprendidos  
No mesmo instante aperta , pertendendo ,  
Que ás batalhas succedão os assaltos ;  
Quer traçar-lhes a perda mesmo em torno  
Dos seus muros ; Valois já de esperarças

Todo cheio , e com tal apoio forte ,  
Aos soldados dá aquelle mesmo exemplo ,  
Que de Bourbon recebe ; elle os trabalhos  
Sustenta com valor , despreza os medos.  
Tem tambem seus deleites o perigo ,  
A afflicção seus prazeres : logo os Chefes  
Se unem todos , succedem as empresas  
Segundo os seus desejos ; sem demora  
O terror , que na frente d'elles marcha ,  
Dissipando dos temidos sitiados  
Os esquadrões , lhes vai quebrar as portas  
A' vista mesmo d'elles sorprendidos :  
Mayenne , em hum perigo tão urgente ,  
Que poderá fazer ? Tem por soldados  
Todo hum Povo ; que geme ; aqui a filha  
O morto Pai com lagrimas lhe pede ,  
Espavorido alli o irmão soluça  
Sobre as cinzas do irmão ; todos lamentão  
O mal presente , temem o futuro ;



O grande corpo attonito não póde  
Jámais reunir-se, ajuntão-se, consultão,  
Ou fugir, ou renderem-se pertendem;  
Irresolutos todos, a defeza  
Nenhum quer; tanto a fraca plebe varia  
Troca a temeridade pelo susto.

Impaciente Mayenne vê perdida  
A sua tropa, mais de cem designios  
Dividião sua alma irresoluta;  
Eis que então a Discórdia, de improviso,  
Vem buscar este Heróe, faz que sibillem  
Suas serpentes, diz-lhe d'esta sorte:  
= Digno herdeiro de hum nome formidavel  
A' França; tu, que ao meu cuidado uniste  
O da tua vingança, tu, nutrido  
A meus olhos, ás minhas leis formado,  
Ouve a quem te protege, e reconhece  
A minha voz: Hum Povo não te assuste

De si fraco ; e inconstante ; huma pequena  
Desgraça seu valor ha entimado ,  
Animallos me toca , a meu imperio  
Estão seus corações ; verás pois logo ,  
Como nossos designios auxiliando ,  
Cheios da minha colera , e em despojo  
A meus furores , partem atrevidos  
A combater , e a dar a vida alegres. =

De improviso a Discórdia mais ligeira ,  
Que hum relampago , do ar abre as campanhas  
Com hum seguro vôo : Entre os Francezes  
O assombro , e a turbacão por toda a parte  
A seus olhos presentão mil objectos  
Espantosos ; seu halito derrama  
Huma aridez fatal por cem lugares ;  
Morre o fructo ao nascer na planta infecta ,  
As espigas voltadas vão murchando  
Sobre a terra ; escurece-se o Ceo todo ,

Tornão-se os astros pallidos , e o raio  
Debaixo de seus pés estala , e grita ,  
Parece anunciar a morte aos Povos  
Assombrados. Hum turbilhão a leva ,  
Onde o Eridano rapido as fecundas  
Margens se vê regar com suas agoas.

Roma em fim se descobre ás suas vistas ,  
Roma algum dia o tempo,o objecto,o assombro,  
Dos mortaes ; Roma , sim , cujo destino  
He na guerra , ou na paz , o ser senhora  
Do mundo em qualquer tempo : Pela sorte  
Dos combates se ha visto antigamente  
Ao seu throno soberbo , e sanguinario ,  
Sujeitarem-se os Reis ; ao duro imperio  
Da sua Aguia terrivel se cûrvava  
Todo o universo. Mas nos nossos dias  
Exercita hum poder com mais socego ;  
Debaixo do seu jugo ella ha sabido-

Domar seus vencedores , ter nas almas  
Dominio , os corações ter a seu mando ;  
Os seus votos são leis impreteriveis ,  
E as suas armas são os seus decretos.

Junto do Capitolio , onde reinarão  
Tantos Herões famosos , sobre as ruinas  
De Bellonia , e de Marte , no alto throno  
Dos Cezares se senta hum venerando  
Pontifice ; felices os seus Padres  
Com pé tranquillo calcão os sepulchros  
Dos Catões , e de Emilio as cinzas nobres ;  
O throno sobre o altar he collocado ,  
E o poder absoluto faz , que aperte  
A mesma mão o Sceptro , e o Incensorio.

Deos mesmo alli fundou a sua Igreja  
Nascente , se humas vezes perseguida ,  
Outras triunfante ; alli o seu primeiro

Apostolo regeu com singeleza  
A verdade, e a candura; os seus vestigios  
Algum tempo seguirão seus ditosos  
Successores, que quanto mais humildes,  
Tanto mais respeitados; suas frentes  
Não de hum falso brilhante revestião;  
Era a pobreza, sobre que fundavão  
Huma austera virtude; elles zellosos  
Só dos bens, que deseja hum verdadeiro  
Christão, era do fundo das choupanas,  
Que ao martyrio passavão. Bem depressa  
O tempo ( que por fim tudo corrompe )  
Seus costumes mudou; parã punir-nos  
O Ceo lhes deu grandezas; poderosa  
Desde este tempo Roma, (c) e profanada,

---

(c) Derivando o Summo Pontifice o seu poder do primeiro Chefe da Igreja Jesus Christo, he certo, que o seu poder he o mais augusto, pois essencialmente versa sobre os corações dos fieis. Se

Aos conselhos dos máos se vio sujeita ;  
O venono , a traição , o assassinato  
Foi do novo poder o fundamento.  
Horroroso ; de Christo os successores  
Collocarão no centro do sanctuario ,

---

a pobreza , e as virtudes fizeram o character dos Bispos de Roma no espaço dos tres primeiros seculos , ainda depois das doações do grande Constantino , e das liberaes mercês de seus pios Successores , se virão brilhar alli , aquella constancia de fé Apostolica , aquellas virtudes heroicas , que fazem a honra do Christianismo , e que immortalizarão em todo o tempo a memoria de tantos Padres Santos , que no decurso dos seculos a tem governado , e que forão elles mesmos hum fiel retrato dos seus primitivos Pastores. Se alguns delles porém se fizeram notaveis pelos seus vicios (oxalá que a historia nos não fornecesse tão irrefragaveis testemunhos ! ) nisto nos dão hum argumento da sua fragilidade , e nos lembrão , que erão homens : Assim os seus costumes nada prejudicão á pureza da fé , e da Religião , que elles jámais contaminarão , no meio dos seus mesmos crimes. (*Nota do Editor*)

Sem pejo algum , o incesto , e o adulterio ;  
Roma em fim opprimida do dominio  
Odioso de Tyrannos tão sagrados ,  
Pelos seus falsos Deozes suspirava :  
Maximas mais prudentes se fizeram  
Depois ouvir ; os crimes se evitavão ,  
Ou melhor , se encubrião ; já da Igreja .  
E do Povo os direitos confundidos ,  
Melhor se regulavão ; fez-se Roma  
Arbitra só dos Reis , mas não o espanto ;  
Debaixo já do orgulho respeitavel  
Do triplice diadema he restituída  
A modesta virtude ; mas a idéa ,  
A arte de moldar-se aos demais homéns ,  
Hoje he o dom mais sublime dos Romanos.

Rei da Igreja , e de Roma era então Sixto : (d)  
e para obter o titulo de grande

---

(d) Sixto V. sendo Cardeal Montalto soube fa-

Basta ser falso , austero , e formidavel ,  
No lugar dos maiores Reis contado  
Será Sixto ; a quize annos de artificio  
Elle a sua grandeza dever soube ;  
Elle soube occultar suas virtudes ,  
E vicios , por tres lustros ; mostrou sempre  
Fugir á dignidade , ao mesmo tempo  
Que ardia por obtella ; fez-se indigno  
A fim de possuir melhor o throno.

Ao poderoso abrigo do seu braço  
Despotico , a Politita reinava  
Dentro do Vaticano , filha que era  
Da ambição torpe ; do interesse avaro ,  
Mái da fraude , da seducção , do invento :

---

zer bem o papel de simples , e tonto , por espaço de 15 annos , de sorte que lhe chamavão communmente o Asno de Ancona. He notorio o artificio , com que obteve o Pontificado , e a altivez , com que reinou.



Este engenhoso monstro , em subtilezas  
Tão fertil , de mil penas combatido ,  
Serenó , e sócegoado então se mostra ;  
Seus olhos fundos , na agudeza lince ,  
Do repouso inimigos , não sentirão  
Jámais do doce somno as dormideiras :  
Com seus enganos ella a toda a hora  
Abusa dos aspectos perturbados  
Da Europa confundida ; reina sempre  
A mentira subtil em seus discursos ,  
E por mais encubrir seus artificios ,  
Com a voz da verdade he que se expressa.

Ella divisa apenas a Discordia ,  
Quando corre a seus braços , logo a afaga ,  
A obsequia com hum maligno riso ,  
Com hum ar mysterioso ; e de repente  
Tomando hum tom bem cheio de tristeza ,  
Não estou mais (diz ella ) n'esses tempos

Felices , em que os Povos enganados  
Me offertavão seus votos , em que a Europa  
Credula , ao meu poder toda sujeita ,  
As leis da sua Igreja confundia  
Co' as minhas leis , bastava , que eu fallasse ,  
Para que logo os Reis , estremecendo ,  
A meus pés se humilhassem : se eu queria ,  
A' minha voz a guerra se excitava  
Sobre o mundo , os trovões erão lançados  
Do alto do Vaticano : em fim a vida ,  
E a morte só nas minhas mãos estava :  
Dar os Reinos , tirallos , restituillos ,  
A mim me pertencia : esse bom tempo  
Acabou : o Senado hoje de França (e)

---

(e) Durante as guerras do 13 seculo entre os Imperadores , e Pontifices de Roma , Gregorio IX. teve o valor não só de excommungar o Imperador Frederico II. , mas tambem de offerecer a Coroa Imperial a Roberto irmão de S. Luiz : O Parlamento de França respondeu em nome do Rei , que não

Quasi extingue nas minhas mãos os raios ,  
Que eu lanço ; de amor cheio pela Igreja ,  
Cheio de horror por mim , ás Nações todas  
O veo do erro lhes tira ; elle he o primeiro ,  
Que , a mascara arrancondo-me do rosto ,  
A verdade vingou , da qual a imagem  
Tomei sempre : Discórdia , e que não possa  
(Eu que ardo em te servir) ou enganallo ,  
Ou ao menos punillo ! Mas andemos ,  
Que os teus fachos o meu trovão de novo  
Accender tornão ; pela mesma França  
A destruição da terra se comece ,  
Os seus soberbos Reis a buscar tornem

---

pertencia ao Papa o desenthronizar hum Soberano ,  
nem ao irmão de hum Rei de França , o receber  
a mão de hum Papa huma Coroa , sobre a qual  
em elle , nem o Sancto Padre tinham algum direi-  
to. Em 1570 deu tambem o Parlamento a famosa  
sentença contra a Bulla da Cea.

Os nossos ferros = Disse , e de improviso ,  
Aos ares se arrojou aquelle monstro.

Longe de Roma , longe do seu fausto ,  
Das pompas vans do mundo , d'esses Templos  
A' vaidade dos homens consagrados ,  
Cujo altivo apparato o mundo engana ,  
A humilde Religião nos seus desertos  
Se esconde , em paz profunda ella ali vive  
Co' seu Deos , entre tanto que o seu nome ,  
Profanado no mundo , ha sido sempre  
Santo pretexto ás iras dos Tyrannos ,  
Dos Povos seducção , ruina dos Grandes :  
Soffrer , he o seu destino ; abençoar tudo ,  
He o que lhe toca ; occultamente roga  
Pelo ingrato , que a ultraja ; ella sem arte ,  
Sem enfeite , nos seus encantos bella ,  
Sempre a sua modesta formosura  
D'esses olhos hypocritas esconde ,

Que em torpel importuno aos seus altares  
Correm só a adorar as vans riquezas.

Por Henrique a sua alma em amor santo  
Se abraçava ; esta filha dos Ceos sabe ,  
Que ella de seus altares , algum dia ,  
O legitimo Culto restaurando ,  
Por seu filho este Heróe adoptar deve :  
Ella o tinha por digno , e os seus suspiros  
Ardentes appressavão esse tempo  
Feliz , mas vagaroso aos seus desejos :  
E de improviso , a Politica , e a Discordia ,  
Inimicamente a inimiga sempre augusta  
Surpreendem em segredo ; ella levanta  
Para Deos os seus olhos lagrimosos ;  
E seu Deos , por provalla , quiz que fosse  
Entregue ao furor d'ellas ; estes monstros ,  
E quem a Religião ha supportado  
Muitas vezes a injuria , d'ella tomão

Os véos sagrados , seus impuros rostos  
Com elles cobrem , tomão-lhe os vestidos  
Respeitados dos homens ; em fim correm  
A Pariz a cumprir os seus projectos.

De hum ar insinuante a sempre destra  
Politica buscou introduzir-se  
No centro da Sorbona antiga , e vasta ;  
Era alli , onde os Sabios respeitosos  
Se juntavão , interpretes sagrados  
Das verdades do Ceo ; que erão modello ,  
E arbitros dos Christãos , e que ao seu culto  
Unidos , aos seus Principes attentos ,  
Guardavão até então hum vigor forte  
A's flexas do erro sempre impenetravel :  
Mas que poucas virtudes são aquellas  
Que sem cessar resistem ! De encuberto  
Monstro a voz venenosa , e encantadora ,  
Lhes commove os espiritos com falsos

isonjeiros discursos. Ella offerece  
grandezas ao que vê ambicioso,  
que do esplendor grave de huma mitra  
e deixa allucinar : foi-lhe vendida  
em segredo a palavra do avarento :  
com hum destro elogio o Sabio encanta,  
a preço de hum insenso vão lhe compra  
estimavel verdade : Se intimida  
ameaçado da sua voz o fraco ;  
em tumulto se ajuntão, em tumulto  
decide tambem. Por entre os gritos  
a confusão, do ruido, e da disputa,  
a virtude de hum tal lugar se ausenta  
nhada em pranto. Em nome então de todos  
um dos velhos exclama = Os Reis a Igreja  
faz, ella os absolve, ella os castiga :  
a nós está a Igreja, em nós sómente  
sua lei está, nós reprovamos  
Valois, que não he já mais Rei nosso ;

Sagrados juramentos , (f) nós rompemos  
Vossas cadeas = Logo que ha fallado ,  
A inhumana Dircordia determiná ,  
Que com letras de sangue se transcreva  
O odioso decreto ; todos jurão  
De estar por elle , e á sua vista assignão.

De improviso ella voa ; ella de Igreja  
Em Igreja annuncia aos do Partido  
Esta grande interpreza ; revestida  
Do habito de Agostinho , e do Capello  
De Francisco , nos claustros mais sagrados  
Faz sua voz ouvir-se ; a grandes gritos  
Ella chama alli todos os espectros

---

(f) Em 17 de Janeiro de 1589 a faculdade de Theologia de Pariz deu o Decreto , que declarava ficarem os Vassallos desobrigados do juramento de fidelidade , e que podião legitimamente fazer guerra ao Rei. A Sorbona depois , vendo-se livre da tyrannia da Liga , revogou este Decreto.



Austeros , de seu jugo rigoroso  
Voluntarios escravos = Ora vede  
(Lhes diz) da Religião a formidavel  
Sentença , vede bem , reconhecei-a ,  
Do Altissimo vingai os interesses :  
A vós venho , sou eu a que vos chamo ;  
Este ferro , que em minhas mãos scintilla  
A vossos olhos , esta aguda espada  
Fatal a nossos féros inimigos ,  
Da mão do mesmo Deos se ha trasladado  
A' minha ; e he já tempo que das sombras  
Sahaes d'esses retiros ; que de hum santo  
Zelo vós espalheis vossos exemplos :  
Ensinai aos Francezes , duvidosos  
Na fé , quanto se dá Deos por servido  
Da victima de hum Rei ; em fim lembrai-vos ,  
Que a casa de Levi , que sempre honrada  
Fora por Deos no santo ministerio ,  
A honra mereceu de que chegasse

Ao altar com as mãos tinctas de sangue  
Dos filhos de Israel: Porem que digo?  
Onde os tempos estão, aonde os dias  
Prosperos, em que eu vi tantos Francezes  
Mortos por seus irmãos! Vós fostes mesmos,  
Sagrados Sacerdotes, que seus braços  
Conduzistes: por vós ha recebido  
A morte Coligny; eu mesma em sangue  
Nadei; ah! que inda corre; ide, mostrai-vos,  
E incitareis o Povo, que me adora.

No mesmo instante o monstro deu a todos  
O signal; forão todos corrompidos  
Do seu fatal veneno; a Pariz marcha,  
Onde conduz a procissão solemne:  
O estendarte da Cruz (g) no meio d'ella

---

(g) Desde que Henrique III., e o Rei de Navarra, se apresentavão em armas á vista de Pariz, a maior parte dos Frades vestirão a coiraça, e met-

Se arvorava ; elles cantão , e os clamores  
Devotos , e furiosos bem mostravão  
Quererem associar o mesmo Empyreo  
Na sua rebellião ; ouve-se , que elles  
Nos seus votos fanaticos ajuntão  
As maldições ás preces , que fazião :  
Sacerdotes audazes , porém fracos  
Soldados para a guerra ; elles do alfange ,  
E da espada seus braços encarregão ,  
Grossa coiraza seus cilícios cobre ;  
Aos muros de Pariz esta milicia  
Infame , entre o tumulto de huma plebe  
Impetuosa , assim marcha , e vai seguindo  
O Deos da paz , que diante de si leva.  
Mayenne , que de longe a louca empreza

---

ão guarda com os Paizanos. Este lugar designa a  
rocissão da Liga, na qual mil e duzentos Frades  
mados fizeram revista em Pariz, tendo a Guilher-  
e Rose, bispo de Senlis, na frente d'elles.

Está vendo , no publico a auctorisa ,  
Mas comsigo a desdenha ; bem conhece ,  
Quanto o Povo submisso assim confunde  
O culto , e o Fanatismo ; não ignora  
A grande arte , aos Principes precisa ,  
De nutrir a fraqueza , e o erro ao vulgo ;  
O escandalo piedoso em fim applaude ;  
O que he sabio o maldiz , ri-se o soldado ,  
Mas o Povo excitado aos Ceos envia  
Os gritos do alvoroço , e da esperanza ;  
E como á sua audacia sempre o susto  
Costuma succeder , em hum momento ,  
O receio ao furor fez então praça.  
Assim o Anjo dos mares sobre o seio  
De Amphitrite , se quer , acalma as ondas ,  
Ou as irrita , quando lhe parece.

Dezeseis sediciosos (b) a Discordia

---

(b) Assim chamados por causa dos 16 bairros

Ha escolhido , assignalados estes  
Pelo crime entre os mais do seu Partido ,  
Ministros insolentes d'esta sua  
Nova Rainha ; ao seu sanguinolento  
Carro sobem com ella ; o orgulho , a morte ,  
A traição , o furor vão diante d'elles  
Por arroios de sangue ; elles nascidos  
Na escuridão , nutridos na baixeza ,  
Para com os seus Reis o odio sómente  
Por nobreza avalião ; conduzidos  
Té baixo do docel pelo seu Povo ,  
A Mayenne , que os vê junto ao seu lado ,  
Dão que temer ; dos jogos da Discordia  
Ordinarios caprichos ; (i) muitas vezes

---

de Pariz , que elles governavão pelas suas intelligencias.

(i) Os dezeseis forão muito tempo independentes do Duque de Mayenne ; hum d'elles chamado Normand disse hum dia na Camara do Duquell

Aquelles , que ella cumplices ha feito ,  
Os faz iguaes ; assim se vê , que irados  
Os ventos , que o flagello são das aguas ,  
Do Rhodano , ou do Seha as ondas movem ;  
Nas profundas cavernas encharcado  
O lodo então se eleva , e vem acima  
Sobre a face das ondas ; assim como  
No furor dos incendios , que as Cidades  
Iguala aos campos razos , e funestos ;  
O chumbo , o bronze , e ferro derretido  
Pelas chamas , ao oiro se misturão ,  
Ao oiro sim , que então se torna escuro .

N'estes de sedição , e de tumulto  
Dias tristes , só Themis ao contagio  
Resistia ; de engrandecer-se a sede ,  
A esperança , e o temor jámais puderão ,

---

Aquelles , que o fizerão , poderião tambem desfazello . =

Inclinar-lhe nas mãos a fiel balança  
Sem macula seu Templo sempre esteve ,  
Correndo a ella a simples equidade ,  
Búscava á sua sombra estar segura.

N'este sagrado Templo ha hum Senado  
Venerando , propicio á innocencia ,  
Ao crime formidavel ; elle o apoio  
He das leis do seu Principe , elle he o orgão ;  
Entre este , e o Povo marcha de igual passo :  
A justa confiança , que conserva ,  
Da equidade dos Reis , faz muitas vezes ,  
Que dirija a seus pés da França as queixas ;  
Sua ambição sómente ao bem do Estado  
Se encâminha ; aborrece a tyrannia ,  
A rebellião o enfada ; cheio sempre  
De respeito , e vallor , prudente , e sabio ,  
A submissão da escravidão distingue ,  
E em defender as nossas liberdades

Sempre prompto , elle a Roma reconhece ,  
Sabe honralla , e tambem sabe contella.

Dos tyrannos da Liga o esquadrão féro  
Eis do Templo de Temis cerca as portas :  
Bussy (1) os conduzia , esse vil mestre  
De armas , subido pela sua audacia  
A tão culpavel honra ; entr , e profere  
Estas palavras á Assembleia augusta ,  
Por quem dos Cidadãos se rege a sorte :  
= Mercenarias columnas de hum confuso  
Labyrinto de leis , plebeos insanos ,  
Que tutores dos Reis pensais ser sempre ,  
Froxos , que collocais a vergonhosa  
Vangloria das venaes grandezas vossas  
Na facção , na desordem , na caballa ;

---

(1) Bussy le Clerc , que de jogador de armas passou a Governador da Bastilha , e a Chefe d'esta facção.



Na paz tyrannos, tímidos na guerra,  
Ao Povo obedeei, e aos seus decretos:  
Antes dos Reis, já Cidadãos havia:  
Os direitos perdidos pelos nossos  
Antepassados, hoje recobramos;  
D'este Povo abusastes muito tempo,  
Elle do Sceptro se acha aborrecido,  
E o Sceptro se ha quebrado: os grandes nomes  
Riscaí, que vos molestão certamente,  
Sim, = *de pleno poder* = essas palavras,  
Que temem todos, todos aborrecem:  
Se julgais, seja em nome só do Estado  
Não o lugar do Rei, mas sim do Povo:  
Sustentai entre vós, imitai sempre  
A Sorbona, ou temeí minha vingança. =

Respondeo o Senado com hum nobre  
Silencio a tudo; assim se vio de Roma  
Nos muros abatidos, e abrazados,

Que os Senadores curvos com o pezo  
De seus annos, intrepidos, e immoveis  
Em seus assentos, d'hum olhar tranquillo,  
Os Gaulos esperavão, e inda a morte:  
Colerico Bussy, não sem assombro,  
= Obedecei, tyrannos, ou segui-me =  
(lhes diz) Então Harlay primeiro se ergue,  
Harlay nobre exemplar, de hum Parlamento  
O Chefe, justo, quanto destemido:  
Elle á cohorte logo se apresenta,  
Pede os ferros, guardando o mesmo aspecto,  
Com que os mãos haveria condemnado:  
Os Chefes da justiça a Harlay unidos,  
Desejando, que a honra dos tormentos  
Com elles repartisse, e fossem todos  
Victimaa de huma fé, que aos Soberanos  
Se deve, as mãos estendem generosas  
Aos ferros dos algozes, que lhas prendem.

Repeti-me vós, Musas, esses nomes  
Tão amáveis à França: vós eternos  
Fazei esses Heróes, a quem a força  
Da licença opprimio: o virtuoso  
De Thou, Molé, Scaron, Bayeul, e o senapre  
Justo Potier, e vós Longueil mancebo,  
Em quem por apressar vossos destinos,  
O espirito, e a virtude os annos bellos  
Adiantarão: em fim todo o Senado  
Pelos dézeseis prezo, entre a turba  
De hum vil Povo em triumpho he conduzido  
Ao Castello, (m) Palacio da vingança,  
Que encerra as mais das vezes tanto crime,  
Como a innocencia. He d'este infame modo,  
Que os rebeldes mudarão todo o Estado:  
A Sorbona he cahida; o Parlamento  
Acabou: Mas porque hum tal concurso?

---

(m) A Bastilha.

Gritos tão lamentaveis ? Que instrumentos  
Da morte dos culpados são aquelles ,  
Que se apromptão ! Quem são os Magistrados  
Que a mão do algoz infame no sepulchro  
Por ordem dos tyrannos precipita ?  
Ah ! que em Pariz se vê , que hum só destino  
Tem a virtude , e o crime. Brisson (n) guapo ,  
Tardif , e Larcher , victimas honrosas ,  
Injuriados não sois por esta morte  
Cheia de affrontas : Generosos Manes  
Não vos envergonheis , que os vossos nomes  
Na memoria serão sempre famosos ,  
Quem morre pelo Rei , morre com gloria.

No meio dos rebeldes a Discordia  
Se applaude do successo dos seus torpes

---

(n) Em 15 de Novembro de 1591. Estes grandes Sabios , e Conselheiros forão enforcados por ordem dos dezeseis.

Designios , de hum ar féro , e bem contente ,  
Na sua crueldade então tranquilla ,  
Os effeitos observa perniciosos  
De huma guerra civil n'aquelles muros  
Todos ensanguentados , entre hunſ Povos  
Miseraveis , que contra o seu Monarcha  
Sómente unidos , entre si discordes ,  
(Jogo infeliz das intestinas furias)  
Da triste Patria apressão as ruinas ;  
O tumulto por dentro , insta por fóra  
O perigo , e se vê por toda a parte  
O destroço , a carnagem , o pranto , a morte.



## CANTO V.

## ARGUMENTO.

*Os sitiados são fortemente opprimidos. A Discordia excita a Jacques Clemente a sair de Pariz para assassinar o Rei. Elle chama do fundo dos Infernos o Demonio do Fanatismo, que conduz este Parricidio. Sacrificio dos da Liga aos Espiritos Infernaes. Henrique III. he assassinado. Sentimento de Henrique IV. Elle he reconhecido Rei pelo Exercito.*

**N**O em tanto as grandes maquinas chegavão  
Que em seus seios trazião dos rebeldes  
A perdição : de toda a parte o ferro ,  
E o fogo ao ar voando , por cem bocas  
De bronze lhes prostravão as muralhas :  
Dos dezeseis a ira ; de Mayenne

A prudencia ; de hum Povo sedicioso  
A feroz arrogancia ; dos Doutores  
Da lei as decisões escandalosas ;  
Era tudo não mais que hum vão esforço  
Contra o Herôe , a victoria a grandes passos  
Se aproximava sobre seus vestigios :  
Sixto , Filippe , e Roma em ameaças  
Rebentavão , mas Roma ao Universo  
Não era já terrivel , que nos arês  
Seus raios debeis todos se perdião ;  
E o velho Castelhana costumado  
Aos vagares , privava do soccorro  
Preciso aos sitiados : pela França  
Seus soldados vagando a toda a parte ,  
A Pariz não valião , e assolavão  
Nossas Cidades ; era todo o intento  
Do pérfido , que a Liga , por cançada ,  
Podesse offerecer facil conquista  
Ao seu braço ; este pois tão perigoso

Arrimo, e huma amisade em si tão falsa,  
Hum Senhor, em lugar de hum Alliado,  
Lhes preparava, quando a resoluta  
Mão d'hum furioso aquelles vãos projectos  
Pareceo suspender por algum tempo.

Vós de Pariz. tranquillós habitantes,  
Que em dias mais felices vos permite  
O Ceo nascer, perdoai se hoje de novo  
Minha mão á lembrança vos presenta  
A historia criminal dos seduzidos  
Vossos antepassados; não se estende  
A vós o horror fatal de suas culpas;  
Pełos Reis vossos vosso amor he tanto,  
Que basta a restaurar-lhes toda a gloria.

Em todo o tempo a Igreja ha produzido  
Solitarios, que unidos em hum corpo,  
Debaixo de severos institutos,



em distintos do resto dos mais homens,  
Deos se consagrarão por seus votos  
solemnnes : D'estes huns permanecerão  
em huma paz profunda , inaccessivel  
sempre aos encantos frivolos do mundo ;  
celosos do repouso , que roubar-lhes  
ninguem pôde , fugirão ao Commercio  
dos humanos , a quem servir podião :  
outros porém , fazendo-se precisos  
ao Estado , illustrarão sempre a Igreja ,  
abrirão as cadeiras ; mas que importa ;  
e allucinados logo por huns genios  
visioneiros , no seculo espalhados ,  
elles tem abraçado muitas vezes  
seus costumes ! A surda ambição sabe  
as suas pentenções dispor os meios ;  
mais de hum Paiz se ha visto das intrigas  
elles queixoso ; assim entre os humanos

O mais perfeito bem , por hum abuso  
Do maior mal se ha feito toda a origem

Os que a vida abraçarão de Domingos  
Virão por muito tempo a sua gloria  
Firmar-se nas Hespanhas ; dos escuros ,  
Quanto humildes empregos , de repente  
Aos Palacios dos Reis elles passarão.  
Não com menos poder , nem menos zelo  
Florencia na França respeitada  
Esta ordem dos Reis favorecida ,  
Tranquilla , e em fim feliz , se do seu seio  
Não sahisse hum traidor como Clemente.

Clemente (a) no retiro desde a sua

---

(a) Jacques Clemente da Ordem dos Dominic  
era de idade de 24 annos e meio , e pouco ante  
se havia ordenado de Sacerdote quando commetteu  
este Regicidio.

Menor idade, havia produzido  
Escuros movimentos de huma inerte,  
E rustica virtude; elle mui fraco  
Espirito, e assim credulo bastante  
Na sua devoção, segue a torrente  
Dos rebeldes: foi sobre este mancebo  
Estulto, que a Discordia ha derramado  
O veneno infernal da sua boca:  
Os pés do santo Altar, todos os dias,  
Lle prostado, aos Ceos era importuno  
Dos seus criminaes votos. Diz-se, que elle,  
De cinza, e pó cuberto, pronuciara  
Uma vez esta supplica tremenda:  
Deos, que vingas a Igreja, e que castigas  
Os tyrannos, ver-se-há continuamente,  
Que opprimes a teus filhos? que proteges  
Os damnos de hum Monarcha, que te ultraja?  
Que as mãos impuras lhes armas? que abençoa  
Os seus perjurios? Grande Deos, já cessa

De provar-nos em fim por teus flagellos ;  
Contra os teus inimigos te levanta ,  
Para longe de nós aparta a morte ,  
E a miseria ; de hum Rei , que nos he dad  
Pela colera tua , já nos livra ;  
Vem , dos Ceos abrazados essa altura  
Faze humilhar , que diante de ti marche  
O Anjo exterminador ; arma-te , desce ,  
E hum raio ardente prostre a nossos olhos  
O sacrilego exercito , e o destrua ;  
Que os dois Reis espirando , os seus soldados  
E Chefes cáião , como cahe a folha  
Pelo vento espalhadas , e que em fim salvos  
Por ti os teus Catholicos da Liga ,  
Sobre os ensanguentados corpos possão  
Dirigir-te seus canticos perennes. =

Atravessando os ares a Discordia  
Ouve attenta os clamores espantosos ,

E aos Infernos os leva : n'hum instante  
Dos seus Reinos sombrios faz que venha  
O mais cruel Tyranno d'esse Imperio  
Das sombras : elle chega, o Fanatismo  
Seu nome horrivel he , filho inhumano  
Da Religião : armado em defendella ,  
Ó cuida em destruilla , e recebido  
No seu seio , elle a abraça , elle a arruina.

Elle foi em Rabá (*b*) quem sobre as praias  
Do Arnon os descendentes conduzia  
Do desgraçado Ammon , e as Mães chorosas,  
Que a Moloc , o seu Deos , apresentavão  
As fumantes entranhas de seus filhos :  
Elle o que fez dictar o juramento

---

(*b*) Paiz dos Ammonitas , os quaes lançavão seus  
Fogos nas chaminas ao som de tambores , e de trom-  
betas em honra da Dividade , que adoravão com o  
nome de Moloc.

De Jephthé inhumano, e temerario,  
Para no coração da tenra filha  
Conduzir-lhe o punhal: Elle o que abrindo  
De Calcas a impia bocca, a cruel morte  
Por sua vez pedira de Ifigenia:  
Ha muito tempo, França, que elle assiste  
Nos teus bosques, que o teu sagrado incenso,  
Ao terrivel Teutates (c) elle offerece,  
Tu não te has esquecido d'esses santos.  
Homicidios, que aos vãos indignos Deozes  
Presentavão os teus antigos Druidas:  
Do alto do Capitolio elle bradava  
Aos idolatras, que os Christãos punissem,  
Que os destruíssem, e que os atormentassem:  
Porém, quando em fim Roma submettida  
Foi ao filho de Deos, do Capitolio

---

(c) Teutates era hum dos Deozes dos Gaulos,  
a quem se sacrificavão homens.

esfeito em cinza , se ha passado á Igreja ,  
então nos corações , que erão de Christo ,  
furias inspirando , sem demora  
e Martyres os fez pèrseguidores.  
e em Londres , formou a turbulenta  
ta , (d) que sobre hum Rei , de si mui fraco ,  
m sanguinosa mão se vio erguida.  
na Lisboa , eMadrid , (e) elle he o que accende  
fogueiras solemnes , onde em pompa ,

---

d) Os Enthusiastas ( chamados independentes )  
são os que tiverão a maior parte na morte de  
o I. Rei de Inglaterra.  
e) O estamelecimento da Inquisição he filho do  
fanatismo , com que o Senhor D. João III. quiz se man-  
ter a pureza da Religião nos seus Estados , e  
obra do Fanatismo como licenciosamente diz  
o A. Todos sabem o recto procedimento d'es-  
supremo Tribunal para com os intitulos Ju-  
es , os quaes nunca se castigarão por seguir a  
falsas doutrinas , mas sim pelo seguirem depois de ter abra-  
do o Christianismo , e commetterem huma hor-  
rifica profanação de todos os Sacramentos : Além de

Por Padres em cada anno , se conduzem  
Os Judeos infelices , por não terem  
Deixado a fé de seus antepassados.

Elle por disfarçar-se , se vestia  
Sempre d'esses sagrados ornamentos  
Dos Ministros do Ceo : d'esta vez passa  
A' eterna escuridão a tomar n'ella  
Para novos delictos nova fórma :  
A audacia , e o artificio , os seus aprestos

---

que , os actos da fé , que a Inquisição celebra  
n'este Reio nem todos se fazião solememente  
por costume todos os annos ; mas só quando a p  
tinacia dos delinquentes se ensurdecia ás vozes  
razão , e á luz da fé , a que fechavão os olhos  
Este Tribunal he hoje com mais justiça digno  
respeito , porque á inspecção dos seus Juizes ,  
únio por lei dos nossos Principes a sua augusta  
decisão , para poderem ter execução os seus pro  
cessos. Os estrangeiros fallão n'esta materia com  
odio e ignorancia crassa ; o que basta para não s  
rem accreditados. ( *Nota do Editor.* )



Forão : elle de Guizo , toma o talhe ,  
E as feições : do soberbo Guiza , aquella ,  
Que tyranno do Estado se descobre ,  
E Rei de seu Senhor : quem por ser sempre  
Poderoso , inda além da morte a França  
Arrastrava aos combates. A cabeça  
Elle cobre de hum casco formidavel ,  
Na mão se vê a espada , aquella espada  
A' morte sempre prompta ; traz o peito  
Traspassado dos golpes , com que hum dia  
Este Heróe sedicioso assassinado.  
Fora em Blois ; os clamores do seu sangue ,  
Que abundante inda corre , parecião  
A Valois accusar , pedir vingança.

N'este terrivel lugubre apparato ,  
Por entre as dormideiras , que costuma  
O somno derramar , elle a Clemente  
Vem procurar no centro do retiro :

Era a superstição, era a inquieta  
Facção, o falso zelo, sempre acceso  
De huma brilhante colera, que estavam  
Velando á sua porta; de repente  
Elles abrem, elle entra, (f) e então com hum  
Voz magestosa, e fêra, assim lhe falla :  
= Deos teus votos acceita, e rogativas;  
Mas de ti não terá por culto, e incenso,  
Mais que huma eterna queixa, huns fracos votos?  
A Deos, que serve a Liga, são precisas  
Outras offrendas; elle de ti exige  
Os dons, que tu lhe pedes: Judith (g) forte,

---

(f) Imprimio-se em Pariz, e sahio ao publico em 1589 huma relação do martyrio de Fr. Jacques Clemente, na qual se segurava, que hum Anjo lhe tinha apparecido, e lhe havia mostrado hum espada nua, e ordenado, que matasse o tyranno.

(g) Estando já em em S. Cloud Jacques Clemente, algumas pessoas que desconfiayão d'elle, o espíarão durante a noite, e o acharão dormindo pro-

Se em outro tempo, por salvar seu Povo,  
A Deos não offertasse mais que os gritos,  
E as lagrimas, se pelos seus temendo,  
Tambem por si temesse, cahir vira  
Judith por terra os muros de Bethulia;  
Eis-aqui as emprezas, que tu deves,  
Por santas, imitar, he esta a offerta,  
Que apresentar a Deos és obrigado:  
Mas tu mesmo, já vejo, te envergonhas  
De haveres differido, corre, vôa,  
E a tua mão no sangue consagrado,  
Libertando os Francezes de hum Monarcha  
Indigno, a Pariz vingue, vingue a Roma,  
Mim, e o Universo. A minha vida  
Cortou Valois por hum assassinato;  
Unir co' mesmo golpe te he preciso

---

ndamente com o Breviario ao pé de si aberto  
o artigo Judith.

Sua perfidia ; não te embargue o susto  
Do nome de Assassino ; se foi nelle  
Cruel delicto , em ti será virtude ;  
Tudo he licito a quem a Igreja vinga ,  
A morte he justa então , e o Ceo não menos  
A auctõrisa ; que digo ? Deos o manda ,  
E pela minha voz elle te instrue ;  
Para a morte de Henrique elle o teu braço  
Ha eleito ; feliz tu se pudesses ,  
Consunmando a vingança , o de Navarra  
Juntar na mesma acção a hum tal Tyranno ,  
E se d'estes dois Reis , livres de todo  
Teus Cidadãos , pudessem . . . mas os tempos  
Não são inda chegados ; Bourbon deve  
Viver , e Deos , ao qual se oppõe seu braço ,  
Para outras mãos reserva toda a gloria  
Da sua ruina ; tu que és tão zeloso  
D'este Deos , enche os seus grandes designios  
E o mimo accceita , que por mim te envia. =

O fantasma então faz a estas palavras  
Um punhal reluzir, que havia o odio  
Das aguas infernaes humedecido ;  
A dadia fatal na mão do incauto  
Clemente deposita, foge, e torna  
A morada infernal a submergir-se.

Facilmente enganado o Religioso  
Fancebo, creu, que o Ceo seus interesses  
Somente em suas mãos depositara :  
O funesto presente elle prostrado  
S osculos duplica ; elle de joelhos  
O Omnipotente o braço humilde implora ,  
Cheio em fim do monstro, de quem sempre  
Furor o dirige, de hum ar santo  
O fatal parricidio já se aprompta.

Quanto ao erro se humilha com presteza  
humano coração ! Eis já Clemente

Gostando huma feliz serenidade ;  
Elle estava animado , sim d'aquella  
Audacia , que no coração dos Santos  
Firma a innocencia ; no furor tranquillo ,  
Os olhos baixos , marcha ; elle seus votos  
Sacrilegos ao Ceo sempre dirige , (h)  
De huma austera virtude em seu semblante  
Reluz a estampa ; e o ferro parricida  
Debaixo do cilicio leva occulto :  
Elle parte ; os parciaes logo instruidos  
Do projecto , os caminhos alcatifão  
De odoriferas flores a seus passos :  
E de hum santo respeito todos cheios ,  
A's portas o conduzem : abençoão  
Seu intento : este o instrue ; aquelle o anima ,  
O nome de Clemente já numerão

---

(h) Elle jejuou , confessou-se , e commungou  
antes de partir a ir assassinar o Rei.

entre os nomes sagrados , que em seus fastos  
oma por immortaes tanto respeitã ;  
m altas vozes vingador da França  
appellidão , na mão tendo os incensos  
dão pressa a invocallo. No transporte ,  
a no ardor , nunca forão tão activos  
s primeiros Christãos , que de morrerem  
esejosos , intrepidias columnas  
a crença de seus Pais , em outro tempo  
us irmãos , ao martyrio acompanhavão ;  
doçuras de morte tão ditosa  
veja lhes fazião , e os vestigios  
seus passos com lagrimas beijavão :  
fanatico cego muitas vezes  
caracter se não diversifica  
sincero Christão ; hum mesmo esforço  
m ambos , tem os mesmos sentimentos ,  
m seus Martyres o erro , Heróes o crime ;  
zelo verdadeiro , e do que he falso

Vãos Juizes que somos! parecidos  
Muitos malvados são aos grandes homens.

Mayenne, cujos olhos tudo observão,  
Bem está vendo o golpe preparar-se,  
Finge porém que o ignora; o seu prudente  
Artificio de hum crime tão odioso  
Cuida em colher o fructo, sem que n'el  
Tenha parte; elle deixa com industria  
Para os mais sediciosos o cuidado  
De esforçar o valor d'este furioso.

Em tanto que huma turba sanguinaria,  
De rebeldes ás portas conduzia  
De Pariz este infiel, ao mesmo tempo  
O sacrilego esforço da assemblea  
Dos dezeseis examinava a sorte  
Sobre o successo. Antigamente (i) a audacia

---

(i) Catharina de Medicis havia posto a mag



Cuidadosa de Medicis havia  
penetrado a sciencia detestavel  
D'estes segredos ; ella muito tempo  
Esta arte profundou em si suprema ,  
Vã , chimerica , e sempre criminosa ;  
Seguiu-se o seu exemplo , e o Povo rude ,  
Ervil imitador dos fataes vicios  
Da Corte , amante só de novidades ,  
Captivo de prodigios , a tão impias  
Desordens de tropel se abandonava.

Nas sombras da alta noite ao centro horrivel  
De huma abobeda escura , esta malvada  
Assemblea o silencio ha conduzido ;  
O pálido clarão de huma lanterna

---

uito em moda na França. Achavão-se por toda  
parte homens assás loucos por se crerem Magi-  
cos , e Juizes supersticiosos , que os punião de boa  
, como taes.

Magica , hum Altar vil sobre hum sepulchro  
Se erigio ; dos dois Reis logo as imagens  
Alli se collocarão ; sendo o objecto  
Para elles de terror , o são agora  
De seus ultrages ; suas mãos impuras  
Sobre o funesto Altar tem confundido  
Os nomes infernaes com o do Eterno :  
Dispostas pelas funebres paredes  
Estão cem lanças , todas tem as pontas  
Em vazilhas de sangue mergulhadas ,  
Ameaçante apparatus , que inventarão  
De hum mysterio horroso : o Sacerdote  
Do escuro Templo hum d'esses Hebreos era  
Que sobre a terra vagão , que proscriptos ,  
E Cidadãos do mundo , vão levando  
De mar em mar a erratica miseria ,  
E que tem cheio desde muito tempo  
Os Povos de huma antiga immensidade  
De superstições : ao redor d'elle

Os da Liga furiosos principião  
A grandes gritos o impio sacrificio :  
Lavão no sangue os braços parricidas ,  
De Valois , sobre o Altar , passão o peito ;  
Com mais terror ainda , com mais furia  
De Henrique a imagem prostrão , e debaixo  
A calção de seus pés ; (l) pensão que a morte  
Fiel á sua colera vai logo  
Transmittir a estes Reis o ferimento  
Dos seus golpes ; (m) o Hebreo junta entre tanto  
As preces ás blasfemias ; elle invoca

---

(l) Muitos Sacerdotes da Liga havião mandado fazer pequenas imagens de cera , que representão Henrique III. , e o Rei de Navarra ; punhão sobre o Altar , e durante a Missa as ferião ; isto por espaço de 40 dias consecutivos , e no fim d'elles as ferião no coração.

(m) De ordinario servião-se dos Judeos para fazerem as operações magicas. Esta antiga superstição vem dos segredos da Cabala , dos quaes os Judeos se dizião sómente os depositarios.

O abysmo , os Ceos , o mesmo Deos Eterno ,  
Todos esses espiritos immundos ,  
Que turbão o Universo , assim o fogo  
Do raio , como as chammas dos Infernos.

Igual foi em Gelboé o sacrificio ,  
Que Pythoniza aos seus infernaes Deozes  
Offertou , quando fez vir á presença  
De hum Rei cruel a imagem espantosa  
De Samuel Sacerdote : assim não menos  
Do alto de Samaria trovejava  
A impia voz dos Profetas mentirosos  
Contra Judá ; ou tal entre os Romanos  
O cruel Ateyo (n) amaldiçoando as armas  
De Crasso pela invocação dos Deoses.

---

(n) Ateyo Tribuno do Povo não podendo impedir a Crasso a partida contra os Parthos , trouxe hum brazeiro ardente para a porta da Cidade por onde Crasso havia de sahir , e lançando lhe

Aos magicos accentos, que lhe sahem  
Da boca, os Dezeseis tem a confiança  
De esperar, que do Ceo se lhes responda;  
Obrigallo elles pensão, a que a sorte  
Se lhes descubrá: o Ceo para punillos  
Quiz então escutallos, quiz por elles  
Interromper as leis da natureza:  
Hum lugubre murmureo das cavernas  
Mudas sahe, os relampagos continuos  
Lhes dão a ver na mais profunda noite,  
Hum horroroso dia, que renasce,  
E que foge; no meio d'estes fogos  
Resplendecendo em gloria elles divizão  
A Henrique, sobre hum carro de victoria;  
Os loiros lhe c'roavão tada a frente  
Nobre, e serena; em fim brilhava o Sceptro  
Dos Reis nas suas mãos: o ar de improviso

---

certas hervas, amaldiçoou a expedição de Crasso  
invocando para isso as Dividades infernaes.

Aos tiros do trovão passa a abraçar-se ;  
Cheio de fogo o Altar , se arruina , e logo  
Se submerge na terra : consternados  
Os Dezeseis , de horror o Hebreo cuberto ,  
Vão esconder na noite tanto o crime ,  
Como a perturbação , que os affugenta.

Estes trovões , e fogos , este ruido  
Espantoso a Valois annunciavão  
A perda inevitavel ; os seus dias  
Tem Deos contado do alto do seu Throno.  
Havia longe d'elle retirado  
O seu soccorro ; a morte era impaciente  
Em aguardar a victima , que he sua ,  
E Deos como que hum crime permittia  
Por perder a Valois. Sem sobre salto  
Ao campo real marchou o impio Clemente ;  
Elle chega , e requer , que ao Rei os guardas  
Lhe permittão fallar ; diz que Deos mesmo

Faz , que áquelles lugares conduzido  
Venha , porque os direitos do diadema  
Por elle se restaurem ; que ao Rei proprio  
Quer revelar segredos importantes ;  
Duvidão , por bastante tempo o observão ,  
E he perguntado ; teme-se debaixo  
D'aquelle habito algum fatal mysterio ;  
Elle passa por hum severo exame  
Sem jámais se assustar , responde a tudo  
Com bem simplicidade , quem creia ,  
Que a verdade não via bem patente  
Em seus discursos ? faz em fim o guarda ,  
Com que á vista do Rei elle appareça .

Não assustou o aspecto Soberano  
Ao traidor ; com hum ar tranquillo , e humilde  
Elle dobra os joelhos , elle observa  
O lugar , onde bem empregue o golpe ;  
E a mentira sagaz , que a sua lingua

Conduzia , dictou-lhe n'este instante  
Tão perfido discurso ; elle assim falla :  
= Grande Rei , permitti , que ao Deos Supremo  
Que faz reinar os Reis , eu encaminhe  
Minha timida voz , antes de tudo  
Meu coração deixai que o louve , e cante ,  
Pelos bens , que hoje vai sua Justiça  
Derramar sobre vós ; Potier virtuoso , (o)  
E Villeroi prudente a fé intacta  
Vos guardão entre os vossos inimigos ;  
Harlay , (p) o grande Harlay , de cujo zelo  
Intrepido , assustado se vio sempre  
O infiel Povo ; do centro de huma escura

---

(o) Potier , Presidente do Parlamento , de que  
assima se fallou. Villeroi que havia sido Secreta-  
rio d'Estado de Henrique III.

(p) Achilles de Harlay estava então recluso na  
Bastilha por Eussy le Clerc : Jacques Clemente apre-  
sentou ao Rei hum carta da parte d'este Magis-  
trado , porém ignora-se se era , ou não fingida.



Prizão, os corações vai reunindo  
De todos; junta os vossos fieis Vassallos,  
E confunde os da Liga: Deos, que, sempre  
Sabios, e poderosos abatendo,  
Pela mão, que he mais fraca, cumprir soube  
As suas obras, fez, com que á presença  
Do grande Harlay eu fosse conduzido;  
Cheio da sua luz, e pela sua  
Mesma bocca instruido, diligente  
Ao meu Principe vôo, e vos entrego  
Esta carta, que Harlay acaba ha pouco,  
Como a subdito fiel, de encarregar-me. =

Impaciente Valois recebe a carta,  
E as mãos levanta aos Ceos, que lhe permitem  
Tão suave mudança; = Oh se eu pudesse  
(Diz elle) este teu zelo, e bom serviço  
Remunerar-te já pelo meu gosto,  
E da minha justiça! = Estas palavras

Dizendo , elle lhe estende os Reaes braços ;  
No mesmo instante o monstro o punhal tira ,  
E ousadamente o peito lhe atravessa ;  
O sangue corre , e todos assombrados  
Se avançam dando gritos ; eis já se erguem  
Mil braços a punir este assassino ;  
Mas sem baixar os olhos , com desprezo  
Elle os attende ; a França satisfeita ,  
E do seu parricidio vanglorioso ,  
Em recompensa a dura morte espera  
De joelhos ; em fim , elle de Roma ,  
E da França se crê ser o refugio ;  
Pensa que os Ceos vê já , que estes se lhe abrem  
E a Deos pedindo a palma do martyrio ,  
Cahe , abençoando os golpes , com que espira .

Torpe illusão , fantastica cegueira ,  
De horror , de compaixão mil vezez digna ,  
E da morte do Rei menos culpavel

Talvez, do que esses laxos, váos Doutores  
Do se Rei inimigos, que espalhando  
O veneno fatal com suas vozes,  
O fraco Religioso allucinarão.

Estava já Valois tocando aquella  
Triste, e ultima hora, nem seus olhos  
Vião de luz apenas mais, de hum resto;  
Seus Cortezãos, chorando ao redor d'elle,  
Por designios diversos divididos  
Em segredo com huma voz commua  
Formando as mesmas queixas, expressavão  
As dores, ou sinceras, ou fingidas;  
Os que se esperançavão na mudança,  
Proxamente se affligem do perigo  
Do seu Principe; cheios então outros  
Do temor, do interesse, não choravão  
O Rei, mas a fortuna decahida.

Entre o confuso ruido de clamores ,  
E de queixas , sómente vós , Henrique ,  
Lagrimas derramates verdadeiras ;  
Vosso inimigo foi , mas os que nascem  
De corações sensíveis , facilmente  
Se commovem nos horridos momentos ;  
Só da sua amisade então se lembra  
Henrique , e o interesse em vão combate  
Contra a sua piedade ; o Heróe virtuoso  
A si mesmo occultava o pensamento ,  
De que esta morte a C'roa lhe trazia.

Por hum ultimo esforço então voltando  
Valois para elle os olhos já pezados ,  
Que a morte hia a fechar , e ao mesmo tempo  
Com suas mãos tocando nas de Henrique ,  
= Mãos vencedoras , diz-lhe d'esta sorte :  
As generosas lagrimas detende ,  
O Universo indignado á sua conta

Toma o compadecer-se : reinar deve  
Bourbon , e combater , por fim vingar-me :  
Eu morro ; e vós no meio das tormentas  
Ficais só ; assentado sobre o escolho  
Cheio dos meus nafragios : porém ide  
Henrique , que o meu Throno vos espera :  
Pertence-vos , gozai de hum bem , que sempre  
Foi pelo vosso braço defendido :  
Mas attendei , que o raio em todo o tempo  
O rodeia : temei , subindo ao Throno ;  
O Deos , que vo-lo dá : oh se pudesseis  
De hum dogma criminal desenganado ,  
Restaurar-lhe o Altar , repor-lhe o culto !  
A Deos : reinai feliz : mais poderoso  
He o genio tutelar , que vos defende  
De crueis assassinos : vós a Liga  
Conheceis , e bem vedes os seus golpes ,  
Elles por mim passarão , porque possão  
r depois para vós : talvez que hum dia

Huma mão mais infiel . . . Ceos , que sois justo  
Favorecei virtude , que he tão rara :  
Permitti . . . n'este ponto a morte impia  
Sobre a sua cabeça vem render-se ,  
E de todo acabou o seu destino. (q)

A' noticia da morte Fariz toda  
Aos odiosos transportes se sujeita  
De hum a iniqua alegria : de cem gritos  
De victoria o seu Povo encheu os ares :  
Suspende-se o trabalho , são abertos  
Os Templos : de grinaldas de mil flores  
Ornã suas cabeças : este dia  
He dedicado só a immensas festas :

---

(q) Henrique III. morreu a 3 de Agosto pela  
duas horas da manhã em S. Cloud , mas não n  
mesma casa , onde tinha abraçado com seu irmão  
a resolução do S. Bartholomeu , como asseverã  
muitos Historiadores.

Insensatos que são ! Elles não olhão  
Os profundos abysmos , que assim cavão  
Debaixo de seus pés ; deverão antes ,  
Seus trabalhos prevendo , mudar logo  
Em amargoso pranto o vão triumpho ;  
O vencedor , o Heróe , que elles se atrevem  
A provocar , Henrique do alto Throno  
De quem vai arruinallos ; mais terrivel  
Na sua mão o Sceptro , vaticina  
Os rebeldes a perda inevitavel ;  
Eis que já diante d'elle os Chefes todos  
Dobráo os joelhos , todos reconhecem  
Por legitimo Rei sómente a Henrique ;  
Como se estivessem já bem certos  
Do destino da guerra , acompanhallo  
Té os dois fins da terra elles prometem.

Fim do I. Tomo.

1



2  
**HENRIADA**  
**POEMA EPICO,**  
**COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA**

POR

**Mr. DE VOLTAIRE,**

*Traduzido, e illustrado com varias notas  
na Lingua Portugueza*

POR

**THOMAZ DE AQUINO**

**BELLO E FREITAS,**

MEDICO FORMADO

PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

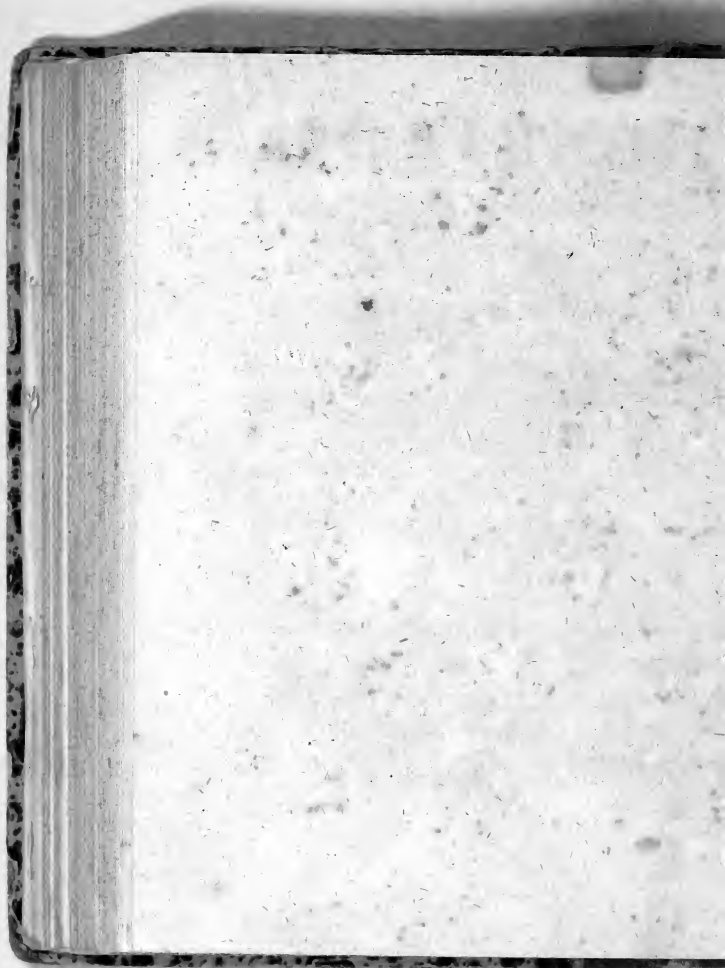
**TOMO II.**

**NOVA EDIÇÃO.**

**RIO DE JANEIRO.**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**

**ANNO M. DCCC. XII.**

*Com licença.*



# HENRIADA.

---

## CANTO VI.

### ARGUMENTO.

*Depois da morte de Henrique III., os Estados da Liga se juntão em Pariz para eleger hum Rei. Em quanto elles se occupão nas suas deliberações, Henrique IV. dá hum assalto á Cidade. A Assembleia dos Estados se separa; aquelles, que a compunhão, vão combater sobre os muros. Descreve-se este combate. Apparição de S. Luiz a Henrique IV.*

**U**Zo antigo, e sagrado se pratica  
Entre nós, quando a morte sobre o Throno  
Estende o fatal golpe, e então do sangue  
Dos Reis, cáros á Patria toda a fonte  
Nos ultimos canaes se ha esgotado,

No mesmo instante o Povo aos seus primeiros  
Direitos torna ; hum Rei eleger pôde ,  
Pôde mudar as leis : os seus Estados  
Juntos , que ficão sendo o orgão da França ,  
Hum supremo nomeão ; os poderes  
Lhe limitão : assim se decidira  
Pelos nossos avós , que a Carlos Magno  
No Throno succedessem os Capetos.

Intenta pois a Liga audaz , e forte  
Ordenar dos Estados (a) a assemblea :  
Por hum assassinato ella suppunha  
O direito adquirir , porque pudesse  
Eleger Rei , e dar mudança ao Estado :  
Elles crião , que postos ao abrigo

---

(a) Como n'hum Poema Epico se attende mais  
á ordem do dezenho , que á Chronologia , introdu-  
zem-se immediatos á morte de Henrique III. o  
Estados de Pariz , que só se effectuarão quatro an-  
nos depois.

e hum Throno imaginario, assim podião  
expulsar a Bourbon mais facilmente,  
melhor enganar a plebe rude :  
pensavão, que hum Monarcha os seus designios  
primaria, que á sombra deste nome  
ão sagrado, serião seus direitos  
mais honestos ; que eleito injustamente,  
estava para o ser ; em fim que a França  
pretendia hum Senhor fosse qual fosse.

Correm pois para logo a hum conselho  
om alvoroço os Chefes obstinados,  
quem conduz o orgulho ; eis os Lorenas,  
s Nemours, e não menos os furiosos  
cerdotes, o Embaixador de Roma,  
ntamente o de Iberia, que caminhão  
o Louvre, onde por huma eleição nova,  
os nossos Reis os Manes mais illustres  
des vão insultar ; o luxo sempre

Mantendo-se das publicas miserias ,  
Com esplendor prepara estes Estados  
Tyrannicos : alli não apparecem  
Os Senhores , e os Principes , dos nossos  
Antigos Padres nobres Successores ,  
Que junto aos Reis hum tempo se sentavão  
Que da França erão Juizes , que a apparenc  
Conservão do poder , que já não logrão  
Não vão alli dos nossos Parlamantos  
Os Sabios Deputados , que defendão  
As nossas decahidas liberdades .  
Nem dos Lyrios alli já mais se observa  
O apparato ordinario ; sim se admira  
O Louvre pela sua pompa estranha ,  
O Legadò de Roma em hum assento  
Honroso alli se mostra ; junto d'elle  
A Mayenne hum docel se ha erigido ,  
Que cobre juntamente estas horriveis  
Palavras , que se lião = Reis , que a te

algais, e cujas mãos facinorosas  
uzão tudo emprehender, perdoar a nada,  
reinar vos ensine Valois morto. =

Juntos elles, já fazem os partidos  
as facções, com que neste lugar soem.  
as infernaes vozes; o véo do erro  
todos cega os olhos: hum, que espera  
scravo ambicioso haver de Roma  
s mercês, ao Legado se dirige;  
eclara diante d'elle, que ha já tempo  
e que á Thiara os Lyrios se sujeitem;  
e que se erga em Pariz (b) o sanguinario  
tribunal, (c) esse horrivel monumento

---

(b) A Inquisição, que os Duques de Guiza qui-  
rão estabelecer em França.

(c) Todos os homens, que vivem n'hum paiz,  
de se permite a liberdade de consciencia, decla-  
ção contra a Inquisição, porque os faz conter na  
tica, e verdadeira Religião do Christianissimo. Ve-  
se a nota (c) do V. Canto. (*Nota do Editor.*)

Do poder Monacal ; que ha recebido  
Hespanha , e que ella mesma hoje detesta  
Que os Altares vindica , e que os deshonra  
Que cercado de chamas , e cuberto  
De sangue opprime os homens , e os dego  
Com hum ferro sagrado , como se inda  
Vivessesmos n'aquelles tristes tempos ,  
Em que a terra adorava os Deozes impios  
Esses , que os mentirosos Sacerdotes ,  
Mais cheios de crueldade , se gloriavão  
De aplacar pelo sangue dos humanos.

Pelo oiro Ibéro est'outro corrompido ,  
Não duvida vender a cára Patria  
Ao Hespanhol , que mesmo elle aborrece.  
Mas hum Partido , em si mais poderoso ,  
Já no Throno dos Reis , de voz commua ,  
Collocava a Mayenne ; inda faltava  
Ao seu vasto poder tão grande cargo ;



CANTO VI.

9

Na esperança orgulhosa, a que atrevidos  
sentimentos o levão, a arriscada  
Honra do grande nome de Rei era  
chama davorante, que em segredo  
o avaro coração lhe consumia.

De improviso Potier se ergue, e demanda  
per ouvido; a rigida virtude  
faz a sua eloquencia; nestes tempos  
infelices, de todo corrompidos  
pelo crime, Potier (d) foi sempre justo,  
por tanto respeitado; muitas vezes  
elle se havia visto pela sua  
obre constancia reprimir a grande  
licença escandalosa dos rebeldes,

---

(d) Potier pedio publicamente ao Duque de  
Bretagne a permissão de se retirar para Henrique IV.  
Eu vos respeitarei toda a minha vida, como meu  
campeão, lhe disse elle, mas não posso reconhe-  
cer-vos, como meu Soberano.

E sobre elles a antiga auctoridade  
Conservando , mostrar-lhes com prudencia  
O que era de justiça. Elle levanta  
Por fim a voz ; agitação-se , murmurão ,  
Elles o cercão , e ouvem ; o tumulto ,  
E o rumor cessa. Assim como acontece  
Em Náo , que os grossos mares agitarão  
Onde dos gritos já dos marinheiros  
Nem o ár se altera , nem já mais se escuta  
Que da prôa espumante o doce ruido ,  
Quando com feliz curso vai rompendo  
O mar , que lhe he sujeito ; tal se via  
Potier dictando as suas leis mais justas ,  
E á sua voz calava-se o congresso.

= Vós destinais Mayenne ( lhes diz elle  
Ao supremo lugar ; assás comprehendo  
Toda a vossa intenção , eu vos desculpo :  
Mayenne tem virtudes , que não pôdem

encarecer-se bem ; eu o elegera ,  
e elegello pudesse ; mas nós temos  
outras leis , e este mesmo Heróe insigne ,  
quando o imperio pertende , se accredita  
nelle então menos digno. = Ao dizer isto ,  
Mayenne de repente vem entrando  
com aquelle apparato , que costuma  
seguir hum Soberano , sem que mude  
o tier de aspecto , quando o reconhece :  
Sim , Principe ( prosegue de hum tom cheio  
de firmeza , ) eu vos amo assás , e estimó  
para emprehender , que a minha falla agora  
contra vós se dirija pela França ,  
por nós : o direito se pertende  
e eleger Rei , em vão o pertendemos ;  
França tem Bourbons ; Deos vos há feito  
nascer junto ao lugar , e emprego augusto ,  
que occupar elles devem , porque o Throno  
vós defendesses , não porque a usurpasses :

Lá do seio dos mortos não tem Guiza,  
Que pertender mais nada; bastar deve  
A' sua cinza o sangue Soberano;  
Se elle perdeu a vida injustamente,  
Vingado o tem tambem outra injustiça:  
E pois o Céu mudou agora o Estado,  
Mudai-vos vós tambem; de todo acabem  
Com Valois juntamente as vossas iras;  
Derramado não tem Bourbon o sangue  
De vosso irmão; o Céu, que sempre justo  
A vós ambos amou, muito virtuosos  
Vos fez para inimigos: mas já sôa  
O publico clamor, oiço o susurro,  
E os nomes espantosos de relapso,  
E de herege; de hum falso zelo eu vejo  
Que enfurecidos nossos Sacerdotes,  
Com o ferro na mão . . . . . ah! desgraçados  
Detende-vos; que lei, que exemplo, ou ante  
Que furia sanguinosa roubar pôde

Ao ungido do Senhor vossa homenagem ?  
O filho de S. Luiz feito perjuro  
Aos juramentos seus ? Elle dos nossos  
Altars vem prostrar os fundamentos ?  
Aos pés destes Altars instruir-se  
Elle pertende ; as leis , das quaes o imperio  
Desprezais , elle segue , elle as abraça ;  
As virtudes honrar de qualquer Seita  
Elle sabe ; venera o vosso culto ,  
E ainda o vosso abuso ; a Deos sómente  
( Que he quem vê o que somos ) o cuidado  
De condemnar os homens elle entrega.  
Como Rei , como Pai a governar-vos  
Elle vem ; mais Christão , do que vós mesmos ,  
Vem dar-vos o perdão ; tudo com elle  
He livre , e só o não póle sêr Henrique ?  
Quem Juizes vos faz , porque direito ,  
Do vosso Rei ? vós sois infieis Pastores ,  
Indignos Cidadãos. Que mal com esses

Christãos primeiros tendes semilhança,  
Que desprezando todos esse Deozes  
De gesso ou de metal, se conduzião,  
Sem murmurar, debaixo de hum tyranno,  
Ou de hum Principe idolatra; espiravão  
Sem nunca se queixarem; antes cheios  
De golpes, sobre infames cadafalsos,  
Os Algozes honravão: ah! só estes  
Erão Christãos, eu outros não conheço;  
Pelos seus Reis morrião, vós os vossos  
Assassinais; e Deos, que quereis seja  
Implacavel, zeloso, se procura  
Vingar-se, he só de vós, bárbaros homens.

A tão livre discurso não ouzava  
Outro algum responder, pois pelos toques  
Mais poderosos todos se sentião  
Cheios de confusão; de balde intentão  
Affugentar de seus corações fortes

O temor, que nos mãos causa a verdade ;  
A raiva, e o medo a hum tempo perturbavão  
Seus pensamentos, quando de repente  
Mil vozes até os ares impellidas  
Com hum confuso estrondo a toda a parte  
Ressoar fazem = Cidadãos ás armas ,  
Ou nós somos perdidos = as espêssas  
Nuvens, que o pó formava, do Sol claro  
No campo toda a luz tornava escura ;  
Das caixas, e clarins o som horrendo  
Era annuncio da perda, que os espera :  
Taes das grutas do Norte desatadas  
Sobre a terra as furiosas tempestades ,  
Precedidas dos ventos, e seguidas  
Do trovão, todo o ar escurecendo  
De hum turbilhão de pó, que a vista assombra,  
Vão discorrendo assim pelo Universo.

He o espantoso exercito de Henrique ,

Que de tanto repouso já cansado ,  
E de sangue faminto fórma ao longe  
Os formidaveis gritos : elle immenso  
Cobre toda a campanha , e a Pariz marcha :  
Não emprega Bourbon os seus saudaveis  
Momentos em render as ordinarias  
Honras ao Rei defuncto , em distinguir-lhe  
O sepulchro c'os titulos brilhantes ,  
Que recebem os mortos , quando o orgulho  
Dos vivos o protege ; não opprimem  
Suas mãos as ribeiras desoladas  
Com o pezo dos Mauzoléos inuteis ,  
Pelos quaes ( a pezar da injuria certa  
Dos tempos , e da sorte ) quer dos grandes  
A vaidade triunfar da iniqua Parca ;  
Elle a Valois na habitação escura  
Outros feudos pertende enviar mais dignos  
Da sua sombra ; quer punir valente  
Seus assassinos , vencer quer furioso



seus inimigos, té que feliz torne  
seu Povo, quando o houver já submettido.

Ao improviso estrondo dos assaltos,  
que elle dispõe, separa-se o conselho  
dos Estados, de susto sorprendido;  
no mesmo instante ao alto das muralhas  
corre Mayenne; unida a soldadesca  
foa a seus estendartes; ella insulta  
desmarcados gritos o Heróe forte,  
que se avança; está prompto para o ataque  
tudo, e tudo tambem para a defeza.

Não era tal Pariz lá nesses tempos  
calamitosos, qual em nossos dias  
o Francez mais feliz ella se mostra;  
sem fortes, que o furor, e o medo havia  
levantado, seu circulo encerravão  
em mais pequeno espaço; seus suburbios

Que hoje tão grandes são , e magestosos  
E que abertos a mão da paz tem sempre  
Para a immensa Cidade elles servindo  
De soberbas entradas , com Palacios  
Magnificos , que até ás nuvens sobem ,  
Erão longas Aldeas , que cingia  
Huma muralha em roda , e por hum fosso  
Profundo de Pariz se separavão :  
Da parte do Levante sem demora  
Bourbon se avança ; e apenas elle chega ,  
A morte lhe precede ; o ferro , e o fogo  
De toda a parte vôa , dos sitiantes ,  
E do alto das muralhas ; em fim estas ,  
Soberbas até alli com suas torres ,  
E fortificações , já se desfazem ,  
Já cedem ás procellas abrazadas  
De tiros repetidos ; vem-se rotos  
Os grandes batalhões , e destroçados ;  
Pelo campo dispersos longe delles

us membros ; tudo aonde chega o ferro  
ahê, e a pó se reduz ; em fim peleja  
om os raios qualquer dos dois Partidos.

Com menos arte , ao meio dos combates  
e avançarão á morte antigamente  
s miseraveis homens ; á carnagem ,  
ão com tanto apparato , elles corrião ;  
as suas mãos o ferro ás suas iras  
ra bastante ; mas o industrioso  
sforço dos tyrannos descendentes  
té dos Céos o fogo tem roubado ;  
uvião-se zunir as espantosas  
ombas , filhas que são abominaveis  
as turbações de Flandes. (e) Nestes globos  
e bronze , o nitro apenas inflammado ,

---

(e) Nas guerras de Flandes , reinando Filippe II.  
e Hespanha , he que hum Engenheiro Italiano fez  
so das bombas a primeira vez.

Vôa com a prizão, que o tem recluzo ;  
Elle a rompe , e então sahe furiosa a mo

Em profundas cavernas com mais arte ;  
E mais barbaridade , se há sabido  
Encerrar de mil raios subterraneos ,  
As chammas a incender-se sempre prompta  
Debaixo de hum caminho muito facil  
De enganar , e por onde vôa á morte  
O soldado , que em seu valor confia :  
De repente os abysmos vem-se abertos ,  
Do pó sulfureo vão negras torrentes  
Pelos ares dispersas , por hum novo  
Trovão , cem batalhões , em hum instante  
São na terra absorvidos , e submersos :  
A taes perigos vai offerecer-se  
Bourbon ; he por aqui que elle deseja  
Ao seu Throno subir : os seus guerreiros  
Se expõe tambeem com elle ás tempestades

Tem o Inferno a seus pés , e o raio ardente  
Sobre suas cabeças ; mas a gloria  
Anda ao lado do Rei ; elles a observão ,  
E como a attendem só sem pavor marchão.

Mornay , por entre as ondas da torrente  
Impetuosa , se avança , com hum passo  
Grave sim , porém sempre destemido ,  
Nem capaz de furor , nem de haver susto ;  
Ao ruído dos canhões inalteravel ,  
No horror maior tranquillo ; de hum aspecto  
Insensivel , e firme : elle na guerra  
Não vê mais , que hum castigo dos horriveis  
Crimes da terra ; em fim Mornay só marcha  
(Qual Filosofo) aonde a honra o leva ,  
Aos combates não vai , segue a seu Amo.

Finalmente elles descem ao caminho  
Terrivel , que huma altissima explanada ,

Tincta de sangue, faz inaccessivel;  
He alli que o perigo, suas forças  
Torna a animar; de mortos, e fachinas  
Elles enchem os fossos; sobre montes  
De cadaveres marchão, e se avanção;  
Com hum precipitado curso á brexa  
Se arremecção; do ferro sanguinoso  
Armado Henrique, e do luzente escudo  
Cuberto, elle he o primeiro, que na frente  
Delles se arroja; sobe, e já arvorado  
Nas suas mãos triunfantes de seus Lyrios  
Tem as bandeiras: tornão-se então cheios  
De pavor os da Liga diante delle;  
Seu vencedor, e Rei bem parecião  
Respeitar. Já cedião; mas Mayenne  
Os esforça de novo; elle lhes mostra  
O exemplo; ao crime torna a convocallos;  
Seus esquadroes cerrados opprimião  
Por toda a parte o Rei, de quem as vistas

Não se atrevem suster. A cruel Discordia  
Com elles sobre os muros se revolve  
No sangue, que por ella se derrama.  
O soldado a seu gosto combatendo  
De mais perto nos muros infelices,  
Leva com isso a morte mais segura.

Já não se ouvem da guerra os impios raios,  
Com que as bocas do bronze tão funestas  
O Universo assustarão; hum silencio,  
Que he filho do furor, he que succede  
Com mais horror aos écos estrondosos;  
Com braço destemido, em ira accesos  
Os olhos, cada qual então procura  
O passo abrir por entre os inimigos.  
São repellidos; hum contrario esforço  
Faz, com que se restaure a alta muralha  
De sangue tincta, theatro que he da morte.  
Duvidosa a victoria tem ainda

Nas suas fataes mãos, junto dos Lyrios,  
De Lorena o estendarte. Os sitiantes  
Sorprendidos, e por toda a parte se achão  
Destroçados; cem vezes victoriosos,  
Cem vezes consternados; semelhantes  
Ao mar, que das tormentas impellido,  
De momento em momento innunda as praias,  
E ao mesmo tempo dellas se retira.

Jámais o Rei, jámais o seu illustre  
Rival forão tão grandes, como neste  
Tão horroroso assalto. Pelo meio  
Da carnagem, e do sangue, qualquer delles,  
Senhor do seu espirito, e não menos  
Do seu valor, dispõe, manda, executa,  
Vê tudo ao mesmo tempo, e de hum só golpe  
De vista ordena os fortes movimentos.

A formidavel tropa dos Inglezes,



Pelo valente Essex ao duro assalto  
Conduzida, marchava a vez primeira  
Debaixo só dos nossos estendartes,  
Admirados talvez de que servissem  
Os nossos Reis sujeitos. Elles vinhão  
A honra sustentar da sua Patria,  
Por combater ardião; e orgulhosos  
Por dar a vida sobre os mesmos muros,  
Nesses mesmos lugares, onde o Sena  
Vio reinar seus Avós em outro tempo.  
Essex avança á brexa, onde d'Aumale  
Combatia; ambos moços, e briosos,  
Cheios de igual ardor; quaes lá nos muros  
De Troia os Semideoses se pintavão.  
De tropel seus amigos logo acodem  
Ensanguentados todos junto a elles;  
Os Francezes, Inglezes, e os Lorenas,  
A quem une o furor, assim avanção,  
Combatem, ferem, morrem todos juntos.

Anjo, que conduzis delles a furia,  
E o braço, protector destes combates,  
Anjo exterminador, alma da guerra,  
De qual Heróe em fim tomais a causa?  
Por quem dos Céos inclina a favoravel  
Sempre eterna balança? Muito tempo  
Bourbon, Mayenne, Essex, e o seu contrario.  
Sitiantes, e sitiados fazem huma  
Carnagem igual; em fim, teve a ventagem  
O Partido mais justo; Bourbon vence,  
Elle aos seus abre o passo; fatigados  
Os da Liga mais tempo não resistem;  
Elles deixão os muros, elles, ficão  
Consternados. Assim huma torrente  
Do alto dos Pyrneos se vê, que ameaça  
As Ninfas pelo valle espavoridas;  
Os diques, que se oppõe as suas ondas  
Procellosas, sustentão algum tempo  
O seu violento choque, porém logo,

Esta barreira fraca destrocada ,  
Conduz ao longe o estrondo, a morte, o espanto,  
Arranca de passagem os mais soberbos  
Carvalhos , que os invernos insultavão ,  
E que aos Céos se erguião ; ella solta  
Os rochedos das faldas das montanhas ,  
E atropella os rebanhos fugitivos ,  
Que vagão pelos campos. Tal descia  
O destro Henrique , a passos apressados ,  
Dos fumegantes muros , que ganhara ;  
Tal de hum terrivel braço elle cahindo  
Sobre os rebeldes , vence na carreira  
As tropas criminosas. Com espanto  
Os Dezeséis confusos já fugião  
Ao braço vingador ; o medo os deixa  
Turbados , e dispersos. Em fim manda  
Mayenne abrir as portas , e seguido  
Dos seus soldados , elle em Pariz entra.  
Os vencedores fortes , e furiosos ,

Com os fachos na mão, sobre os suburbios  
Ensanguentados voltão de repente.  
Da milicia o valor precipitado  
Se torna em raiva; tudo entrega ao ferro,  
Tudo á chama, e á pilhagem. Mas Henrique  
Nada vê, que o seu vôo se remonta  
Em seguir o inimigo, que fugia  
A' vista delle; seu valor o eleva,  
Sua victoria o inflamma; os arrabaldes  
Elle deixa, elle só se avança á porta;  
= Companheiros sobre estes altos muros  
Vinde, subí, trazei o ferro, e o fogo. =

Quando elle isto dizia, lá do centro  
De huma nuvem se mostra á sua vista  
Hum fantasma brilhante; era seu corpo  
Cheio de magestade, os elementos  
Dominava, a Bourbon elle descia  
Sobre as azas dos ventos; as mais vivas

zes da Divindade bem mostravão  
immortaes bellezas do seu rosto ;  
os olhos parecião todos cheios  
de ternura , e de horror ; = Detem-te (grita  
e então ) desgraçado victorioso ;  
s entregar ás chamas , e á pilhagem  
com Reis teus Avós a eterna herança ?  
Subar o teu paiz , saquear meus Têmplos ,  
destruir teus Thesoiros , teus vassallos  
gôlar , e reinar só sobre os mortos ?  
Detem-te = A esta voz inda mais forte ,  
e o trovão , o soldado se horrorisa ,  
raça a terra , e não attende ao saque ;  
carbon , cheio do ardor , que inda a peleja  
a seu peito inflammava , igual ao Oceano ,  
e murmura , inda quando já se aplaca ,  
O' fatal habitante do invisivel  
ando ( diz- ) que vens tu nesta mórada  
horrores annunciar-me ? = Elle então ouve

Estas palavras cheias de duçura.

= Eu sou o feliz Rei, a quem respeita  
A França, dos Bourbons sou Pai, sou de  
Protector; sou Luiz, que em outro tempo

Como tu, pelejei; de quem tu sempre  
A fé em teu coração hás desprezado;

Luiz que te lastima, que te admira,  
E que te ama: algum dia sobre o Throno

Deos te ha de conduzir, e tu, meu filho  
Em Pariz vencedor terás entrada

Não por preço do teu valor, Henrique,  
Mas da tua piedade. He Deos sómente  
O que disto me instrue, e que me envia.

O Heróe, a estas palavras, de seus olhos  
Lagrimas de alegria foi vertendo;

A paz se vê de todo haver extinto

A ira em seu coração; elle prostrado

Clama, suspira, adora; de hum divino

horror sua alma se acha penetrada ;  
es vezes á sagrada sombra estende  
braços , e outras tantas se desvia  
a Pai , de que elle o abraçe : qual ligeira  
vem , que se dissipa pelos ventos.

Do mais alto do muro formidavel ,  
tre tanto os da Liga armados todos ,  
do hum Povo sem numero , Estrangeiros ,  
ancezes , Cidadãos , Chefes , Soldados ,  
ore Bourbon o ferro , e á morte fazem  
over ; brilha do Altissimo a virtude  
ore sua cabeça ; ella he que aparta  
forte tempestade , em que se via ,  
os tiros que lhe lanção ; elle observa ,  
e então vê , de que perigo horrivel  
ega o Pai dos Bourbons a libertallo :  
oltando-se a Pariz com hum vista  
iste , e tranquilla , diz = Cruéis Francezes ,

E tu , fatal Cidade , desgraçados  
Cidadãos , Povo infiel , gente cobarde ,  
Até quando quereis fazer a guerra  
Ao vosso Rei ? = Então do mesmo modo ,  
Que o astro , auctor da luz , havendo dado  
Fim á ardente carreira , resplandece  
Nas margens do Horisonte com hum fogo  
Mais brando , e parecendo á nossa vista  
Maior , tambem parece que se auzenta  
Longe de nós ; assim longe dos muros  
De Pariz se retira o bravo Henrique ,  
Cheio seu coração do seu Rei sancto ,  
Cheio de Deos , que o illustra. Elle a Vincennes  
Marcha , aonde Luiz em outro tempo ,  
Ao pé de huma azinheira então sentado ,  
Dictou suas leis justas. Que mudança ,  
Morada antigamente deliciosa ,  
He esta , em que te vejo ! Tu , Vincennes ,  
Não és mais , que huma torre abominavel



uma prizão de Estado, hum lugar forte  
e desesperação, em que he frequente  
cahirem do seu poder mais alto  
s Ministros, e os Grandes, que trovejão  
sobre nossas cabeças; que na Corte  
superiores são sempre ás tempestades;  
que vivem de opprimir, e ao mesmo tempo  
são opprimidos; féros, e submissos  
constantemente; humas vezes são do Povo  
odio, e outras o amor. Já do Occidente,  
em que as sombras se formão, vem a noite  
crazer sobre Pariz seu manto escuro,  
descender aos mortaes nesta morada,  
toda de sangue, os mortos, e os combates  
anestos, que ha mostrado a luz do dia.



## C A N T O VII.

## A R G U M E N T O.

*S. Luiz transporta a Henrique IV. em espirito ao Céu, e aos Infernos, e lhe faz ver no Palacio dos Destinos a sua posteridade e os grandes homens, que a França deve produzir*

**A** Clemencia infinita do Deos vivo,  
Que nos creou, por adoçar os males  
Desta vida tão curta, em nós ha posto  
Duas coisas bem uteis, que são ambas,  
Amaveis habitantes para sempre  
Da terra, são arrimo nós trabalhos,  
Na indigencia thesoiros: Huma he o somno,  
Outra a esperança; quando de opprimido  
Em languores seu corpo sente o homem,

s órgãos sem vigor , sem resistencia ,  
primeiro , por huma doce calma ,  
em soccorrer a afflicta natureza ,  
trazer-lhe hum total esquecimento  
as penas , que supporta : a outra anima  
s nossos corações ; nossos desejos  
la accende ; e ainda quando nos engana ,  
razeres verdadeiros nos dá sempre ;  
as aos cáros mortaes , aos seus amados ,  
quem o Céu a envia , fabuloso  
ão he o contentamento , que ella inspira ;  
e Deos he que ella traz tanto a promessa ,  
omo o conforto ; em fim , ella he constante ,  
erfeita , pura , tal qual elle mesmo.

Luiz , junto a Bourbon , chama por ambas ,  
Chegai-vos a meu filho ( lhes diz elle )  
inde fiel parelha = Ouvi-o o somno ;  
esde o retiro lá das suas grutas ,

Para estas sombras frescas brandamente  
Vem marchando; demorão-se em silencio  
A' sua vista os ventos; eis os sonhos  
Affortunados, filhos da esperança,  
Para o Principe voltão, e sobre elle  
Vão espalhando os Loiros, e as Olivas  
Juntamente co' as suas dormideiras.

Luiz neste momento, a mão lançando  
Do seu diadema, o põe sobre a cabeça  
Do Vencedor, e diz-lhe = Reina, e triunfa  
E em tudo sê meu filho; em ti sómente  
Se restaura da minha descendencia  
Toda a esperança: sim; porém o Throno  
Não te basta, Bourbon; dos dons sublimes  
De Luiz, o menor he o seu Imperio;  
Heróe, Conquistador, e Rei, que importa  
Que tu sejas? Se o Céu te não illstra,  
Então nada te ha feito; essas mundanas

Honras nada mais são , que hum bem esteril ,  
ão da virtude fragil recompensa ,  
Perigoso relampago , que passa ,  
Hum bem de turbações sempre assistido ,  
Quê a morte em fim destróe ; eu quero agora  
Descobrir-te hum Imperio mais duravel ,  
Por te recompensar não tanto , como  
Por te instruir : vem , segue-me , pois debes  
r por novos caminhos ; vòa ao seio  
De Deos mesmo , e completa os teus destinos. =

Isto dizendo , eis que ambos , em hum carro  
De luzes , atravessão a carreira  
Dos Céos em hum momento : taes na noite  
Os raios , e os relampagos se observão  
Correr de hum pólo a outro , dividindo  
Os densos ares ; tal aquella nuvem  
Abrazada se eleva , que roubando  
Aos olhos de Elizeo seu grande Mestre ,

Em hum carro de fogo o arrebatava  
Longe das margens deste nosso globo.

No centro refulgente desses orbes  
Immensós, que esconder-nos não puderão  
Sua marcha, e distancias, resplandece  
O astro do dia accezo por Deos mesmo,  
O qual, sobre seu eixo luminoso,  
Gira ao redor de si; d'elle procedem  
As torrentes de luz interminaveis;  
Logo que elle se mostra, he o que dá vida  
A' materia; elle os dias distribue,  
As estações, e os annos aos diversos  
Mundos ao redor d'elle fluctuantes;  
Obedecendo á Lei Divina imposta,  
Os mais astros se attrahem (a) no seu curso,  
E sem interrupção elles se alongão;

---

(a) Ou se admitta, ou não a attracção de Monsieur Newton, sempre he certo, que os globos ce-

servindo hum ao outro já de regra ,  
de apoio ; se emprestão essas mesmas  
luzes brilhantes , que recebem d'elle.  
Da outra parte do giro , que elles fazem ,  
longe , nesse espaço , em que he nadante  
a materia , e que Deos sómente abraça ,  
estão os Sóes sem numero , estão Mundos  
finitos ; he neste abysmo immenso ,  
que lhe abre hum caminho. Da outra parte  
dos Céos todos , o Deos dos Céos reside ,

He ahí , que seguio o Heróe famoso  
conductor celeste , ahí se ordenão  
todos esses espiritos diversos ,  
que povoão o mundo , e os corpos enchem ;  
ahí depois da morte se profundão  
vires já para sempre nossas almas

---

tes se approximão , e se desvião successivamente ,  
recendo , que se attrahem , e se separão.

Da grosseira prizão , em que habitavão ;  
Ahi junta o Juiz incorruptivel  
A seus pés os espiritos eternos ,  
Que o seu sopro ha creado. Este infinito  
Ente , he a quem se obedece , e que se ignora  
Com differentes nomes respeitado  
Se vê do mundo inteiro ; do alto Empyreo  
Nossos clamores ouve , e se lastima  
Da grande multidão de nossos erros ,  
Da ignorancia dos homens , que assim formão  
Com piedade figuras insensatas  
Do seu saber immenso , e inaccessible.

Junto a elle conduz a horrivel morte ,  
Filha do tempo , os habitantes todos  
Deste triste Universo ; ora os Bracmanes ,  
Ora os Bonzos , discípulos profanos  
Do seu grande Confucio ; ella alli leva ,  
Os que aos Persas antigos succederão ,



nda cégos sectarios, (b) bem que occultos,  
e Zoroastre; os moradores fracos  
essas frias regiões, a quem de gello  
ercão, e inundão mares dilatados;  
quelles, que da America povoão  
s densos bosques, do invencível erro  
numeraveis subditos; o Turco  
admirado, e com huma vista anciosa,  
direita de Deos em vão procura  
seu Profeta; o Bonzo com os olhos  
enitentes, sombrios, em vão chega  
exaggerar seus votos, e tormentos.

N'hum instante illustrados esses mortos,  
remendo esperão todos em silencio  
fuma eterna sentença; Deos, que tudo  
m hum momento vê, ouve, e conhece,

---

(b) Na Persia os Guebres tem Religião á parte,  
pertendem, que esta seja, a que fundou Zoroastre.

De hum golpe de olho os pune, e tambem d'otr  
Os absolve : Bourbon para o invizivel  
Throno senão chegou , de donde mana  
A cada instante o Juizo de horror cheio ,  
Em que Deos pronuncia aos homens todos  
Seus eternos destinos , que em vão muitos  
Orgulhosos a prevenir se atrevem :  
= Qual he ( dizia Henrique , perguntando  
A si mesmo ) Qual he de Deos (c) sobre estes  
A justiça suprema ? Deos castiga  
Os homens por cerrarem tanto os olhos  
A's luzes , que elle mesmo apartou delles ?

---

(c) O argumento , que aqui faz o A. na pessoa de Henrique IV. he bem sutil. Deos não nos castiga , nem nos julga , senão conforme as luzes , que delle temos recebido. Aquelles , que gozarão do beneficio da révelação , devem ser julgados pela lei positiva : os que porém della não tiverão conhecimento , e invencivelmente a ignorarão (se isto pôde accontecer) por aquella da natureza. (*Nota do Editor.*)

Como injusto senhor pôde julgallos  
sobre a lei dos Christãos, lei, que elles mesmos  
Conhecer não puderão? Não he crível,  
Não, Deos nos ha creado, Deos a todos  
Quer salvar, nos instrue em toda a parte:  
Sim, e em todo o lugar elle nos falla;  
No coração de todos ha gravado  
A lei da natureza, essa, que he sempre  
a mesma, e sempre pura; he pois por ella  
Que Deos julga os Gentios certamente,  
E se o coração destes justo ha sido, (d)  
Não se pôde negar que Christãos forão.

Em tanto que do Heróe a perturbada  
Razão lançava sobre hum tal mysterio  
Hum a vista indiscreta, aos pés do Throno

---

(d) He isto huma hypothesi nunca praticavel:  
porque a natureza corrupta pelo peccado original  
não tem forças para a observancia da lei, sem o  
adjutorio da graça. (Nota do Editor.)

Eis que sôa huma voz ; o Céu se abala ,  
Treme todo o Universo ; seus accentos  
Erão quaes do trovão , aquelles , quando  
Deos do Monte Sinay fallava á terra :  
Dos immortaes o coro por ouvilla  
Se callou , e cada astro no seu curso  
Foi repetilla = *A' tua razão fraca*  
*Não te queiras render , Deos te ha creado*  
*Para o amar , não para o comprehenderes ;*  
*Inda quando invizivel a teus olhos*  
*Reine em teu coração , elle confunde*  
*A injustiça , elle o erro sim perdoa ,*  
*Não o que he voluntario ; os olhos abre ,*  
*O' mortal , quando a sua luz te illustre. =*  
Neste momento Henrique eis já se sente  
De hum apressado vôo. arrebatarse ,  
E por hum turbilhão ser nesse espaço  
Transportado para huma infôrme , horrenda ,  
Feroz habitação , do antigo Cáos

magem horrorosa , impenetravel  
os raios dos seus Sóes resplandecentes ,  
chefes de obra das mãos de Deos Supremo ,  
como elle beneficos : sobre esta  
Terra horrivel , aos Anjos sempre odiosa ,  
Não lançou Deos a prodiga semente  
Da vida ; a morte , sim , a horrivel morte ,  
E a confusão parece , que assentarão  
seus dominios alli : Oh que clamores !  
Que gritos espantosos ! que torrentes  
De fumo , e fogo ! = Nestes climas ( grita  
Bourbon ) que monstros voão ! que voragens  
De chammas a meus pés se vão abrindo ! =  
Não , filho , essas que vêm do abysmo as portas  
Que a justiça fundou , e que habitado  
Pelo crime se vê ; segue-me , Henrique ,  
Que abertos estão sempre seus caminhos :  
As portas dos Infernõs (e) marchão logo.

---

(e) Os Theologos não tem decidido , como ar.

A escura Inveja alli se manifesta,  
No olhar timida, e vesga; sobre os loiros  
Sua boca se vê lançar venenos,  
A luz fere seus olhos, que scintillão  
Nas sombras; triste amante ella dos mortos,  
Os vivos aborrece; percebendo  
A Henrique, se desvia, e então suspira.  
Logo se vê o Orgulho, que se queixa,  
E se admira. Com pallido semblante  
A Fraqueza, com os olhos abatidos,  
Tyranno, que se molda com os crimes,  
E as virtudes destróe. A sanguinosa  
Ambição perturbada, e sem socego,  
Cercada está de thronos, de sepulchros,  
E de escravos. A terna Hypocrisia,  
Os olhos brandos, cheios de doçura,

---

tigo de fé, que o Inferno fosse no centro da terra,  
alguns o tem posto no Sol; aqui se põe em hum  
globo destinado unicamente a este uso.

Tem no semblante o Céu, mas tem o Inferno  
Dentro em seu coração. O Zelo falso  
Suas barbaras maximas expondo ;  
E por fim o Interesse então se mostra ,  
Pai de todos os crimes , Pai infame.

Dos corruptos mortaes estes Tyrannos  
Impetuosos , ao verem longe a Henrique ,  
Consternados se mostrão ; já mais elles  
O havião visto , nem tão impia tropa  
Se avisinhou já mais a tão bella alma ,  
Nutrida da virtude. Quem he este  
Mortal ( dizião elles ) conduzido  
Por este Justo , e Sancto , que aqui mesmo  
Nos vem perseguir nesta noite eterna ?

Por entre estes espiritos immundos  
O Heróe se adiantava a passos lentos  
Debaixo das abobedas extensas ;

He Luiz , quem o guia : = Céos , que vejo !  
De Valois o assassino ! A mim presente  
Este monstro ! Meu Pai , elle tem inda  
O ferro parricida , que o conselho  
Dos Deseseis lhe poz na mão infame ;  
Em quanto que em Pariz (f) os Sacerdotes  
Impios ousão manchar com o seu retrato  
Os sagrados Altares , e que a Liga  
O invoca , Roma o exalta , aqui o Inferno ,  
Pelos tormentos , vejo que o reprova. =

Filho ( tornou Luiz ) com mais severas  
Leis castigados são nestes lugares  
Os Principes , e os Reis ; vede esses impios ,  
E inhumanos , que forão adorados

---

(f) O Parricida Jacques Clemente foi louvado em Roma , na Cadeira , em que se devera pronunciar a Oração funebre de Henripue III. Em Pariz se poz a sua imagem nos Altares junto com a Eucharistia.



Em quanto vivos : sim , quanto elles erão .  
Mais poderosos , hoje mais se humilhão ;  
Elles castiga Deos não só os delictos ,  
Que por suas mãos impiãs cometterão ,  
Mas aquelles tambem , que não vingarão ,  
E outros , que permittirão . Foi a morte ,  
Quem lhes roubou das mãos essas grandezas  
Transitorias , o fausto , os vãos prazeres ,  
Esses aduladores mercenarios ,  
Cujas mais que industriosa complacencia  
A vista lhes turbava , porque occulta  
A verdade lhes fosse ; hoje a verdade  
Mais terriveis lhes faz os seus supplicios ;  
A seus olhos presente ella lhes mostra  
Todos os crimes ; vêde como tremem  
A' sua voz huns taes Conquistadores  
Havidos por Heróes , mas que nos olhos  
De Deos só são Tyrannos , pois flagellos  
Forão do mundo inteiro , que abrazado

Se vio dos seus furores ; esse mesmo  
Raio , que elles vibrarão , já se volta  
Contra elles , e os destróe ; alli prostrados  
Junto delles estão os negligentes ,  
Que o Throno envilecerão , e que forão  
Fantasmas froxos. Junto aos Reis Henrique  
Os seus impios Ministros já divisa ,  
Sobre tudo os injustos Conselheiros ,  
Que avaros corruptores dos costumes ,  
E das leis , tem vendido sempre as honras  
De Themis , e de Marte , e que primeiros  
Puzerão sem pudôr a indignos lanços  
O preço inestimavel das virtudes  
De nossos Pais : Tambem nestes lugares  
Estaes vós , corações fracos , e tenrós ,  
Que entregues ás delicias , recostados  
Sobre flores , sem fel , e sem orgulho ,  
Sempre em ocio passastes vossos dias  
Inuteis , e nutridos na moleza !

E sereis vós aos réprobos unidos ,  
Vós , mortaes bemfeitores , vós amantes  
Da virtude , que só por hum momento  
De duvida , ou fraqueza haveis murchado  
Os fructos de trinta annos de prudencia !  
O generoso Henrique então não pôde  
As lagrimas conter. Ah ! (g) Se he verdade

---

(g) Os argumentos , com que Henrique IV. ataca  
neste lugar a Eternidade das penas infernaes , pelos  
prazeres momentaneos da fraqueza , são desfeitos pe-  
la resposta de S. Luiz nos seguintes versos . . . . nos  
quaes quer dizer , que se esses prazeres são culpas le-  
ves , se castigão no Purgatorio , como adverte a nota  
depuite. (h) Para justificar a conducta do Eterno a  
respeito dos réprobos , basta lembrarmos-nos do pec-  
cado original , pelo qual nós nascemos filhos da ira  
por natureza , e destinados ao fogo eterno , assim co-  
mo por qualquer peccado grave , que em qualquer  
momento se pôde commetter. Deos não castiga de-  
lictos leves com penas graves ; como he justo , el-  
le sabe proporcionar os castigos ás culpas. Mas se  
o homem devia abusar da liberdade , porque lhe foi

( Diz elle então ) que a raça dos humanos  
Se ha de em chusma absorver nesta profund  
Habitação de horrores. Ah ! Se os dias  
De huma tão triste vida , e transitoria ,  
De hum eterno tormento sem remedio  
São seguidos , melhor não lhes seria  
Não ver já mais a luz ? Oh ! Que ditosos ,  
Se nos ventres das Mães logo espirassem ,  
Ou se este Deos ao menos tão severo ,

---

esta concedida ? Deos dando ao homem a liberdade  
( e que seria o homem sem ella ? ) constituiu-o hum  
ente perfeito , em cujo poder estava , ou merecer  
pelo seu bom uso , ou sujeitar-se a infinitas des-  
grças pelo abuso , que della fizesse na infracção  
dos seus preceitos ; e eis-aqui o principio da sua in-  
felicidade. Com tudo elle julgou melhor ( diz San-  
to Agostinho ) tirar dos males algum bem , do que  
não permittir mal algum no Universo. = *melius*  
*judicavit de malis bona facere , quam mala nulla esse*  
*permittere*. = E que bem não foi para o Universo  
a Encarnação do Verbo ? ( *Nota do Editor* )

O grande Deos ao homem muito livre  
De dignasse roubar o desgraçado  
Poder de assim lhe ser desobediente !

Não tenhaes para vós ( Luiz lhe torna )  
Que estas victimas tristes se castiguem  
Com excesso aos seus crimes , nem que o Justo  
Deos , Creador dos humanos , se glorie  
De aniquillar das suas mãos a obra ;  
Não , filho , elle he infinito , e o he não menos  
Nas suas recompensas ; as vinganças  
Prodigo dos seus dons elle limita :  
Embora sobre a terra elle se pinte  
Exemplo de Tyrannos ; Pai amavel  
He , quando os filhos pune , elle adoçando  
Sempre os raios está da vingadora  
Mão sua ; elle não sabe da fraqueza  
Castigar os momentos , nem os leves  
Passageiros prazeres , associados

De desgosto, e de enfado, com tormentos (h)  
Com elle eternos, para sempre horriveis.

Disse, e logo ambos elles n'hum instante  
Se passão aos lugares venturosos,  
Em que habita a innocencia. Dos infernos  
A escuridão terrivel já não vião,  
Mas sim a luz mais pura, a claridade  
Immortal: logo pois, que Henrique attende  
A' bella habitação, eis de improviso  
Sente, ao vêlla, espalhar-se na sua alma  
Huma estranha alegria; alli os cuidados,  
As paixões, não se vê que turbar possão  
Os corações; alli tranquillo o gosto  
As doçuras derrama. Nestes climas  
Sentem todos, Amor, o teu imperio;  
Não porém esse amor, que infausto inspira

---

(h) He facil, e se deve entender por este lugar,  
as culpas veniaes, e o Purgatorio.

A moleza, mas sim Divina chamma,  
Fogo sancto, e sagrado, casto filho  
Dos Céos, que sobre a terra inda se ignora;  
Delle só para sempre se enchem todos  
Os corações, que sem cessar desejão,  
E gozão sem cessar, e que possuem  
Sem pezares o gosto, sem languores  
O repouso: alli vivem, alli reinão  
Os bons Reis, que as idades produzirão,  
Os perfectos Heróes, os verdadeiros  
Sabios; alli se vê n'hum Throno de oiro  
Carlos Magno, e Clovis, velando sempre  
Sobre o Imperio dos Lyrios; os maiores  
Inimigos, os fortes adversarios  
Reunidos todos como irmãos se portão:  
O sabio Luiz XII. (i) entre os Monarchas  
Como cedro se eleva, e as leis dispende:

---

(i) Luiz XII., he o unico Rei, que se appellidou Pai do Povo.

Quando a nossos Avós o Céu propicio  
Este Rei concedeu, fez que a Justiça  
Sobre o Throno com elle se sentasse;  
Muitas vezes perdoou, dominou sempre  
Os corações; dos olhos do seu Povo  
Elle o pranto enxugou. D'Amboise (1) he aquelle,  
Que a seus pés se divisa, fiel Ministro,  
Quem só amou a França, e quem só della  
Foi summamente amado; amigo terno  
Do seu Rei, e que na alta dignidade  
Suas mãos não manchara com rapinas,  
Nem com sangue. Que bellos dias esses!  
Que costumes! Que tempo perduravel  
Para a memoria! O Povo era ditoso,  
Cheio de gloria o Rei, os doces fructos  
De suas sabias leis gostavão todos,  
Reinando outro Luiz; tornai ó tempos!

---

(1) Jorge d'Amboise foi justamente estimado da França, e do Rei; porque igualmente os amava a ambos.



Mais distantes estão esses guerreiros ,  
Que a vida desprezarão inflamados  
Do seu dever , e não da sua furia ;  
Clisson , ( *m* ) Montmorenci , ( *n* ) de Foix , ( *o* )  
( Trimouille , ( *p* ) )  
Guesclin ( *q* ) o destruidor , e ao mesmo tempo  
O vingador dos Reis , Bayard ( *r* ) virtuoso ,

---

( *m* ) Clisson ( o Condestavel ) no reinado de Carlos IV.

( *n* ) ( Montmorenci ) São infinitos os serviços , que esta casa tem feito ao Estado.

( *o* ) De Foix ( Gastão ) Duque de Nemours , sobrinho de Luiz XII. foi morto na celebre batalha de Ravenna , que elle tinha ganhado.

( *p* ) Gui de la Trimouille appellidado o valente ne , quem aqui se teve em vista.

( *q* ) O Condestavel du Guesclin , salvou a França no rejuado de Carlos V. , conquistou Hespanha , e collocou Henrique de Transtamara sobre o Throno de Pedro cruel , razão porque foi ao mesmo aempo Condestavel de Castella.

( *r* ) Bayard ( Pedro du Terrail ) chamado o Cavalleiro sem medo , e sem nota. Elle armou Francis-

E vós brava Amazona, (s) dos Inglezes  
A vergonha, do threno o apoio firme.

Os Heróes ( diz Luiz ) que aqui estás vendo  
Nos Céos, tem, como tu, da terra os olhos  
Apartados; amavel lhes foi sempre,  
Como a ti, a virtude; mas da Igreja  
Elles bons filhos sua Mãi prezarão;  
Delles o coração simples, e docil,  
Estimava a verdade, em fim seu Culto  
Era o meu, que tu sem razão deixaste.

Dizendo enternecido estas palayras,  
Se apresenta o Palacio dos Destinos  
Diante delle; elle faz marchar Henrique

---

co I. Cavalleiro na batalha de Marignan, e foi morto em 1523, na retirada de Rebec em Italia.

(s) Joanna do Arco conhecida pelo nome de Donzella d'Orleans.

estes muros sagrados , e cem portas  
de bronze ás suas vistas então se abrem.

Com hum vôo insensível diligente  
o tempo sem cessar já se retira ,  
já volta a este Palacio portentoso ,  
dahi sobre a terra elle ás mãos cheias  
lança os bens , lança os males , que aos humanos  
é destino ; sobre hum Altar de ferro  
hum livro mysterioso do futuro  
toda a historia contém irrevogavel :  
na mão do Eterno nelle ha signalado  
nossos desejos , nossas sempre tristes  
filições , nossos fracos , vãos prazeres ,  
a liberdade alli se vê captiva  
por inviziveis laços prisioneira ;  
debaixo de hum desconhecido jugo ,  
que ninguem quebrar póde , sujeitalla  
ao Supremo , sem que a tyrannize ;

A's Leis Divinas tanto mais ligada,  
Quanto a sua cadeia he para sempre  
A seus olhos occulta; submettida,  
He por sua eleição ainda assim mesmo  
Quanto ella faz, e muitas vezes pensa  
Dar as leis, e preceitos aos destinos.

Cáro filho, he d'alli (Luiz lhe adverte)  
Que a graça faz sentir aos homens todos  
Seu favor efficaz; destes lugares  
Sagrados algum dia partir deve  
O raio vencedor; esse, que abraze  
Teu forte coração: mas tu não podes  
Differir, apressar, nem menos, filho,  
Conhecer os momentos estimaveis,  
De que he Deos só Senhor. Mas quanto long  
Inda os tempos estão! Esses ditosos  
Tempos, em que serás tu numerado  
Entre os filhos de Deos! O' quantas deves

Passar inda fraquezas vergonhosas!  
Quanto tens de andar inda nos caminhos  
Do engano! Eterno Deos, os dias deste  
Grande Rei diminue, pois são dias,  
Quando de ti o apartão, desgraçados.

Mas que turba se apressa nestas vastas  
Estancias? sem cessar a todo o instante  
Ella entra, e sabe. Vós vedes (Luiz responde)  
Meu filho, nesta habitação sagrada  
Os retratos dos homens, que algum dia  
Devem nascer. Dos seculos futuros  
Estas vivas imagens representam  
Os lugares unidos, as idades  
Adiantadas; dos homens certamente  
Os dias todos, inda que contados  
Antes dos tempos, são (ó filho) aos olhos  
De Deos sempre presentes. O destino  
Aqui signala o instante, em que elles devem

Nascer no mundo ; de huns o abatimento ,  
A grandeza dos outros , as diversas  
Mudanças á fortunas vinculadas ,  
Seus vícios , ou virtudes , suas mortes .

Cheguemo-nos ; o Céu te ha permittido  
O conhecer os Reis , e Heróes , que hum dia  
De ti hão de nascer : esse primeiro  
Que apparece , he teu filho augusto , aquelle ,  
Que ha de bem sustentar por muito tempo  
Toda a gloria dos Lyrios ; sim , do Belga ,  
E do Ibéro o verá triunfante o mundo ,  
Mas nunca igual ao Pai , nem a seu filho .

Descobre Henrique então por entre as flores  
De Lys dois homens cheios de arrogância  
Junto ao Throno sentados ; tem debaixo  
De seus pés todo hum Povo atado , e prezo ;  
Da Purpura Romana revestidos

ão ambos; elles guardas, e soldados  
em á roda de si. Henrique attende-os  
como a Reis. Não te enganas ( Luiz prosegue )  
elles o são sem terem já mais disso  
o titulo. Do Principe, e do Estado  
ambos arbitros são, Richelieu esse,  
st'outro Mazarin, Ministros ambos  
immortaes, até o Throno conduzidos  
da sombra dos Altares; da fortuna  
filhos, e da política; são elles,  
os que ao poder dispotico marchando  
rão a grandes passos; será grande  
Richelieu, e sublime, ao mesmo tempo  
inimigo implacavel: recto, e brando  
Mazarin, mas amigo perigoso;  
um com arte fugindo, (t) cede ao forte

---

(t) O Cardeal Mazarin foi obrigado a sahir do  
reino em 1651. contra a vontade da Rainha Re-  
gente, a quem elle governava: mas o Cardeal Re-  
ichelieu se conservou sempre, a pezar dos seus ini-

Da tormenta ; outro ás ondas irritadas  
Oppõe todas as forças ; inimigos  
Declarados dos Principes famosos  
Do meu sangue , do Povo aborrecidos ,  
E admirados ; em fim , pela violencia ,  
E pela industria aos Reis seus Amos uteis ,  
Quando á Patria crueis. O' tu , que és meno-  
Poderoso do que elles , menos vasto  
Nos teus designios ; tu , que no segundo  
Lugar és o primeiro entre os humanos ;  
Colbert , (u) sobre teus passos a ditosa  
Abundancia , dos teus trabalhos filha ,  
Toda a França enriquece ; tu , de hum Povo ,

---

migos , e do mesmo Rei , que estava delle desgosto.

(u) O Povo , esse monstro feroz , e cego , detestava o grande Colbert até o ponto de querer desenterrar o seu corpo ; porém a voz das gentes cordatas , que prevê ao longe , tem feito a sua memoria para sempre amavel , e cheia de respeito.



ardente em te ultrajar, bemfeitor sempre,  
om fazello feliz he que te vingas ;  
milhante ao Heróe, ao confidente  
e Deos, o qual apreço das blasfemias,  
utrio sempre os Hebreos, inda que ingratos.

Que pomposo montão de escravos vejo  
e joelhos aos pés de hum Rei, (x) que a todos  
faz tremer! Que respeitos! Que honras! Nunca  
ei algum costumou já mais na França  
tão grande obediencia os seus vassallos :  
u o vejo animado pela gloria,  
omo vós, e melhor obedecido,  
ais temido, e talvez menos amado :  
u o vejo provando mui diversas  
rtunas, nas emprezas sempre forte,  
onstante nas desgraças, desprezando

c

---

(x) Luiz XIV.

Tanto esforço violento , com que o investem  
Vinte Povos ligados ; admiravel  
Na sua vida , mas maior na morte :  
Seculo de Luiz afortunado !  
Seculo , que promette a natureza  
Encher dos dons melhores sem medida ;  
Es tu , que as boas artes pela França  
Vás levar : tudo vai daqui em diante  
Sobre ti dirigir as suas vistas ;  
As Musas para sempre o seu imperio  
Alli firmão ; então se anima a teia ,  
E o marmore respira. Oh quantos sabios  
Eu vejo , que alli juntos (y) nos excelsos  
Lugares o Universo estão medindo ,  
E lendo pelos Céos ! Na escura noite  
Levão a luz , e então da natureza  
Penetrão todo o fundo ; á vista delles

---

(y) A Academia das Sciencias , cujas memoriaes  
são estimadas de toda a Europa.

O erro presumido se desterra,  
A duvida os conduz para a verdade:  
E tu, filha do Céu, tu, poderosa  
Harmonia, das artes a admiravel,  
Que a Grecia, e Italia illustras, teu estylo  
Encantador eu oiço em toda a parte,  
E os teus sons soberanos, que dominão  
O coração, e ouvido. Vós Francezes,  
Quando venceis, cantaes vossas conquistas;  
Já mais haverão loiros, que não cubrão  
Vossas cabeças; sim, eu nestes climas  
Vejo hum Povo de Heróes, que vai nascendo;  
Eu vejo os Bourbons todos, que se apressão  
Aos combates; por entre horrendos fogos  
Vejo vir a Condé, (z) Condé valente

c ii

---

(z) Luiz de Bourbou, chamado communmente  
o grande Condé, e Henrique Visconde de Turen-  
na, são respeitados como os maiores Capitães do  
seu tempo. Ambos ganharão grandes victorias, e

Já o terror, já o apoio de seu Amo.  
Turenna de Condé rival augustô,  
Menos brilhante sim, porém mais sabio,  
E ao menos seu igual. Por huma rara  
União Catinat (*a*) junta os talentos  
De guerreiro ás virtudes de prudente.  
Este que assim sustenta os nossos muros  
Com seu braço he Vauban; (*b*) he das virtudes,

---

adquirirão gloria ainda mesmo nas suas derrotas. O genio do Principe de Condé parecia, segundo se tem dito, mais proprio para hum dia de batalha, e o de Monsieur de Turenna para toda huma campanha.

(*a*) O Marechal de Catinat ganhou as batalhas de Stafard, e de Marsaille, e obedeceu depois como subalterno ao Marechal de Villeroi, que lhe enviava as ordens sem o consultar. Deixou voluntariamente o commando, não se queixou nunca de ninguém, nem pedio nada ao Rei, morrendo como Philosopho em huma pequena casa de campo.

(*b*) O Marechal de Vauban foi o maior Engenheiro, que tem havido; fortificou, segundo o seu methodo, 300 Praças antigas; edificou 33 de no-

E das artes o amigo. Esse invencível  
Na guerra, se na Corte desgraçado,  
De Luxembourg, (c) que faz tremer o Imperio,  
E a Inglaterra dá susto. Em Denain vede  
O atrevido Villars, (d) que assim ás Aguias

---

o; conduzio 53 sitios; e achou-se em 140 acções.  
ra socio da Academia das Sciencias, e a honrou  
ais, que nenhum outro, fazendo servir as Ma-  
ematicas em a vantagem da sua Patria.

(c) Francisco Henrique de Montmorenci, que to-  
ou o nome de Luxembourg, Marechal de França,  
duque, e Par; ganhou a batalha de Cassel debaixo  
as ordens de Monsieur irmão de Luiz XIV., e al-  
ançou como Chefe as famosas victorias de Mons,  
e Fleurus, de Steinkerke, e de Nerwinde. Con-  
quistou Provincias ao Rei, e sendo prezo da Basti-  
a, recebeu mil desgostos dos Ministros.

(d) O Marechal Duque de Villars ganhou a ba-  
alha de Friedlingue, e a do primeiro Hocche, de-  
pois deu a famosa de Malplaquet, na qual morre-  
o vinte mil inimigos, e só se perdeu depois do  
marechal ser ferido. Em 1712 derrotou em Denain  
o Principe Eugenio.

Dos Cezares disputa o trovão forte,  
Arbitro em fim da paz, que segue logo  
A' victoria, do Rei digna columna,  
Digno rival de Eugenio. Que mancebo (e).  
Principe he este, em quem a Magestade  
Sobre seu rosto amavel resplandece  
Sem fereza? De hum olho de indifferença  
Elle respeita o Throno. O' Céos! Que noite  
Repentina a meus olhos pois o cerca!  
A morte em torno d'elle sem demora  
Vôa, e corre; elle cahe aos pés do Throno  
Já proximo a occupallo. Vós, meu filho,  
Estais vendo o mais justo dos Francezês,  
Que os Céos do vosso sangue magestoso  
Formarão. Grande Deos, vós aos humanos  
Só dais a ver a flor tão passageira,  
Obra das vossas mãos! Que não emprenhe

---

(e) O Duque de Borgonha falecido.

h! esta alma virtuosa? A França toda  
O' quanto feliz he em seu reinado!  
Ille entretem a paz, nutre a abundancia,  
seus dias conta pelos beneficios,  
ma o seu Povo em fim. O' dias cheios  
De susto, e de temor! Que triste pranto  
Os Francezes inunda, quando admirão,  
Debaixo de huma mesma campa juntos,  
O consorte, e a mulher, a Mãi, e o filho!

Hum fraco ramo (f) sahe d'entre as ruinas  
Esta arvore fecunda dissipada  
Pelas suas raizes; ao sepulchro  
Os filhos de Luiz descidos deixão  
A França hum só Monarcha inda no berço,  
Fragil, doce esperança de hum Estado  
Facilante. Mas tu, Fleury prudente,

---

(f) Este Poema foi composto na menor idade  
Luiz XV.

Vigiarás a sua tenra infância ,  
Serve de guia aos seus primeiros passos ,  
Cultiva á tua vista do mais puro  
Do meu sangue o deposito precioso :  
Soberano que elle he , a conhecer-se  
Tu lhe ensina ; que saiba como he homem  
Em se vendo que he Rei , que sendo amado  
De seus subditos , seja aos olhos delles  
Tão bem caro ; que aprenda , que he nascido ,  
E que he Rei só para elles ; torna ó França ,  
Torna á tua primeira Magestade  
Com hum tal Rei ; destróe a triste noite ,  
Que a tua luz cubria ; as artes promptas  
A fugirem te vem coroar de novo  
Com suas uteis mãos ; já se pergunta  
Nas profundas cavernas do Oceano ,  
Que he dos teus pavilhões , que tremolavão  
Sobre as ondas ? Do Nilo , sim , do Euxino ,  
Da India , e dos seus portos o commercio



Te chama , e te descobre os seus thesoiros ;  
Mantem a paz , e a ordem , sem que busques  
As victorias ; com tanto que te faças  
Arbitra das Nações , he mui bastante ,  
O' França , á tua gloria ; o seres dellas  
Terror , e espanto , muito te ha custado.

Junto a este Rei moço já se avança  
Com esplendor o Heróe , (g) que assim de longe  
A calumnia persegue ; não he fraco ,  
Facil , ardente sim , cheio de genio ,  
Muito dado aos prazeres , muito amigo  
De novidades , elle revolvendo  
O Universo do seio dos deleites ,  
Por artífices novos , com bem destra  
Politica suspensa tem a Europa ,  
Dividida , e tranquilla ; esclarecidas

---

(g) Verdadeiro retrato de Filippe Duque de  
Orleans , Regente do Reino.

As artes são por sua vigilancia ;  
Nascido para todos os empregos ,  
Tem todos os talentos , os de hum Chefe ,  
De hum soldado , de hum cidadão perfeito ,  
E de hum Rei magestoso ; elle , meu filho ,  
Não he Rei , mas ensina a sellos a todos :  
Em huma tempestade então no meio  
Dos relampagos vê-se ao ár erguido  
O estendarte da França ; diante delle  
De Hespanhóes huma tropa bellicosa  
Das Aguias dos Germanos destroçava  
A soberba cabeça. O' Pai ! Que novo  
Espectaculo he este ? Tudo muda  
( Diz Luiz ) tudo tem seu fim na terra ;  
Adoremos do Altissimo a escondida  
Sciencia : do poderoso Carlos Quinto  
A raça se encurtou ; a Hespanha agora  
Nos vem pedir os Reis : he hum dos nossos  
Sobrinhos , que lhes vai dar leis. Philippe . . .

Neste objecto Henrique fica preso  
Na doce suspensão, e nos transportes  
Da alegria; modéra (Luiz prosegue)  
O' filho, esse primeiro movimento,  
Grandes successos deves temer inda;  
Do seio de Pariz hoje recebe  
Madrid hum Rei, talvez que perigosa  
Esta honra a ambos seja. O' Reis, que vindes  
Do meu sangue! O' Filippês! O' meus filhos!  
França, Hespanha, ó pudesse para sempre  
Ver-vos eu congraçadas! Até quando (b)  
Infelices politicos os fachos  
Accendereis das publicas discordias?

Assim fallou: Henrique de improviso  
Não veio mais, do que hum vão ajuntamento  
De mil coisas confuzas; eis as portas

---

(h) No tempo, em que isto se escreveu, o reino de França, e o de Hespanha estavam desunidos.

Do Templo dos Destinos se fecharão ,  
E dos Céos as abobedas luzentes  
Da sua vista logo se esconderão.

Com a face vermelha a Aurora em tanto  
O Palacio do Sol no Oriente abria ;  
A noite a outros lugares os escuros  
Véos levava ; indo já de volta os sonhos  
Fugião com as sombras. Despertando  
O Heróe , entra a sentir dentro em seu peito  
Estranha , e nova força , ardor Divino :  
Susto , respeito o seu olhar inspira ;  
Deos a seu rosto enchera de huma sancta  
Magestade ; bem como lá no Monte  
Sinay se vio , que o vingador dos Povos  
De Israel , tendo o Eterno consultado ,  
A seus pés os Hebreos depois por terra  
Cahidos , não puderão de seus olhos  
Supportar a brilhante claridade.



## CANTO VIII.

### A R G U M E N T O.

*O Conde de Egmont vem da parte do Rei de Hespanha soccorrer a Mayenne, e os da Liga. Batalha de Ivry, na qual Mayenne foi destruido, e Egmont morto. Valor, e clemencia de Henrique o Grande.*

**A** Confusa Assembléa dos Estados  
 Em-Pariz tinha já perdido o orgulho,  
 De que ella blazonava; só ao nome  
 De Henrique amedrontados os da Liga,  
 Parecia esquecerem-se do intento  
 De fazerem hum Rei; ninguém podia  
 Deter-lhes o furor, inda que incerto,  
 E nunca se atrevendo a dar a Coroa,  
 Nem tiralla a Mayenne, por Decretos  
 Vergonhosos, e vís, lhe confirmarão  
 Cargo, e poder, que a si elle arrogára.

Este lugar Tenente sem ter Chefe, (a)  
Sem diadema este Rei, tem hum partido,  
Que o poder lhe confere assás supremo:  
Eis de hum Povo obediente já se acclama  
Defensor, e esse mesmo Povo jura  
Por elle combater, morrer por elle.  
De hum nova esperança lisonjeado  
Chama a Conselho os Chefes orgulhosos,  
Vingadores, que são da sua causa,  
Os Lorenas, (b) Nemours, (c) Canillac,  
( Châtre, (d) )

---

(a) Elle se fez declarar pelo Parlamento, que lhe era afeiçoado, lugar Tenente General do Estado, e Rei de França.

(b) O Cavalheiro d'Aumale, em que já se fallou, e seu irmão o Duque erão da casa de Lorena.

(c) Carlos Manoel, Duque de Nomours, irmão uterino do Duque de Mayenne.

(d) Châtre era hum dos Marechaes da Liga.

Brissac, (e) S. Paulo, (f) e o inconstante  
( Joyeuse ; (g) )

Elles vem : a fereza, o orgulho, a ira,  
A desesperação em seus semblantes  
Se. deixarão pintar. Alguns tremendo,  
Seus passos parecia, que levavão  
Enfraquecidos pelo muito sangue,  
No estrago dos combates derramado :  
Mas esse mesmo sangue, esses combates,  
Suas feridas, são os que os excitão  
A vingarem também suas injurias :  
Todos se vem dispôr junto a Mayenne,  
Com o ferro na mão todos lhe jurão

---

(e) Brissac tinha abraçado o Partido da Liga es-  
timulado de Henrique III. haver dicto, que elle  
não era bom, nem para a terra, nem para o mar.

(f) S. Paulo, soldado de fortuna feito Marechal  
pelo Duque de Mayenne.

(g) Joyeuse he o mesmo, de quem se fallou no  
Canto IV.

Vingança. Tal se viu no alto do Olympo,  
Nos campos da Thessalia a tropa impia  
Desses filhos da Terra amontoando  
Rochedos, e com loucas esperanças  
Pertender insensata com ameaças  
Subir aos Céos, a desthronar os Deoses.

Huma nuvem rompendo de improvviso  
A Discordia, em hum carro luminoso  
Se lhe apresenta: = Animo Francezes  
( Lhes diz ella ) o soccorro he já chegado;  
Cidadãos he agora, qué he preciso  
Ou vencer, ou morrer. Então d'Aumale  
He o primeiro, que a tal noticia se ergue;  
Elle corre, e diviza ao longe virem  
As lanças Hespanholas; elle grita  
= Eis-aqui o soccorro ha tanto tempo  
Por nós pedido, e sempre demorado.  
Amigos, a Austria em fim ha soccorrido



França = Assim fallou: eis já Mayenne  
avança ás portas; o soccorro nobre  
apparecia então nesses lugares  
espetosos, que aos tumulos egregios  
os nossos Reis a morte ha consagrado:  
as armas scitillantes o conjuncto  
formidavel, o ferro reluzente,  
oiro, a prata, as lanças que brilhavão,  
os Cascos, os Arnezes, e o pomposo  
apparato nos campos desafião  
o Sol os mesmos raios: corre em chusma  
o Povo todo alegre a recebello;  
vão mil vivas ao Chefe portentoso,  
que Madrid lhes anvia: era este o bravo  
ancebo Egmont, (h) guerreiro que foi sempre

---

(h) O Conde de Egmont, filho do Almirante de  
Egmont, que foi degolado em Bruxellas com o  
príncipe de Horn. O filho havendo ficado no Pa-  
ço de Philippe II., Rei de Hespanha, foi enviado  
a soccorro do Duque de Mayenne na testa de 1800  
homens.

Obstinado, ambicioso, e injusto filho  
De hum desgraçado Pai; nos altos muros  
De Bruxellas a vida ha recebido;  
Seu Pai, a quem cegou o amor da Patria,  
Morreu constante sobre o cadafalso,  
Por querer defender vossos direitos,  
Infelices Flamengos, oprimidos  
Dos vossos Reis; o filho vós o vistes  
Hum froxo cortezão, hum temerario  
Guerreiro a mão beijar por muito tempo,  
A mão, que perecer seu Pai fizera;  
Do seu Paiz aos damnos ha servido,  
Perseguiu a Bruxellas, e em soccorro  
Hoje vem de Pariz. Philippe o envia  
Como hum Deos tutelar; elle, e Mayenne  
Crêrão levar de volta ás tendas regias  
De Henrique o assombro, as iras, e a carnagem.  
O temerario orgulho accompanhava  
Seus passos. Grande Rei, com que alegria

apressavas tu o doce instante  
hum combate, onde todos os destinos  
triste Estado unidos já se vião!

unto ás margens do Iton, (i) e das ribeiras  
Euro, hum campo ha feliz, que fora sempre  
amor da natureza: a guerra havia  
verenciado ha tempos os thesoiros,  
m que estas margens bellas adornavão  
Zefiros, e Flora: alli os Pastores  
seus dias passavão bem tranquillos,  
meio dos horrores das discordias;  
o Ceo protegidos, satisfeitos  
serem pobres, elles parecião  
sprezar dos soldados a cobiça;

---

(i) Em huma planice entre o Iton, e o Euro  
, que se deu a batalha de Ivry em 14 de Março  
1590.

Debaixo das cabanas defendidos  
Dos sustos , não ouvião dos tambores ,  
Nem das armas o ruido. A estes lugares  
Chegão pois os dois Campos inimigos ;  
Marcha a desolação diante delles  
Por toda a parte : as aguas do Iton , e do Eur  
Se espantarão ; nos bosques já se occulta  
Cheia de horror a tropa dos Pastores  
Juntamente co' as tristes companheiras ,  
Em seus braços os filhos soluçando.

Afflictos habitantes destas margens  
Cheias de espanto , ao vosso Rei ao menos  
Essas , que assim verteis lagrimas tristes  
Não queirais imputar : elle se busca  
Os combates , a paz busca sòmente :  
Póvos , a súa mão mil beneficios  
Ha de em vós derramar : os vossos males  
Finalizar pertende ; elle vos ama ,

e vós se compadece, neste dia  
espantoso peleja por vós mesmos.

Sabe Henrique prezar quaesquer iustantes;  
toda a parte corre sobre hum bruto  
ogoso, mais ligeiro do que os ventos,  
que soberbo do pezo, que em si leva,  
erindo com as mãos a terra, e o campo,  
esafia os perigos, chama a guerra.  
ião-se junto delle os valerosos  
ompanheiros, que são da sua gloria,  
ingidos de seus loiros; d'Aumont (l) forte,  
que debaixo do mando militado  
inha de cinco Reis; Biron (m) Grão Mestre,

(l) João d'Aumont, Marechal de França, que  
orou maravilhas na batalha de Ivry, era filho de Pe-  
ro d'Aumont, Gentil homem da Camara, e de  
Francisca de Sully, herdeira desta antiga Casa. Elle  
ervio os Reis Henrique II., Francisco II., Car-  
os IX., Henrique III., e IV.

(m) Henrique de Gontaud de Piron, Marechal de  
rança, Grão Mestre da Artilharia, era hum grande

Cujo nome bastava a dar espanto ;  
 Carlos (*n*) seu filho , moço ardente ainda ,  
 Impetuoso , que foi depois . . . mas elle  
 Tinha então mais virtude. Alli se achavão  
 Sully (*o*), Nangis (*p*), Grillon (*q*), todos do crime

---

homem de guerra. Commandava em Ivry o corpo de reserva , e concorreu para o vencimento da batalha accommettendo com resolução ao inimigo. Elle disse a Henrique o Grande , depois da victoria = Senhor vós fizestes , o que devia fazer Biron , e Biron o que devia fazer o Rei = Morreu de hum tiro de canhão no sitio de Epernay em 1592.

(*n*) Carlos Gontaud de Biron , Marechal , Duque , e Par , filho do precedente , conspirou depois contra Henrique IV. , e foi degolado na Bastilha em 1602.

(*o*) Rony depois Duque de Sully , Superintendente das Finanças , Grão Mestre de Artilharia , feito Marechal de França , depois da morte de Henrique IV. , recebeu sete feridas na batalha de Ivry.

(*p*) Nangis , homem de hum grande merecimento , e de huma verdadeira virtude , aconselhou a Henrique III. , de não fazer assassinar o Duque de Guiza , mas de ter o valor de o julgar segundo as leis.

(*q*) Grillon , chamado o Bravo , offereceu-se a

inimigos, a quem detesta a Liga,  
quando mesmo os estima. O valeroso  
Turenna (r), que depois do Grão Ducado  
de Bouillon mereceu ter o dominio  
em Sédan; infeliz dominio, logo  
que creado, destruido por Armando.  
Essex com esplendor no meio delles  
e deixa ver, tal como nas florestas  
undulante Palmeira aos nossos Olmos  
Mais frondosos unindo a sua altura,  
Mostra ensoberbecer-se, só pela ástrea  
estranha, com que se ergue: scintillava

---

Henrique III., de combater contra o Duque de  
Guiza.

(r) Henrique, Visconde de Turenna, casou com  
Princesa de Sédan, mas seu filho Frederico, Du-  
que de Bouillon, havendo entrado na conjuração  
contra Luiz XIII., ou melhor contra o Cardeal  
Richelieu, para haver de salvar a vida, largou a  
Sédan.

O seu Casco c'os fogos mais luzentes,  
 Onde o oiro, e os diamantes á porfia  
 Se expunhão, cáros dons, prendas preciosas  
 Com que a sua Rainha havia honrado  
 Seu valor, ou talvez sua ternura.  
 Vós, ambicioso Essex, ao mesmo tempo  
 Sois da vossa Rainha o amor mais grato,  
 E a columna dos Reis. Mais longe distão  
 Clermont (s), Trimouille (t), e o infeliz de  
 ( Nesse, )  
 Feuquieres, e o ditoso Lesdiguieres (u);  
 D'Ailly, aquelle, a quem foi este dia  
 Dia funesto. Todos estes fortes

---

(s) Balsac de Clermont morreu na batalha de Ivry  
 (t) Claudio; Duque la Trimouille, achou-se na  
 batalha de Ivry. Feuquieres; e de Nesse Capitão  
 de 50 homens, ahi forão mortos tambem.

(u) Nunca homem algum mereceo melhor o título de feliz, que Lesdiguieres, pois começando por simples soldado chegou a Condestavel no reinado de Luiz XIII.



rões juntos aguardão tão sómente,  
e o signal se lhes dê; do Rei ao lado,  
em no seu rosto de hum triunfo certo  
esperança, e o preságio venturoso.

Mayenne em tanto inquieto, consternado,  
entro em seu coração, cheio de sustos,  
busca em vão a virtude; seja que elle  
injustiça prevê do seu Partido,  
não crê, que propicio o Céu se mostre  
as suas armas; seja com effeito,  
que em su' alma os presentimentos tope  
recursos dos grandes infortunios:  
como Heróe quiz porém Senhor fazer-se  
esta sua fraqueza; disfarçava  
sua turbacão debaixo de huma  
legria apparente: elle se excita,  
elle se apressa, e inspira aos seus guerreiros  
esperança, de que elle mesmo he falto.

Junto a elle d'Egmont cheio da altiva  
Confiança, que em hum juvenil peito  
Faz nascer a imprudencia, já impaciente  
De exercitar o seu valor egregio,  
A demora accusava de Mayenne  
Irresoluto. Tal o bom Ginete,  
Do centro de hum vergel delicioso,  
Nos campos lá da Thracia apenas ouve  
Soár o clarim forte, que lhe excita  
O valor, quando logo inquieto, indocil,  
De hum bellicosó fogo todo cheio,  
Da soberba cabeça erguendo as clinas  
Movediças, saltando sobre a herva,  
Parte impaciente, e pelo freio vôa;  
Tal parecia Egmont: hum furor nobre  
Arde em seu peito, e brilha nos seus olhos;  
Com a gloria, que já suppõe vir perto,  
Se entretém; elle crê, que o seu destino  
Lhe commanda a victoria. Ah! que elle ignora,

ue o seu fatal orgulho lhe prepara  
as planices de Ivry a sepultura.

Para os da Liga em fim o grande Henrique  
e avança, aos seus dizendo (que inflamados  
ão da sua presença) = Vós nascestes  
rancezes, vosso Rei eu sou, são estes  
s vossos inimigos, marchai, vinde,  
segui-me, sem que ainda no mais forte  
a tormenta percais já mais de vista  
O brilhante penacho, que fluctua  
obre a minha cabeça; vós, amigos,  
ela estrada da honra o vereis sempre =  
sto o Rei pronunciando, qual se fosse  
já vencedor, de hum novo ardor as tropas  
Elle vê inflammadas; e invocando  
O Senhor dos Exercitos, já marcha.

Sobre os passos ligeiros dos dois Chefes

Ao mesmo tempo então dos dois Partidos  
Vôão os combatentes. Assim como  
Quando dos montes, pelo grande Alcides  
Separados, os Aquilões fogosos  
Saem de hum vôo rapido, e movidas  
Subitamente as ondas dos dois mares  
Profundos, até os ares se levantão  
Com hum choque impetuoso. A terra ao long  
Entra em gemidos, fuge a luz do dia,  
O Céu treveja, e o Africano em sustos  
Do mundo teme a proxima ruina.

Reunido ao mosquete o sanguinoso  
Estoque, leva a morte já dobrada  
De ambas as partes. Foi antigamente,  
Que o demonio da guerra ha inventado  
Em Bayonna, por despovoar a terra,  
Est'arma cruel; ajunta ao mesmo tempo  
Quanto o Inferno em si tem de mais terrivel,

fogo, e o ferro, delle digno fructo.

Baralhão-se, combatem; o artificio,  
valer, os clamores, o tumulto,  
pejo de ceder, a cêga ira,  
medo, a ardente sêde só de sangue,  
desesperação, em fim a morte

fileira em fileira vão passando.  
partido contrario hum o parente  
segue: alli o irmão; fugindo, morre  
as mãos do irmão. Tremeu a natureza,  
a espantosa ribeira se inundava  
m á custa do sangue desgraçado.

Por multidões de lanças aguçadas,  
e batalhões de sangue todos tinctos;  
e tropas arruinadas rompe Henrique,  
arremeça, se avança, e faz caminho.  
gue-o o grande Mornay sempre pacato,

Sereno sempre ; junto ao Rei vigia ,  
Qual poderoso Genio , assim nos campos  
De Phryhia se fingião n'outro tempo ,  
Os motores perpetuos lá dos Astros ,  
E da terra , envolvidos nos combates  
Debaixo dos vestidos dos guerreiros ;  
Os quaes esses Ministros espantosos  
Do verdadeiro Deos , as Potestades  
Dos Céos , os entes mesmos impassiveis ,  
Cercados dos relampagos , dos raios ,  
E dos ventos , com hum semblante sempre  
Inalteravel , movem o Universo :  
De Henrique elle recebe todas essas  
Rapidas ordens , da alma movimentos  
Intrepidos , que mudão o combate ,  
E fixão o destino : de improviso ,  
Aos Chefes das legiões elle as transporta ,  
O Official as recebe. As impacientes  
Tropas , ao som da sua voz regulão

edientes as iras ; se dividem ,  
reunem , e em diversos corpos marchão ;  
um espirito só prezide a tantas  
aquinas , e tão vastas. Mornay torna  
o Principe , elle o escolta , elle o acompanha ;  
om a voz lhe desvia muitos golpes ,  
e lhe erão dirigidos ; mas ás suas  
ões estoicas já mais permittir pôde ,  
e se manchem do sangue dos humanos  
felices ; sua alma he occupada  
o seu Principe só , por defendello  
nicamente a espada elle ha tirado ,  
aos combates o seu valor adverso ,  
be affrontar a morte , e não quer dalla.

De Turenna o valor insupportavel  
unha já de Nemours a tropa em fuga ,  
atterrada. D'Ailly por toda a parte  
eva a morte , e o temor ; d'Ailly , que conta

Trinta annos de combates, que de novo,  
Nos horrores da sanguinosa guerra,  
Torna, a pezar da idade, a ter esforços:  
A seus golpes fataes hum só guerreiro  
Se oppõe, hum juvenil Heróe valente,  
Que na flor de seus annos nesta illustre  
Mortifera jornada, deu principio  
A' carreira fatal de seus combates.

De Himyneo inda terno elle provava  
Apenas os encantos; e assistido  
Dos amores, sahia dos seus braços:  
Corrido de não ter também mais fama,  
Que a de suas caricias, desejoso  
De gloria, elle aos perigos já se entrega.  
A sua cára esposa neste dia,  
Accusa o Céu, a Liga detestando,  
E o combate mortal; ella mesma arma  
O delicado amante, e tristemente



com a tremula mão ella lhe prende  
peçada coiraza; envolta em pranto,  
com hum casco precioso em fim lhe cobre  
lindo rosto, amavel a seus olhos.

No seu furor guerreiro a d'Ailly parte  
entre os turbilhões de pó, de fogo,  
elo meio dos corpos já sem vida,  
e outros feridos inda agonizando:  
s fogosos ginetes de ambos ficão  
go alli traspassados; ambos elles  
obre a relva abatida, e ensanguentada,  
onge dos esquadrões, já se accomettem  
om impeto seguro; o sangue os tinge,  
obre-os o ferro, e as lanças na mão tendo,  
e hum formidavel choque de improviso  
lles se abatem; ressoou a terra,  
s lanças se quebrarão; assim como,  
m hum Céu abrazado, duas nuvens

Funestas, que o trovão trazendo, e a morte  
Em seus seios, se encontrão lá nos ares,  
E vôão sobre os ventos; da união fea  
Os relampagos saltão, alli formão  
Os raios, que os mortaes tanto estremecem.

Por hum subito esforço intentão logo  
Estes dois infelices outra morte;  
Já brilha em suas mãos o duro alfange:  
A Discordia alli corré em continente;  
O demonio da guerra, a sanguinosa  
Pallida morte estavam a seus lados:  
Suspendei infelices esses vossos  
Precipitados golpes! Hum destino  
Porém fatal seus animos inflamma:  
No coração hum do outro dar passagem  
Aos estoques procurão, sim, n'aquelle  
Coração inimigo, que lhes era  
Desconhecido: o ferro, que os cobria,

usilando se vai fazendo em lascas,  
s coiraças, aos golpes espantosos,  
intillão, salta o sangue, que lhes tinge  
s mãos tyrannas: os escudos fortes,  
os cascos, a violencia moderando,  
guns golpes desvião, e repulsão  
um pouco a morte; confundidos ambos  
e tanta resistencia, respeitava  
ada hum o seu rival, e a valentia  
o seu contrario: em fim d'Ailly o velho,  
e hum golpe desgraçado, a seus pés lança  
excellente guerreiro; estes seus olhos  
echa á luz para sempre; junto a elle  
ai rolando o seu casco sobre a terra;  
'Ailly vê o seu rosto; O' grito! O' pasmo!  
'desesperação! Que terno o abraça!  
h que elle era o seu filho! Elle o conhece.  
desditoso Pai tendo banhados  
m lagrimas os olhos, dirigia

Contra seu peito as parricidas armas ;  
Suspende-se porém , oppõe-se ao justo  
Furor seu , e tremendo , parte , e deixa  
Hum lugar , que de horrores só lhe serve ;  
Detesta para sempre a sua iniqua  
Victoria , renuncia a Corte , os homens ,  
A sua mesma gloria ; e então fugindo  
Ao centro dos desertos , sua pena  
Nos confins do Universo esconder busca.  
Alli , seja que o Sol a luz ao mundo  
Restitua , ou seu curso a acabar chegue  
Lá no seio das ondas , elle aos écos  
Enternecidos repetir fazia  
O nome , o triste nome de seu filho  
Desgraçado. Do Heróe , que já não vive ,  
A juvenil esposa , a fiel amante ,  
Pelo terror levada , incerta , e toda  
Tremendo , vem com passos pouco firmes  
Sobre as margens funestas ; ella busca ,

reflecte na multidão de mortos,  
contra o seu esposo, e de improvviso  
esfalecida cahe; o véo da morte  
em seu rosto se estende. E's tu, ó caro! . . . .  
as vozes assim interrompidas,  
estes gritos então meios formados  
não são ouvidos; ella lhe abre os olhos,  
com os ultimos osculos lhe aperta  
a boca desmaiada, aquella boca  
que inda adora; nos braços toma o corpo  
challido, e ensanguentado, olha para elle,  
aspira em fim, e abraçando-o morre.

Pai, esposo infeliz, triste familia,  
o furor destes tempos lamentavel  
exemplo; possa pois deste successo  
a terrivel memoria excitar sempre  
a piedade em nossos ultimos sobrinhos,  
arrancar de seus olhos proveitosas

Lágrimas, e que nunca elles imitem  
De seus Pais os mortíferos delictos.

Porém quem faz fugir assim dispersos  
Os da Liga? Que Heróe, ou que Deos forte  
A todos ha destruido? He Biron, esse  
Mancebo, cujo esforço havia feito  
Por entre batalhões feliz passagem.  
D'Aumale os vê fugir, e ardendo em ira,  
= Detende-vos, voltai . . . onde assim fracos  
Correis? E vós, fugís? Vós companheiros  
De Mayenne, e de Guiza? Vós, que tendes  
O dever de vingar Pariz, e Roma,  
De defender a Igreja? Não, segui-me,  
Vossa antiga virtude a vós se torne;  
Se combateis á sombra de d'Aumale,  
Vencereis certamente = Soccorrido  
De Beauveau, de Fosseuse sem demora,  
E do feroz S. Paulo, e inda de Joyeuse,

então de novo as tropas divididas,  
que elle marchando anima, só com verem  
o seu rosto o esplendor: eis a fortuna  
orna a chegar com mais ligeiros passos.  
Com hum valor intrepido sustenta  
em vão Biron o curso arrebatado  
na foga torrente; elle espirando  
está junto a si Feuquieres; Parabére  
a multidão dos mortos vê cahindo,  
Clémence, Clermont, d'Angenne, todos estes  
já mordido a terra; Biron mesmo,  
perdido a tantos golpes, está quasi  
perdendo a vida. Assim, Heróe valente,  
deves acabar, porque huma morte  
gloriosa, huma desgraça, que he tão bella,  
e da tua virtude o que fazia  
memoria immortal, teu nome eterno!

O generoso Henrique soube logo

O risco, em que Biron, por muito ardente  
Empenhado se via; elle ama-o muito  
Não como Rei, nem qual senhor sevéro  
Que soffre, que se aspire á honra summa  
De lhe agradar, de quem o orgulho forte  
E o coração soberbo crê, que o sangue  
De hum vassallo lhe fica mais que pago  
Com huma vista de olhos bem ligeira.  
Henrique da amisade sente os nobres  
Ardores; amisade, dom sublime  
Do Céu, doce prazer das almas grandes;  
Amisade, que os Reis, esses illustres  
Ingratos, porque nunca a conhecerão,  
São assás desgraçados! Em fim parte  
Bourbon a soccorrello; o nobre fogo,  
Que o excita, lhe faz mais forte o braço  
E mais rapido o vôo; o bom guerreiro, (x)

---

(x) O Duque de Biron ficou ferido em Ivry  
mas foi no combate de Fontaine Française, qu



das sombras da morte então cercado,  
s que vê o seu Rei, o ultimo esforço  
penha, á sua voz elle renova  
a vida os restos. De Bourbon aos golpes  
ecuaão todos, todos se retirão.  
ron guapo! O teu Rei desses soldados  
e arranca, cujos golpes repetidos  
morte te apressavão; pois tu vives,  
m lhes seres fiel te empenha ao menos!

Hum ruido espantoso então se escuta.  
Discordia cruel contra as virtudes  
o Heróe reverberando os seus furores,  
ová colera accende nos da Liga:  
frente delles vòa de improvisó,  
o seu sopro fatal faz com que ao longe

---

Henrique o Grande lhe salvou a vida. Refere-se  
este acontecimento na batalha de Ivry, pois não  
endo hum facto principal, admittia o ser trans-  
posto.

Sõe a infernal trombeta ; então d'Aumale ,  
Pelo som , que era delle conhecido ,  
Se excita , tão ligeiro como a frecha  
Aos ares despedida : o Heróe sômente  
Elle busca , sobre elle só se lança ,  
Logo em tumulto acode toda a turba :  
Taes no centro dos bosques , na carreira  
Precipitados , esses atrevidos  
Animaes , aos combates só creados ,  
Féros escravos do homem , á carnagem  
Nascidos , cheios de huma raiva intensa  
Ao javali se lanção , ignorantes  
Do perigo fatal , cégos , violentos ,  
Rouca bozina ao longe seus instinctos  
Bellicosos excita , com que os montes ,  
E os concavos rochedos retumbarão :  
Assim contra Bourbon mil inimigos  
Se ajuntão , elle só se oppõe a todos  
Sem amparo da sorte , consternado

do numero, á vista já da morte:  
Quiz do alto dos Céos, neste perigo,  
O Heróe, a quem ama, huma invencivel  
Força lhe dá; Bourbon he como a rocha,  
Que os ares ameaçando, rompe a furia  
Dos ventos, quebra os impetos dos mares:  
E quem póde explicar o sangue, a immensa  
Carnagem, de que o Euro vio cubertas  
Neste momento as suas grandes margens?  
Vós, Manes sanguinosos do mais forte,  
E animoso dos Reis, dai luz sublime  
Ao espirito meu, e pela minha  
Voz fallai. Bourbon vê, que já voando  
A nobreza fiel vem defendello,  
Ella pelo seu Rei vem dar a vida,  
E peleja tambem seu Rei por ella;  
Diante de si leva o susto; a morte  
Os seus golpes seguia quando á sua  
Colera Egmont fogoso se apresenta.

Muito tempo enganado este estrangeiro  
Do seu valor, havia procurado  
O Rei na maior força do conflicto;  
Não fora conduzido á sepultura,  
A não ser temerario; só a honra  
Do combate excitava o seu orgulho;  
= Vem pois Bourbon, (dizia) a tua gloria  
Vem augmentar; he bem que pelejemos,  
Que o fixar a victoria a nós pertence. =  
Dizendo estas palavras, hum brilhante  
Relampago, funesto mensageiro  
Dos destinos, do ár abre as campanhas;  
O Arbitro dos combates, de improvisio;  
Faz soar seu trovão, sente o soldado  
Debaixo de seus pés tremer a terra:  
D'Egmont suppõe, que os Céos lhe dão amparo  
Que vão a defender a sua causa,  
Que combatem por elle; crê, que toda  
A natureza attenta á sua gloria

Pela voz do trovão lhe annunciava  
O triunfo; ao Heróe em fim se chega,  
Fêre-o no peito, e já de haver vertido  
O real sangue, se acclama victorioso.  
O Rei, sem que se turbe, vê o successo;  
Tanto como o perigo assim se dobra  
Seu esforço; elle então se felicita  
De no campo da honra haver hum dia  
Encontrado inimigos assás dignos  
Do seu valor; em vez de retardallo,  
O estimula a ferida; já sobre este  
Fêro inimigo o Heróe se precipita;  
De hum golpe mais seguro he de repente  
D'Egmont lançado em terra; o scintillante  
Ferro lhe passa o peito: eis os cavallos  
Debaixo de seus pés tinctos de sangue  
O atropelão; da morte as tristes sombras  
Envolverão seus olhos; a sua alma  
Em colera passou a unir-se aos mortos,

Onde do Pai o aspecto justamente  
Lhe excitou os remorsos. Vós, ufanos  
Hespanhões até qui tropa soberba,  
Com a morte d'Egmont vossa virtude  
Guerreira se anniquilla; ao menos hoje  
Não negareis, que o medo conhecestes!

O espanto, o horror, o espirito terrivel  
De turbação se ampara neste instante  
Das tropas assustadas; passa logo  
Aos mesmos esquadrões, e em fim se estende  
Ao exercito: os Chefes assombrados,  
Os soldados perdidos: hum não póde  
Mandar, outro tambem não obedece;  
As bandeiras por terra, huns se confundem,  
Correm outros, dão gritos espantosos,  
Atropellão-se, fogem: voluntarios  
Se rendem huns, os joelhos outros dobrão  
Ao vencedor, seus ferros já lhe pedem:

# CANTO VIII.

111

alguns com passos rapidos, querendo  
evitar a ruina, as ribanceiras  
Biscão do Euro, e na fuga arrebatados,  
No profundo das aguas se depenhão;  
Correm á morte em fim, que elles pertendem  
Evitar; os cadaveres, ás ondas  
O curso impedem; volta, e retrocede  
O rio ensanguentado á sua origem.

Não he capaz Mayenne em tal desordem  
De haver temor; afflicto, mas tranquillo,  
Senhor inda de si, vê resolutto  
Sua cruel fortuna; de seus golpes  
Elle sim vai debaixo, porém cuida  
Em della triumphar: outro he d'Aumale,  
Que junto a elle, o rosto enfurecido,  
Accusava os Flamengos, a fortuna,  
E os Céos: = Bravo Mayenne ( assim dizia )  
Morramos, já que tudo se ha perdido =

= Deixai hum furor vão (lhe torna o Chefe)  
Vivei para hum partido, de quem a honra  
Vós sois, vivei a restaurar a perda,  
E a desgraça fatal; neste momento  
Funesto, vós, e Bois-Delfin procurem  
As reliquias junta: desses dispersos  
Soldados; ambos vós então segui-me  
Aos muros de Pariz, indo de marcha,  
Da Liga recolhei isso, que resta;  
De Coligny vencido, e subjugado,  
O valor excedamos = Ah! d'Aumale,  
Isto escutando, chora; elle estremece  
De raiva, mas a ordem que detesta,  
Parte a cumprir. He qual Leão soberbo,  
Que o Moiro domar soube pois que docil  
A seu Senhor, a tudo o mais terrivel,  
Sua horrorosa frente só sujeita  
A' mão, que elle conhece; de hum aspecto  
Feroz elle o accompanha; elle rugindo



que sabe acariciar ; em fim parece ,  
que ameaça , inda quando o lisonjea.

Aos muros de Pariz Mayenne em tanto  
com appressada fuga se retira ,  
por occultar o seu abatimento.

Henrique , victorioso , vê os da Liga ,  
que de todos os lados , sem defeza ,  
sua clemencia implorão. Neste instante  
Desses Céos as abobedas se abrirão ,  
Os Manes dos Bourbons aos ares descem  
Do alto do Firmamento : Luiz chega  
Entre elles a observar , o como Henrique  
Neste nobre momento uso fazia  
Do triunfo , e por fim como acabava  
De dar merecimento á sua gloria.

Junto delle os soldados tendo os olhos  
Inda em furor accesos , reparavão

Para os tristes vencidos , que a seus golpes  
Escaparão ; os tímidos captivos ,  
Conduzidos a Henrique , só esperão  
Em profundo silencio , que a sentença  
Se lhes fulmine ; o espanto , a angustia , o pejo ,  
A desesperação pintado tinhão  
Em seus rostos as suas desventuras :  
Sobre elles volta então Bourbon os olhos  
Cheios de graça ; nelles a ternura ,  
E a intrepidez reinavão juntamente ;  
= Ficai livres ( lhes diz ) vós desde agora  
Podeis permanecer meus inimigos ,  
Ou viver meus Vassallos ; em Mayenne ,  
Ou em mim , hum Senhor será pois justo ,  
Que vós reconheçaes : de nós dois vede  
Qual o merecer ser ; da Liga escravos  
Gemei debaixo della , ou companheiros  
D'hum Rei , vinde por mim triunfar com elle.  
Escolhei de huma vez = A estas palavras ,

Que proferia hum Rei cheio de gloria,  
Em campo de batalha victorioso,  
Se observão n'hum momento os prisioneiros  
Contentes por se verem derrotados,  
Felices porque a sorte os fez vencidos;  
Seus olhos se illuminão, sem mais odio  
Se vem seus corações; Henrique os vence  
Co' seu valor, depois com a virtude  
Os sujeita tambem, e honrados todos  
Com o nome, que tem de seus soldados,  
Por expiar por fim o seu delicto,  
Marchão sobre seus passos; da carnagem  
O vencedor tranquillo ha já cessado;  
Senhor dos seus guerreiros elle applaca  
Delles a valentia; mais não era  
O leão que de sangue só cuberto,  
De lugar em lugar levava a morte,  
E o terror; era hum Deos todo benigno,  
Que deixando o trovão, a tempestade

Prende, e consola a terra; em seu semblante  
Ameaçador, feróz, e ensanguentado,  
Ha posto a paz o aspecto mais sereno:  
Aquelles, em quem quasi a luz estava  
A extinguir-se, por elle já revivem;  
He sobre seus perigos, sobre as suas  
Necessidades, que elle vigilante,  
Qual Pai attento, estende os seus cuidados.

A prompta mensageira dos successos  
Verdadeiros, ou falsos, augmentando  
Vai já sua carreira; ella de hum vôo  
Rápido, inda mais prompta do que o tempo,  
Além dos mares passa, vai de hum pólo  
A outro, até encher todo o Universo;  
Este monstro composto de olhos, bocas,  
E de orelhas, que canta as maravilhas  
Dos grandes, e dos Reis canta a vergonha,  
Que tem a si sujeitas a esperança,

A admiração, a duvida, o desejo  
De saber, e a fatal credulidade,  
Trombeta, que he da gloria, pela sua  
Brilhante voz, do Heróe da França parte  
A annunciar a victoria. Desde o Tejo  
Ao Eridano foi participado  
Por ella o estrondo; então eis o soberbo  
Vaticano se admira; o Norte ouvindo  
Sua voz, de alegria todo se enche;  
Madrid bramou de susto, e de vergonha,  
De horror, e de tristeza: ó desgraçado  
Pariz! O' vós, infieis conspiradores,  
Cidadãos enganados! Sediciosos  
Sacerdotes em fim, e com que gritos  
Dolorosos soárão vossos Templos!  
No momento infeliz vossas cabeças  
De cinza se cubrirão. Ah! Mayenne  
Inda vem lisonjear vossos esforços;  
Vencido, porém cheio de esperanças,

E Senhor de Pariz, com ardilosa  
Politica, inda lá no seu retiro,  
Quer aos da Liga incertos, que a derrota  
Se esconda; contra hum golpe tão funesto  
Elle os quer segurar, imaginando,  
Que em occultar talvez sua desgraça,  
Elle então a repara; por cem ruidos  
Mentisosos quer ver, se assim reanima  
D'elles o zelo; mas opposta a tantas  
Cautelas a verdade, desmentindo  
A' sua vista os seus projectos falsos,  
Vôa de boca em boca, e ao mesmo tempo  
Os corações de todos desalenta.

A Discordia bramou, e redobrando  
As suas raivas = Não verêi (diz ella)  
Destruida por certo a minha obra;  
Não tenho nestes muros infelices  
Derramado os venenos, incendiado

Tantos fogos, o meu poder firmado  
Com tanto sangue, afim de ver agora  
Levar Bourbon da França o vasto Imperio.  
Por terrivel que seja, eu tenho inda arte  
De enfraquecello; se vencer não pude,  
Poderei abrandallo: mais esforço  
Se não opponha ao seu valor supremo;  
A si mesmo, e não mais, agora Henrique  
Sim tenha que vencer, e temer deva  
Só do seu coração; vou a atacallo,  
E a vencello tambem por elle mesmo.  
Fallou: e de improvisio, lá das margens  
Do Sena, sobre hum carro todo tincto  
De sangue, que a destriar soubera o odio,  
Em huma espessa nuvem, que terrivel  
Torna pallido o dia, ella em fim parte,  
E em demanda do Amor vôa appressada.



## CANTO IX.

## ARGUMENTO.

*Descreve-se o Templo do Amor. A Discórdia implora o seu poder para abrandar o valor de Henrique IV. Este Heróe he retido algum tempo com Madama de Estrée, tão celebre debaixo do nome da Bella Gabriella. Mor-nay o arranca do seu amor, e o Rei volta ao seu exercito.*

**N**Os ditosos confins da antiga Idalia,  
Onde a Europa termina, a Asia começa,  
Hum Palacio (a) se eleva antigo, e sempre

---

(a) Esta descripção do Templo do Amor, e a pintura desta paixão são inteiramente allegoricas. Se ha posto em Chypre o lugar da Scena, como em Roma a morada da Politica, porque os Povos d'aquella Ilha passarão em todo o tempo pelos mais



Dos tempos respeitado. A natureza  
Nelle poz os primeiros fundamentos ;  
Dêpois a arte polindo aquella simples  
Architettura , vio-se , que excedia  
Da natureza o empenho ; seus visinhos  
Campos , de verdes murtas abastados ,  
Nunca a injuria sentirão dos invernos.  
Madurecer se vem , por toda a parte ,  
Vem-se brotar , em todo o tempo , tanto  
Os fructos de Pomona , como os mimos  
De Flora. A terra inculta não attende ,  
Para crear as suas sementeiras ,  
Aos desejos dos homens , nem á ordem  
Das estações. Em huma paz profunda

---

dados ao amor , assim como a Corte de Roma ha  
sido reputada pela mais politica da Europa. De-  
ve-se pôs respeitar aqui o Amor , não como  
filho de Venus , e como hum Deos da fabula ,  
mas como huma paixão , representada com todos  
os prazeres , e todas as desordens , que a accom-  
panhão.

Parece alli gozar o homem tudo,  
Quanto, do mundo nos primeiros dias,  
Quiz com mão liberal a natureza  
Conceder aos mortaes; repouso eterno,  
Dias serenos, ares sempre puros,  
Os gostos, e prazeres promettidos  
Da abundancia, os bens todos finalmente  
Dessa idade primeira, excepto a bella  
Innocencia. Por toda a parte se ouve  
O som desses concertos admiraveis,  
Com que a mole harmonia assim inspira  
Doces languores; ouvem-se os amantes,  
E o canto singular das suas Damas,  
Com que ccelebrão delles a vergonha,  
E a fraqueza lhes louvão: cada dia  
São vistas, com as testas adornadas  
De flores, implorar de seus queridos  
Amantes os favores; e á porfia  
Appressadas marcharem ao seu Templo

or instruidas serem na grande arte  
De agradar, e enganar. A lisongeira  
Esperança, de hum rosto sempre affavel,  
Pela mão os conduz ao Altar mesmo  
Do Amor. Perto do Templo estão as Graças;  
Meias nuas, às suas vozes juntão  
Das danças os primores: sobre hum leito  
De branda relva, placido, e contente,  
Duve o molle Appetite as suas doces  
Canções, tendo dos lados o Segredo  
Sempre mudo, o Sorriso que enfeitiça,  
Os Cuidados, a terna Complacencia,  
As amaveis Delicias, os Desejõs  
Mais doces inda, mais enganadores,  
Do que os mesmos Prazeres inconstantes.

Deste Templo famoso he esta a entrada  
Deliciosa; porém se accaso hum passo  
Mais audaz avançando-se penetra

Té a abobeda sagrada, e ao Sanctuario  
Se leva, que espectáculo funesto  
Os olhos horroriza! Dos prazeres  
Não he mais essa copia amavel bella;  
Concertos amorosos já mais se ouvem:  
As Queixas, os Desgostos, a Imprudencia,  
O Susto, alli transformão a morada  
Deleitosa em habitação de horrores;  
O taciturno Zelo com o rosto  
Macilento, e sombrio, vai de hum passo  
Vacillante seguindo huma Suspeita,  
Que o guia. O Odio, a Raiva, derramando  
O seu veneno, marchão diante delle,  
Tendo o punhal na mão; eis a Malicia,  
Que os vê passar, de hum perfido sorriso  
Applaudê a sua infame, e indigna tropa:  
Segue-a o Arrependimento, detestando  
Seus furores, e em pranto humedecidos  
Seus olhos, os abaixa, e em fim suspira.

No meio desta Corte assim de horrores,  
Infeliz companhia dos prazeres  
Dos homens, he ahi, que Amor tem feito  
Sua eterna morada: este arriscado  
Infante já cruel, já carinhoso,  
Craza da terra os destinos inviziveis  
Na sua fraca mão; com hum sorriso  
Elle dispensa a paz, ou manda a guerra,  
Espalhando por toda a parte as suas  
Doçuras enganosas, elle anima  
O Universo, e continuamente assiste  
No coração de todos; sobre hum Throno  
Luzente, contemplando elle as conquistas  
Do seu braço, a seus pés via sujeitas  
As mais soberbas testas; então féro  
Com suas crueldades mais, do que inda  
Com os seus beneficios, dava mostras  
De alegrar-se do mal, que havia feito.

Conduzida a Discórdia de improviso  
Pela Raiva, os Prazeres apartando,  
Abre livre passagem, quando agita  
O facho acceso, que na mão sustenta.  
De sangue tincto o rosto, em ira os olhos  
Inflammados, lhe diz = onde, irmão, se achão  
Tuas settas mortaes? Para quem guardas  
As frechas invenciveis? Ah! se accesa  
A tocha da Discórdia, a teus furores  
Meu veneno fatal sempre juntaste;  
Se tantas vezes pude a teu respeito  
Turbar a natureza, corre, vòa  
Sobre meus passos; vem, e a minha injuria  
Sabe vingar; hum Rei já victorioso  
Despedaçado tem minhas serpentes;  
Elle por suas mãos a oliva ajunta  
Aos loiros triunfantes; a clemencia,  
Com hum passo tranquillo indo marchando  
Com elle ao sedicioso infausto seio

De huma guerra civil, favorecida  
Os regios estendartes, que tremulão  
Por toda a parte, intenta reunir todos  
Os corações, sendo estes divididos  
Sómente para mim; huma victoria  
Nada não alcancei, e já por terra  
Dejo o meu Throno em pó; Henrique leva  
Nos muros de Pariz o raio ardente,  
A combater já parte o Heróe famoso,  
A vencer, e perdoar; de cem cadeias  
Cortes me vai prender seu braço altivo:  
A ti toca impedir esta torrente  
No seu curso; tu podes de tão nobres  
Triunfos envenenar a fonte toda:  
Vai pois, Amor, debaixo do teu jugo  
Elle gema abatido; prostra, vence  
O seu valor no seio da virtude:  
Lembre-te, que és aquelle, cujo braço  
Hercules fez cahir sem suas forças

Aos pés de Omphale. Não se vio Antonio,  
Nos teus ferros de todo enfraquecido  
Abandonar por ti graves cuidados  
Do Universo? fugir estando á vista  
De Augusto, e por seguir-te sobre as ondas,  
Cleopatra preferir a todo o Imperio  
Do mundo? Pois, Amor, para venceres  
Te resta Henrique só depois de tantos  
Guerreiros. Que nas suas mãos soberbas  
Os loiros se lhe murchem, vai, procura;  
Vai do myrto amoroso a frente áltiva  
Cingir-lhe; entre os teus braços adormece  
Sua audacia guerreira; tu de arrimo  
Ao meu Throno abalado serve agora;  
Teu Reino he o meu, e a minha causa he tua.

Desta sorte fallava aquelle monstro,  
E a retumbante abobeda os accentos  
De sua voz tremenda repetia;



Amor, que recostado sobre as flores  
O ouvia, de hum sorriso féro, e doce,  
Responde ás suas furias; entretanto  
Elle se arma das suas frechas de oiro;  
Elle dos vastos Céos as azuladas  
Esferas rompe já, e precedido  
Das danças, dos prazeres, e das graças,  
Dos Zefiros nas azas vôa aos campos  
Francezes, em demanda só de Henrique.

Na carreira se alegra de ver logo  
A Simois fraco, e o campo, onde foi Troia;  
Elle se ri ao ver nesses lugares  
Affamados as cinzas inda quentes  
Dos Palacios, por suas mãos extinctos;  
Elle divisa ao longe aquelles muros  
Erguidos sobre as aguas, seus soberbos  
Edifícios, do mundo esse prodigio,  
Veneza em fim, de quem Neptuno admira

O destino ; que impéra sobre as ondas ,  
Represadas pela arte no seu seio.

Elle desce , e demora-se nos campos  
Da Sicilia , onde a Theocrito , e Virgilio ,  
Elle mesmo inspirára ; e onde se conta ,  
Que do amoroso Alfeo em outro tempo  
Elle as aguas por novos subterraneos  
Caminhos conduzira ; sem demora  
Da amavel Arethusa elle deixando  
As praias , vòa aos campos de Provença ,  
Onde Vaclusa (b) está , mimoso asylo ,  
Lugares , em que o grão Petrarcha soube  
Nos seus bons dias suspirar seus versos ,  
E seus amores ; elle então divisa  
As muralhas de Anet (c) edificadas

---

(b) Vaclusa junto a Gordes em Provença , celebre pela morada , que fez Petrarcha nas suas vinhanças.

(c) Anet foi edificado por Henrique II. para Dia-

Nas margens do Euro, cuja altiva, e nobre  
Estructura elle mesmo dispuzera;  
Por suas destras mãos alli, com arte  
Estampadas as cifras de Dianna,  
Distinctas se conservão; de passagem  
As graças, e os prazeres derramarão  
Sobre o tumulto della as tenras flores,  
Que dos vestigios seus hião nascendo.

Aos campos de Ivry chega finalmente  
O Amor. Posto que o Rei se achava prompto  
A partir, com designiõs superiores,  
Da guerra a imagem fea confundindo  
Com os prazeres, quiz por hum momento,  
Que ao seu trovão se desse algum repouso;  
Mil guerreiros mancebos, caminhando  
e ii

---

na de Potiers, cujas cifras estão dispostas em todos os ornatos deste Castello, o qual não he longe das planicies de Ivry.

Por meio dos alqueives, perseguição  
Juntamente com elle os habitantes  
Dos bosques. Sente Amor, ao avistallo,  
Inhumana alegria; logo as frechas  
Elle aguça, as cadeias já prepara,  
Agita os ares, que elle mesmo havia  
Serenado; elle falla, de improviso  
Se armão os Elementos, e de hum pólo  
A outro vão chamando as tempestades;  
A sua voz se vê, que manda aos ventos  
Juntar as nuvens, derramar na terra  
As torrentes nos ares suspendidas,  
E que, com os relampagos, e raios,  
A noite fação vir; ás suas ordens  
Fieis os Aquilões tem já soltado  
Suas azas, nos Céos escurecidos  
A mais horrenda noite então succede  
Ao dia mais brilhante, a natureza  
Geme por fim, e o Amor já reconhece.

Nos sulcos enlodados da campanha  
Alagada, sem guia, sem escolta,  
Incerto marcha o Rei; neste momento  
Amor accende a luz, faz com que brilhe  
Esse prodigio novo diante d'elle;  
Apartado dos seus, por esses bosques  
Escuros, segue Henrique este inimigo  
Astro, que inda nas sombras resplandece;  
Bem como algumas vezes os viajantes  
Turbados vão seguindo esses ardentes  
Fogos, que a terra exhala; sim, os fogos,  
Cujo vapor maligno, e passageiro  
Nesse instante, em que a luz lhes communica,  
Nesse mesmo os conduz ao precipicio.

Pouco antes a fortuna a estes climas  
Miseraveis havia conduzido  
De hum illustre mortal os tenros passos;  
No fundo de hum Castello solitaria,

E tranquilla, apartada dos tumultos  
Da guerra, alli seu Pai ella aguardava,  
Que fiel a seus Reis, envelhecido  
Nos perigos, do grande Henrique havia  
Seguido os estendartes; o seu nome  
Era d'Estrée; (d) a mão da natureza  
A havia enriquecido dos sublimes  
Dons sem medida. Tanto não brilhava,  
Lá nas margens do Eurotas delicioso,  
A que se vio culpada formusura  
Traidora a Meneláo. Menos tocante,

---

(d) Gabriella d'Estrée de huma antiga casa de Picardia; filha, e neta de hum Grão Mestre de Artilharia, casada com o Senhor de Liancourt, e depois Duqueza de Beaufort &c. Henrique IV. se namorou della durante as guerras civis: elle se desfarçava algumas vezes por ir fallar com ella. Hum dia se desfarçou em traje de paizano, e passou por entre as guardas inimigas, não sem risco de ficar prisioneiro.

E menos bella em Tharso (e) deixou verse  
A que soube domar, e render soube  
O Senhor dos Romanos, quando attentos  
Das ribeiras do Cidno os habitantes,  
Nas mãos tendo o thuribulo, a tiverão  
Por Venus. Ella entrava em huma idade  
Muito para temer-se; essa que rende  
O jugo das paixões inevitavel;  
Seu coração se achava sim nascido

---

(e) Cleopatra indo a Tharso, onde Marco Antonio a havia chamado, fez esta viagem em huma Náo brilhante, ornada de oiro, e das mais bellas pinturas: as vélas erão de purpura, as cordas de oiro, e seda. Cleopatra estava vestida, como então se representava a Deoza Venus; suas Damas figuravão as Ninfas, e as Graças; a pôpa, e prôa estavão cheias de bellos Infantes desfarçados, em Amores. Ella marchava com toda esta equipagem sobre o rio Cidno ao som de mil instrumentos de musica. Todo o Povo de Tharso a reputou por Deoza, e Antonio desceu do seu Tribunal para lhe sahir ao encontro.

Para amar, mas altivo, e generoso,  
Os votos até alli de algum amante  
Não tinha recebido. Era não menos,  
Que a fresca rosa em sua primavera,  
Quando encerra ao nascer a formosura,  
De que he dotada; aos ventos namorados  
Os thesoiros encobre de seu seio,  
E se abre tão sómente aos doces raios  
De hum dia magestoso, e esclarecido.

Amor, que então se aprompta a sorprendella,  
Com hum nome supposto vai render-se  
Junto a ella; sem facho elle se mostra,  
Sem frechas, sem aljava: elle de hum simples  
Menino toma a voz, toma a figura:  
= Se ha visto (então lhe diz) sobre a visinha  
Ribanceira avançar-se a estes lugares,  
Quem venceo a Mayenne = Assim fallando,  
Elle no coração lhe insinuava



Hum desejo, ou paixão desconhecida  
De agradar a este Heróe; de nova graça  
Seu rosto se animou; e o Amor mesmo,  
Já de vella tão bella se gloriava;  
De tantos attractivos soccorrido,  
Que se não promettia! elle a encontrar-se  
Com o Monarcha os passos lhe dirige.  
O simples artificio, com que o adorno  
Ella em si ha formado, parecia  
Aos olhos, que se enganão, hum effeito  
Da natureza; o oiro de seus loiros  
Cabellos, que se espalhão, ondeando  
A' vontade dos ventos, humas vezes  
A garganta lhe cobre, e os dois thesoiros  
Nascentes; outras vezes patenteão  
O indizivel encanto. Mais amavel  
Sua grave modestia inda a fazia,  
Não aquella sombria austeridade,  
Que affugenta os Amores, e ainda a mesma

Formosura ; hum pudôr sim doce , e brando ,  
Innocente , pueril , que torna o rosto  
Colorido com hum rubor divino ,  
Que motiva o respeito , que os desejos  
Inflamma , que ainda mais augmenta o gosto  
Daquelle , que feliz pôde vencella.

Inda faz mais o Amor , mas que milagre  
Lhe será impossivel ! Elle encanta  
Com hum forte attractivo estes lugares :  
As murtas enlaçadas , que obediente  
A terra de improviso vai brotando  
De seu prodigo seio , estendem logo  
Em torno desta estancia as suas folhas :  
Quem passa á sombra dellas , por occultos  
Laços sente prender-se ; entre o deleite ,  
E a turbação já mais pôde apartar-se ;  
Debaixo desta sombra , fugitiva  
Corre huma fonte , assás encantadora ;

Os ditosos amantes docemente  
Engolfados, alli a longos tragos  
Bebem do seu dever o esquecimento ;  
Por toda a parte Amor faz , que se sinta  
O seu poder ; alli tudo apparece  
Mudado , os corações não tem socego ,  
Todos envenenados são do encanto ,  
Que respirão ; em fim tudo alli falla  
De Amor. No prado os passaros redobráo  
Os beijos , as caricias , e os seus cantos ;  
O ardente cegador , que antes da aurora  
Se encaminha a cortar essas , que o Estio  
Creou , loiras espigas , se perturba ,  
Suspira , e se detem ; impaciente  
Seu coração com seus novos desejos ,  
Fica encantado nestes deliciosos  
Retiros , suspirando em fim não pôde  
Proseguir na colheita. Junto delle  
A Pastora esquecida dos rebanhos ,

Da tremula mão sente já cahir-lhe  
O fuso: como a hum poder tão forte  
Se pôde oppor d'Estrée? Por hum encanto  
Invencivel se vê toda attrahida;  
Neste dia funesto, ah! que inimigos  
Vai combater! a sua mocidade,  
O Heróe, o Amor, e o seu coração terno.

O valor immortal de Henrique he certo,  
Que o chamava em segredo algumas vezes  
Para suas bandeiras vencedoras;  
Huma invizivel mão he, quem o obriga,  
E faz, que se demore; na virtude  
Em vão procura o apoio, ella o abandona,  
Céga sua alma, em fim, não vê, não ouve,  
Mais, que d'Estrées, não ama, não conhece.

Longe d'elle entre tanto os Chefes todos  
Cheios de admiração já se perguntão,

Onde o Principe está ; pelos seus dias  
Elles tremem , e ficão consternados :  
Quem o pudera crer ! Neste momento  
Muito houve que temer-se pela gloria  
De Henrique , em vão se busca , seus soldados,  
Postos sem elle em marcha , o valor perdem ,  
Sem o seu Rei parecem já vencidos.

Mas o Genio feliz , que assim preside  
A' França , não soffreu por muito tempo  
Tão arriscada ausencia ; dos Céos desce  
A' voz de Luiz , e a dar soccorro ao filho  
Vem de hum rapido vôo ; então chegado  
A este triste hemispherio , olhou em roda  
Por toda a terra , a ver , se nella hum sabio  
Poderia encontrar ; não o procura  
Nesses lugares sempre respeitaveis ,  
Em que habita a abstinencia , que ao silencio ,  
E ao estudo se consagrão ; a Ivry parte :

Alli, onde a licença, onde a arrogancia  
Do vencedor guerreiro se enfurece,  
Seu vôo terminou o sempre fausto  
Anjo da França; sim, no centro mesmo  
Das bandeiras dos filhos de Calvino  
Dirigio-se a Mornay; (f) nisto quiz elle  
Ensinar-nos, que muitas vezes basta,  
Para nos conduzirmos, o discurso;

---

(f) He erróneo o pensamento do A., quando affirma, que a razão só, e o discurso bastão a dirigir as nossas acções. Póde sim o homem obrar sem influencia da graça, algumas acções na ordem natural, mas nunca ellas serão dignas de huma superior recompensa. A prova que elle produz he igualmente futil: nunca se virão no gentilismo virtudes solidas, e dignas do Christianismo. O mesmo Platão, e Marco Aurelio mancharão suas maximas Philosophicas com mil erros praticos. He por isso que destes sabios diz o Apostolo, que Deos os entregou a seus reprovados sentimentos por não terem reconhecido a liberal mão do Ceo, que sobre elles derramou as suas luzes. Além de que, he muito verosimil, que esses Philosophos tivessem conhecimento da revelação, donde podião tirar es-

Como no Gentilismo a razão fora,  
A que a Platão guiára, e a Marco Aurelio,  
Vergonha que serão dos Christãos sempre.

Mornay soube, não só prudente amigo,  
Mas austero Philosopho, a grande arte  
De arguir, e de agradar ao mesmo tempo;  
Melhor que seus discursos, instruhia  
Seu exemplo; as mais solidas virtudes  
Forão os seus, e os unicos amores;  
Ancioso de trabalhos, insensível  
A's delicias, com passo firme andava

---

sas bellas maximas, que nos deixarão, e de que  
não se souberão aproveitar. Platão além de outros  
sabios Gregos, peregrinou por diversos paizes, o  
penetrou até o Egypto, como escreve Diogenes  
Laercio na sua vida: alli, elle podia ter perfeita  
conhecimeuto da Lei Moysaica: os Romanos, e  
como não Marco Aurelio este grande Imperador?  
forão mil vezes atterrados pela fatal voz dos pre-  
goeiros Evangelicos, que combaterão na mesma  
Roma os seus erros. (*Nota do Editor.*)

Junto dos precipícios ; o ár da Corte ,  
E o seu sopro empestado não puderão  
Inficionar já mais a sempre austera  
Innocencia do seu coração casto.  
Assim , bella Arethuza , as tuas aguas  
Afortunadas correm para o seio  
Furioso de Amphitrite , hum crystal puro ,  
As ondas sempre claras , a quem nunca  
Os amargosos mares corromperão.

O Excellente Mornay , sendo-lhe guia  
A Prudencia , transporta-se aos lugares ,  
Onde em braços a tepida moleza  
O vencedor retinha dos humanos ,  
E nelle subjugava juntamente  
Os destinos da França ; a cada instante  
O Amor , suas victorias augmentando ,  
Mais feliz o fazia , porque a gloria  
O inflammasse melhor : quando os prazeres



Tem quasi sempre termos tão succintos,  
Seus momentos alli se repartião,  
E preenchião seus dias deliciosos.

No meio delles, eis que ardendo em ira,  
Amor descobre de Mornay ao lado  
A sevêra prudencia; elle pertende  
Lançar sobre hum guerreiro tão illustre.  
Hum tiro vingador; imaginava  
Encantar seus sentidos, procurando  
Ferir seu coração; mas seus encantos,  
Suas iras Mornay sabio despreza;  
He sobre suas armas, que se embotão  
De Amor as setas fracas; elle aguarda,  
Que o Rei, sem companhia, se offereça  
A seus olhos; talvez quando contemple  
Por desafogo aquelles bons lugares.

No fundo dos jardins, onde huma fonte

Mais crystalina corre , alli debaixo  
De hum amoroso myrto , doce asylo  
Do segredo , d'Estrée ao Regio amante  
Prodiga dispensava os seus agrados ;  
Elle desfalecia junto della ;  
Elle ardia em seus braços ; já mais nada  
Alterava os encantos das suaves  
Doces conversações ; seus olhos cheios  
De venturosas lagrimas estavam ,  
Dessas lagrimas sim , que dos amantes  
Fazem toda a delicia. elles sentião  
O lethargo , os desmaios , os transportes ,  
Os furores , que hum tenro amor inspira ,  
Que elle só faz gostar , que elle só póde  
Descrever ; os Prazeres brincadores ,  
Os Amores pueriz o Heróe desarmão ;  
Hum lhe toma a coiraza inda cuberta  
De sangue , outro lhe tira fóra a espada  
Formidavel ; assim se divertião ,

Tendo nas fracas mãos aquelle ferro  
Do Throno apoio , assombro dos viventes.

A Discordia de longe então insulta  
A fraqueza do Heróe ; por hum susurro  
Seu barbaro prazer ella declara ;  
A fêra actividade se aproveita  
Dos seus instantes ; corre em fim da Liga  
A irritar as serpentes ; ah ! que em quanto  
Bourbon repousa , e dorme , se desperta  
Dos inimigos seus a raiva toda.

Nesses jardins , em fim , onde desmaia  
Sua virtude , vê , que lhe apparece  
Mornay , e ao vello , cobre-se de pejo ;  
Hum do outro só por só , teme a presença ;  
Chega-se o sabio a elle , e hum pensativo  
Silencio guarda ; mas hum tal silencio ,  
E suas vistas baixas bem se fazem

Do Principe entender, e assás se explicão :  
Sobre o sombrio rosto, em que reinava  
A austeridade, Henrique facilmente  
Sua vergonha lê, sua fraqueza :  
Raras vezes se estimão dos defeitos  
As testemunhas, sim, e a qualquer outro,  
Que não fosse Mornay, levára Henrique  
Muito a mal o cuidado : = Cáro amigo  
( O Rei diz ) minha colera não temas ;  
Quem meu dever me ensina, está seguro  
De me agradar ; o coração se buscas  
Do teu Principe, vem, porque elle he digno  
Inda de ti ; o ver-te só me basta,  
Porque a mim mesmo tu me restituas ;  
Eu já torno a cobrar toda essa gloria,  
Que me ha roubado o Amor ; deste lethargo  
Vergonhoso fujaamos á ignominia,  
Fujaamos em fim d'hum lugar funesto,  
Onde meu coração sobresaltado

Inda ama essas cadeias, que arrastara ;  
O meu maior triunfo, de hoje em diante,  
Seja o vencer-me, vamos ; sim, nos braços  
Da gloria fique Amor escarnecido,  
E o terror em Pariz logo espalhando,  
Com o sangue Hespanhol o erro apaguemos.

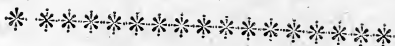
Mornay, a estas palavras generosas,  
Conheceu o seu Rei = Sois vós ( diz elle )  
Que appareceis de novo, como augusto  
Apoio, e defensor da França inteira ;  
Vencedor de vós mesmo, vós Rei fostes  
Do vosso coração ; á vossa gloria  
Hum novo resplendor o Amor augmenta ;  
Se quem o não conhece he venturoso,  
Illustre, e esclarecido, he quem o vence. =

Assim fallou, e o Rei destes lugares  
Já se apressa a partir ; Oh Céos ! Que pena,

Enternecem as suas despedidas !  
Cheio do amado objecto , a quem adora ,  
E a quem foge , se vai a condemnar-lhe  
As lagrimas , que verte ; ah ! que elle mesmo  
As derrama tambem ; vê-se obrigado  
Por Mornay , por Amor vê-se attrahido ;  
Retira-se , mas torna , em fim já parte  
Désesperado. Oh dor ! neste momento  
D'Estrée desfalecida , sem sentidos  
Fica , sem côr , sem vida ; de huma noite  
Repentina seus olhos bellos se ornão ;  
Amor , que o percebeu lançou aos ares  
Hum espantoso grito ; o Heróe se assusta ,  
Elle recea , que huma noite eterna  
Leve Ninfa tão bella ao seu dominio ,  
E que apague os encantos para sempre  
Daquelles olhos , que excitar devião  
Na França tanto ardor ; elle em seus braços  
A recebe , eis que logo aquella amante

A' doce voz do amado vai abrindo  
As palpebras defuntas, e o nomeia  
Por seu querido bem; torna a chamallo,  
Mas em vão; com os olhos inda o busca,  
E de repente os fecha: o Amor banhado  
Das lagrimas, que o Heróe alli vertera,  
A' luz, que lhe fugia, brandamente  
A torna a revocar; de huma esperança  
Enganadora mostra-lhe a doçura,  
Do mal, de que era author, elle a consola.

Mornay sempre inflexivel, e severo,  
Entre tanto ao seu Rei penalizado  
Incitava; a virtude em fim, e a força  
O caminho lhes mostram; quem os guia,  
Com os loiros nas mãos, he a bella gloria:  
Raivoso o Amor de ver-se assim vencido  
Do dever, a occultar logo se apressa,  
Longe d'Anet, as iras, e a vergonha.



## C A N T O X.

## A R G U M E N T O.

*Volta o Rei ao seu exercito. Elle torna a dar principio ao sitio. Combate singular do Visconde de Turenna , e do Cavalheiro d' Aumale. Fome horriovel , que assola a Cidade: O Rei alimenta os mesmos habitantes , a quem põe sitio. O Céu recompensa em fim as suas virtudes. A verdade vem illustrallo. Pariz lhe abre as suas portas , e se finaliza a guerra.*

**P**Erddidos na moleza os arriscados  
Momentos , causa foi , de que os vencidos  
Já da sua fraqueza se esquecessem ;  
Para novas acções se vai dispondo  
Mayenne ; huma esperança , que renasce ,



O Povo alenta, e ao mesmo tempo o engana :  
Impaciente Bourbon, pois nada o impede,  
Parte logo a acabar sua conquista ;  
Admirado Pariz torna de novo  
A ver seus estendartes vencedores,  
O Heróe junto a seus muros torna a ver-se,  
Naquelles mesmos muros, nos quaes inda  
Fumando está seu raio, e que elle nunca  
A reduzir as cinzas se ha disposto,  
Por ter baixado a elle o Anjo da França.  
A socegar-lhe as iras, e a impedir-lhe  
O braço vencedor propinquo ao estrago.

Já no campo do Rei se ouvem os gritos  
De alegria; impacientes o despojo  
Anhelão todos; justo assombro occupa  
Os da Liga, entre tanto que turbados  
Com Mayenne se juntão a Conselho:  
Contrario alli d'Aumale a todo o voto,

Que fosse timorato, fortemente  
Esta falla lhes fez bem resoluto :  
= Nós inda não sabemos occultar-nos ;  
Vem a nós o inimigo , he pois preciso ,  
Que para elle marchemos , que para elle  
Hum furor venturoso se dirija :  
A ardencia impetuosa dos Francezes  
Eu bem conheço ; a sombra dos seus muros  
Lhes sopita a virtude ; se se ataca  
O Francez , elle está meio vencido ;  
A desesperação , ah ! quantas vezes  
Tem ganhado as batalhas ! Eu espero  
Tudo de nós , dos nossos muros nada ;  
Heróes , que me escutais , voai aos campos  
De Marte ; os vossos Chefes são ( O' Povos  
Que nos quereis seguir ) os vossos muros. =

Calou-se a estas palavras : os da Liga  
Em silencio parece que lhe accusão

A audacia de imprudente ; de vergonha  
A d'Aumalle se assoma o sangue ao rosto ,  
E nos olhos de todos perturbados  
Elle leu impaciente o temor delles ,  
E a repulsa ; = Está bem , pois se a seguir-me  
( Elle torna ) valor em vós não acho ,  
A esta affronta , Francezes , eu não quero  
Sobreviver ; se accaso he que os perigos  
Vós temeis , eu só vou , vai só d'Aumale  
Offerecer-se a elles , e ensinar-vos  
Ao menos a morrer , quando não vença. =

As portas de Pariz em hum instante  
Elle abrir faz ; do Povo , que o rodeia ,  
Elle despede a escolta , e se adianta :  
Hum Rei de armas , Ministro dos combates ,  
Que até as tendas do Rei lhe ha precedido ,  
Então grita em voz alta = Qualquer , que ama  
A bella gloria , venha ; sim , dispute

Neste lugar a honra da victoria ;  
Inimigos , d'Aumale vos espera. =

A' voz do desafio , os Chefes todos  
De zelo arrebatados , já querião  
Provar o seu valor contra d'Aumale ;  
Perante o Rei alli se disputavão  
Sobre a illustre ventagem ; todos tinhão  
O preço do valor bem merecido ,  
Mas Turenna sómente foi , quem pôde  
Obter honra tão grande ; o Rei ha posto  
Nas suas mãos da França toda a glória ;  
Vai ( lhe diz ) d'hum soberbo essa arrogancia  
Reprime , pelo teu Paiz combate ,  
Pelo Principe teu , e por ti mesmo ;  
Ao partir do teu Rei recebe as armas :  
Isto dizendo Henrique , lhe confere-  
A sua espada = O' grande Rei ( Turenna  
Lhe responde , abraçando-o pelos joelhos )

essa esperança não será frustrada,  
pro-o por este ferro, e por vós juro =  
allou: o Rei o abraça, e já se lança  
urennna para a parte, onde d'Aumale  
mpaciente esperava, que a seus olhos  
um guerreiro valente apparecesse;  
e Pariz todo o Povo correu logo  
s muralhas; os Chefes, e os soldados  
e Henrique, junto d'elle se puzerão;  
obre os dois combatentes se fitarão  
s, vistas todas; cada qual procura  
er o seu defensor em hum daquelles;  
então não só com gestos, mas com vozes,  
imagina excitar-lhe o valor forte:

Sobre Pariz no em tanto se elevava  
Huma nuvem fatal, que parecia  
O trovão conduzir, e a tempestade;  
Seus lados denegridos, e abrazados,

Abertos de improviso já vomitão  
Neste lugar os monstros dos Infernos ;  
O horrivel Fanatismo , a sempre infausta  
Discordia , a melancolica , sevéra  
Politica , de hum coração falsario ,  
De hum olhar ao revez ; mesmo o Demonio  
Dos combates , furores respirando ;  
Deoses embriagados só de sangue ,  
Deoses dignos da Liga. Elles aos muros  
Da Cidade se lanção , alli chegão  
Em favor de d'Aumale ; depois logo  
Ao combate se apressão. Eis que do alto  
Dos Céos abertos , nesse mesmo instante ,  
Sobre o Throno dos ares , desce hum Anjo  
De luz cercado , envolto em resplandores ,  
Que com azas de fogo vai abrindo  
Sua carreira , atraz de si deixando  
O Occidente illustrado com os sulcos  
Luminosos , de que elle está cingido ;

A oliveira sagrada elle sustinha  
Em huma mão, annuncio prodigioso  
De huma paz desejada; em outra o ferro  
Do Senhor das vinganças reluzia,  
A espada, que vibrara em outro tempo  
O Anjo exterminador, quando se acharão  
Condemnados á morte devorante  
Pelo Eterno os primeiros, que nascião  
De huma raça insolente. Logo á vista  
Desta espada suspensos, desarmados  
Os monstros infernaes, desfalecidos  
Se mostram, o terror logo os surprende,  
Hum poder invencivel lança em terra  
As armas vis daquela infame tropa.  
Assim do seu Altar, tincto de sangue  
Dos humanos, cahio o Dagon féro,  
O Deos dos Philisteos, apenas a Arca  
Do Deos dos Deozes fora alli trazida,  
E áquelle cégo Povo apresentada.

Pariz, o Rei, o exercito, os Infernos,  
E os Céos fitado tinham suas vistas  
Sobre o illustre combate; os dois guerreiros  
Na carreira entrão logo; soube Henrique  
De huma acção de honra abrir-lhes o caminho:  
C'o pezo de hum escudo elles seus braços  
Não opprimem, tambem se não occultão  
Debaixo desses bustos de aço, ou bronze,  
Que forão n'outro tempo ornato honroso  
De antigos Cavalleiros, para a vista  
Brilhantes, para o ferro impenetraveis;  
Quizerão rejeitar hum apparato,  
Que demora o combate, e que o perigo  
Faz que seja menor; as suas armas  
São só a espada; abjecta outra defeza,  
Expostos corpo a corpo já se avanção:  
= O' Deos (Turenna exclama) que és agora  
Arbitro do meu Rei, desses Céos desce,  
E julga a sua causa; por mim hoje



Peleja, que o valor, sem ter a tua  
Mão protectora, he em vão quanto trabalha;  
Eu de mim nada espero, e se confio,  
He na tua justiça. = Então d'Aumale  
Respondeu = Do meu braço tudo espero;  
De nós he, que depende esse destino  
Dos combates; em vão hum timorato  
Implora o Deos Supremo; bem tranquillo  
Nos Céos elle a nós mesmos nos entrega;  
O partido mais justo he do que vence,  
E o valor he sómente o Deos da guerra. =  
Fallou: e de hum aspecto todo cheio  
De soberba, elle vê a segurança  
Modesta, com que o seu rival se porta.

Mas a trombeta sôa; ambos avanção,  
O combate fatal em fim começa;  
Tudo, quanto já mais em si puderão  
O valor, a destreza, a agilidade,

A constancia, a paixão, o ardor, a força,  
Se vio de ambas as partes neste choque  
Admiravel; cem golpes erão dados,  
E reparados logo ao mesmo tempo;  
Com furor humas vezes hum sobre outro  
Se lança, mas com passo mui ligeiro  
Se desvia o contrario; mais unidos  
Outras vezes parece, que se apertão;  
Espantoso prazer he vellos ambos  
No perigo maior; dá gosto vellos  
Como se observão, como então se medem,  
Se temem, se demorão, se arremeção;  
O ferro scintillante desviado  
Com arte, nos fingidos movimentos  
Engana a vista absorta, e confundida:  
Tal se ha visto do Sol a luz brilhante  
Quebrar seus raios na agua transparente,  
E por outros caminhos já rompendo,  
Do crystal puro repassar aos ares:

O expectador attento, sorprendido,  
Não o podendo crêr, a todo o instante  
Via dos combatentes logo a queda,  
Para logo a victoria; mais ardente  
He d'Aumale, mais forte, e mais furioso;  
He mais destro Turenna, porém menos  
Impetuoso; senhor dos seus sentidos  
Sem colera animado, pouco a pouco  
Faz cançar o seu rigido contrario:  
D'Aumale em vãos esforços exaurido  
Tem logo o seu vigor, e assim seu braço  
Já fatigado ao seu valor não serve;  
Turenna, percebendo-lhe a fraqueza  
Reanima-se então, e vai sobre elle,  
De tal sorte o carrega, que de hum golpe  
Por fim mortâl o peito lhe traspassa:  
Envolvido nas ondas do seu sangue  
D'Aumale cahe: do Inferno os monstros todos  
Tremerão, e estes lugubres accentos

Lá nos ares se ouvirão = Já da Liga  
Se ha destruido o Throno para sempre,  
Tu o levas, Bourbon, o nosso Reino  
Acabou = Todo o Povo corresponde  
Com gritos lamentaveis. Já d'Aumale,  
Sem vigor estendido sobre a areia,  
Ameaçando a Turenna, em vão o ameaça;  
Sua espada terrivel já se obserya  
Da mão cahir-lhe; sim, fallar pertende,  
Mas na boca languente a voz lhe espira;  
O horror de ser vencido he quem o aspecto  
Lhe faz ser mais feroz; ergue-se, e torna  
A cahir; abre hum olho agonizante,  
Vê a Pariz, e morre suspirando:  
Mayenne desgraçado assim o viste;  
Tu tremes, tua proxima ruina  
Ah! que neste tão horrido momento  
Se está offerecendo a teus sentidos.

Os soldados no entanto conduzião  
Aos muros de Pariz, a passos lentos,  
O corpo miseravel de d'Aumale; (a)  
Por entre hum Povo cheio de tristeza  
(Que horror!) este espectaculo funesto,  
Esta pompa fatal foi caminhando;  
Vê cada qual tremendo aquelle corpo  
Desfigurado, o rosto denegrido,  
Tincto de sangue, a boca hum pouco aberta;  
Inclinada a cabeça ensanguentada,  
E cubertos de pó os olhos, onde  
A morte em seus horrores mais se empenha:  
Já se não ouvem gritos, não se observão  
Lagrimas; a vergonha, o abatimento,  
A piedade, o temor contém as queixas,

---

(a) O Cavalheiro d'Aumale foi morto neste tempo em S. Diniz, e a sua morte debilitou muito o partido da Liga. O seu duello com o Visconde de Turenna não he mais, que huma ficção; mas estes combates particulares usavão-se então.

Os suspiros suffocão ; tudo treme ,  
Cala-se tudo ; hum ruido então terrivel  
O horror deste silencio augmenta logo ;  
Os gritos dos sitiantes se levantão  
Até os Céos ; os soldados , e seus Chefes  
Ao Rei supplicão , instão pelo assalto :  
Bourbon neste momento lhe modéra  
A colera , e valor ; sentio , que ainda  
Dentro em si elle amava a ingrata Patria ,  
Elle salvalla quiz da propria furia ;  
Prompto em favorecer os seus Vassallos ,  
Quando era delles mais aborrecido ;  
A tempo que perderem-se procurão ,  
Elle os quer só ganhar ; feliz se julga ,  
Se com sua bondade sujeitando  
A téra audacia destes infelices ,  
Os pudesse forçar , a que rogassem  
Delle o perdão ; podendo destruillos ,  
Faz , com que lhe resistão ; aos furores

Lhe deixa em fim Bourbon entregue o tempo  
De assim se arrepender: ha previsto,  
Que sem assaltos pôde, sem combates,  
Opprimillos; que a fome, que a penuria,  
Mais fortes do que as armas, sem trabalho  
Lhe entregaráo hum Povo sem alentos,  
Nutrido na abundancia, costumado  
Ao luxo, que vencido de seus males  
Pela indigencia, humilde chegaria  
A implorar a seus pés toda a clemencia:  
Porém o falso zelo (ah! Quem tão duro  
Deixara de ceder!) o soffrimento  
Lhes ensina, e que a tudo elles se arrisquem.

Os sediciosos pois, a quem poupava  
Huma mão vingadora, inda se atrevem  
A tomar por fraqueza, o que he virtude  
N'hum poderoso Rei; do valor d'elle  
Esquecidos, soberbos abuzando

De tantas graças , já de novo insultão  
O seu senhor , affrontão , a quem mesmo  
Soube vencellos , chegão finalmente  
A infamar-lhe a vingança por ociosa.

Mas quando, em fim, do Sena, posto em sitio,  
As aguas conduzir já não puderão  
Para a grande Cidade o costumado  
Tributo das copiosas sementeiras  
Dos seus contornos , quando a fome infausta ,  
E pallida , em Pariz apparecia ,  
Mostrando a triste morte , que a poz della  
Marchava , então se ouvião espantosos  
Alaridos ; Pariz de desgraçados  
( O soberbo Pariz ) se vio encher-se ,  
Dos que com voz languente , a mão tremendo ,  
Para a vida o sustento em vão pedião :  
O mesmo rico , vendo seus esforços  
Baldados , para logo sente a fome



No meio dos thesoiros. Não havião  
Nem mais divertimentos, nem mais jogos,  
Ou festas, onde todos adornavão  
De rosas, e de murtas as cabeças;  
Onde em grandes prazeres ( que são sempre  
De pouca duração ) os mais selectos  
Vinhos, e os mais magnificos manjares,  
Debaixo das abobedas doiradas,  
Em que habita a moleza, desafiavão  
Do inerte paladar o gosto enfermo.

Com horror, todos esses voluptuosos  
Então se vio, que, pallidos, no aspecto  
Desfigurados, tendo a morte á vista,  
No centro da opulencia perecendo  
De miseria, detestão por inutil  
De seus bens a abundancia; aquelle velho,  
Cuja fome termina já seus dias,  
Vê que espira no berço sem soccorro

O cáro filho alli desfalecendo  
Huma familia inteira perde a vida;  
Mais adiante, lançados sobre a terra  
Mil outros infelices, disputando  
Estão inda nos ultimos instantes  
Sobre sordidos restos, vãs reliquias  
De huns alimentos vís. Estes espectros  
Famintos, ultrajando a natureza,  
Vão demandar ao seio dos sepulchros  
O sustento; dos mortos, e já podres  
Ossos, como se fosse hum puro trigo,  
Dispõe (que horror!) o pão: que não obrigão  
A tentar as mizerias mais extremas!  
Das cinzas de seus Pais elles se nutrem,  
Porém esta iguaria detestavel  
Mais lhes apressa a morte, (b) este alimento  
Em fim lhes serve de ultima comida.

---

(b) O Embaixador de Hespanhá foi, o que aconselhou, a que dos ossos dos mortos fizessem pão, mas

Com tudo os Sacerdotes, (c) esses impios  
Fanaticos Doutores, que bem longe  
De terem tambem parte nas misérias  
Publicas, dirigindo seus paternos  
Cuidados tão sómente para ás proprias  
Necessidades, todos na abundancia  
Vivião sempre, á sombra dos Altares, (d)

---

isto servio de abreviar mais os dias a muitos milhares  
de homens.

(c) Se he certo o que se afirma destes Ecclesiasticos, he esse facto hum argumento forte da sua avariza, e inhumanidade; mas os costumes (como já n'outra parte se advertio) em nada pôdem detrahir á doutrina sancta do Evangelho, que tão claramente recomenda a compaixão para com os nossos semelhantes, a quem manda amar como a nós mesmos, e por consequencia soccorrellos na sua miseria, e indigencia. (*Nota do Editor*)

(d) Fez-se revista (diz Mezeray) nas casas dos Ecclesiasticos, e nos Conventos, e se acharão todos com provimento, inda os mesmos Capuchinos, para mais de hum anno.

Attestando a paciencia do Deos, que elles  
Tanto ultrajavão, promptos acudião  
Por toda a parte a dar esforço ao Povo  
Para a constancia: a huns, a quem a morte  
Hia a cercar os olhos, patenteavão  
Suas mãos liberaes dos Céos as portas;  
Ao mesmo tempo a outros, d'hum austero  
Golpe de olho profetico, mostravão  
O raio abrazador todo eminente  
Sobre hum Principe herege; os numerosos  
Soccorros, sem demora alli chegados,  
A pôr salvo a Pariz, em fim té prompto  
Do Céu o Manná, cahindo já sobre elles;  
Ah! Que estes contos vãos, estas promessas  
Estereis, mais, e mais inda encantavão  
A tantos desgraçados, muito faceis  
De se enganarem; elles seduzidos  
Pelos Padres, tambem amedrontados  
Dos Dezeseis, submissos, e contentes,

Aos pés delles morrião : na verdade ,  
Porque a vida abandonão , são felices .

D'hum montão de Estrangeiros a Cidade  
Repleta estava ; tigres , que em seus seios  
Nossos Avós nutrirão ; mais terríveis ,  
Que a mesma morte , a guerra , e do que a fome :  
Huns que vierão das Belgicas campanhas ,  
Outros lá dos penhascos , e dos montes  
Da Helvecia , (e) todos barbaros , que ostentão  
A guerra por officio , e as suas vidas  
Não duvidão vender , a quem lhas pague :  
Destes novos tyrannos as famintas  
Tropas poem cerco ás casas , e furiosas  
Rompem as portas ; dentro aos assustados

---

(e) Os Suissos , que estavam em Pariz a soldo do  
Duque de Mayenne , ali commetterão terríveis ex-  
cessos ; he sobre elles sómente , que cahe o nome  
de barbaros , e não sobre a sua Nação , por ser es-  
ta huma das mais respeitaveis do mundo .

Hospedes vão ferir com mortaes golpes,  
Não por lhes arrancar os seus inuteis  
Thesoiros; não porque roubar pertendão  
Com huma mão adultera huma filha  
Chorosa á pobre Mãi, que treme em sustos;  
Sim, a necessidade, de huma fome  
Tão cruel, que os devóra, mostra nelles  
Suffocar qualquer outro sentimento,  
Só porque se alimentem por hum pouco  
De tempo; este era o fim de huma espantosa  
Diligencia; indo apoz desta fortuna,  
Crueldade não houve, nem supplicio,  
Que delles o furor não inventasse.

Huma mulher (f) (O' Deos!) he necessario  
Conservar na lembrança a narrativa

---

(f) Esta historia he contada em todas as memórias do tempo. Similhantes horrores acontecerão também no sitio da Cidade de Sancerre.

Horrenda d'huma historia tão funesta!  
Huma mulher se achou destituida  
D'hum resto de alimento, por huns destes  
Corações inhumanos; dos bens, que ella  
Vio, que a cruel fortuna lhe roubara,  
Hum filho lhe restava, já propinquo  
A espirar, como a Mãe; ella furiosa  
Com hum punhal na mão chega-se ao filho  
Innocente, que os braços lhe estendia:  
A infancia, sua voz, seus attractivos,  
Sua miseria á Mãe enfurecida  
Mil lagrimas lhe arrancão; ella volta  
Sobre elle então seu rosto perturbado,  
Cheio de amor, de raiva, de piedade,  
E de pezar; o ferro por tres vezes  
Se lhe escapa da mão desanimada;  
Arrebatou-se em fim dos seus furores,  
E com tremula voz amaldiçoando  
O hymeneo, e o ter sido ella fecunda,

= Cáro filho (lhe diz) tu, que sahiste  
Destas minhas entranhas desgraçado,  
De balde recebeste a triste vida;  
Os tyrannos, e a fome bem depressa  
Ta roubaráõ; mas filho, porque he justo  
Que vivas? Para errante, e sem ventura  
Andares em Pariz chorando sempre  
Sobre as suas ruinas? Não; morre, antes  
De sentires meu mal, e as tuas penas;  
Torna-me a vida, e o sangue, que te ha dado  
Tua Mái; este meu infeliz peito  
Te sirva de sepulchro; hum novo crime  
Veja ao menos Pariz em seus trabalhos. II  
Dizendo estas palayras delirante,  
E furiosa, no peito de seu filho  
A mão tyranna enterra, estremecendo  
O ferro parricida; para junto  
Do fogo ella o corpinho ensanguentado  
Conduz, e com o braço, pela sua



Cruel fome impellido, então prepara  
Sofregamente a barbara comida.

Atrahidos da fome os impetuosos  
Soldados, a guiar tornão seus passos  
Para esta habitação toda de horrores :  
He delles o transporte semelhante  
A' alegria cruel, que occupa os Ursos ,  
E os Leões, quando cahem sobre a preza :  
Huns, e outros á porfia vem furiosos ,  
E mettem dentro as portas ; mas que espanto !  
Que terror ! Junto a hum corpo ensanguentado  
Se mostra á vista delles perturbada  
Huma mulher, de sangue toda immunda :  
= Sim, he meu proprio filho, crueis monstros,  
Sois vós, que no seu sangue haveis tingido  
Minhas mãos ; de sustento pois vos sirvão  
A Mãe, e o filho, acaso estaes receando,  
Mais do que eu, ultrajar a natureza ?

Que horror eu vejo em vós , que assim parece  
Vos gela a todos? Tigres , taes regalos  
Para vós se dispoem = Este discurso  
Insensato , que a colera lhe inspira ,  
D'hum punhal he seguido , que em seu peito  
Ella crava : agitados , e confusos  
Do horror deste espectaculo , já fogem  
Estes monstros crueis espavoridos :  
Não ouzão mais olhar para esta casa  
Terrivel ; pensão ver cahir sobre elles  
Fogo celeste , e o Povo já cansado  
De ver o horror fatal do seu destino ,  
Erguia as mãos ao Céu , pedia a morte.

Até as tendas do Rei forão as queixas ;  
Seu coração moveu-se , compungirão-se  
Suas entranhas ; sobre o infiel Povo  
Elle se vê chorar : O' Deos ( diz elle )  
Deos , que nos corações sempre estás lendo ,

Que vês tudo , o que eu posso , que conheces ,  
Quanto emprehendo ; tu és o Juiz da causa  
Entre Henrique , e os da Liga ; a ti , bem sabes ,  
Que eu as mãos innocentes erguer posso :  
Eu estendia os braços aos rebeldes ;  
Não cáião sobre mim suas desgraças ,  
E seus crimes. Mayenne por seu gosto  
Estas victimas ha sacrificado ,  
Elle impute , se quer , tantos desastres  
A' obrigação preciza ; he esta a escusa  
Dos tyrannos ; as penas , as miserias ,  
Elle faça augmentar de meus Vassallos  
Por elle seduzidos ; inimigo  
Elle he dellês , ser Pai a mim me toca ,  
Alimentar meus filhos me pertence ,  
E arrancallos dos lobos devorantes :  
O meu Povo deveo aos meus favores  
O armar-se contra mim ; eu por salvallo  
Arriscarei perder o meu diadema ;

Elle viva, eu o quero; não importa  
A que perço; inda mesmo a pezar delle,  
Salvemo-lo com tudo dos que forão,  
E são seus verdadeiros inimigos:  
E se muita piedade em fim me custa  
O meu Imperio, ao menos me contento,  
Que em meu tumulto possa ler-se hum dia  
= Henrique hum inimigo generoso  
De seus Vassallos, que antes ha querido  
Vello salvos, do que reinar sobrê elles, =

Fallou: e ordena logo (g) se avisinhe  
Sem estrondo o exercito ás muralhas  
Da Cidade faminta; que se levem  
Aos Cidadãos da paz bellos annuncios,

---

(g) Henrique IV. foi tão bom, que permittia aos seus Officiaes (como diz Mezeray) que mandassem refrescos ás Damas, e aos seus amigos antigos: a exemplo dos Officiaes os soldados o fizeram também.

E que, em vez de vingança, só se tracte  
De beneficios. Promptas obedecem  
Ao supremo preceito as suas tropas :  
Os muros se guarnecem n'hum instante  
De immenso Povo; então se vêm sobre elles  
Chegar a passos lentos esses corpos  
Inanimados, pallidos, trementes ;  
Taes, como se fingia em outro tempo,  
Que dos Reinos escuros esses Magos  
Ao seu mando fazião vir as sombras,  
Quando com sua voz elles detinhão  
Do Cocyto as correntes, e chamavão  
Os infernos, e as almas vagabundas.

De que excessivo assombro não se occupão  
Estes agonizantes, quando admirão,  
Que se aprompta a nutrillos elle mesmo,  
O inimigo cruel? Atormentados,  
Déstruidos pelos seus bons defensores,

Achão nos que os perseguem a piedade ;  
Todos estes successos elles tinhão  
Por incriveis ; os piques formidaveis  
Vião diante de si ; vião os bronzes ,  
Instrumentos que são das tyrannias  
Da sorte ; as lanças , sempre conductoras  
Do estrago , agora vião , que , auxiliando  
De Bourbon a vontade generosa ,  
Nas pontas de hum ensanguentado ferro  
A vida lhes trazião ; = Pois são estes  
( Elles dizem ) aquelles crueis monstros ?  
Este o Tyranno aos homens tão terrivel ?  
O inimigo de Deos , que assim nos pintão  
De colera tão cheio ? Ah ! que he esta  
A mais brilhantē imagem do Deos vivo ;  
He hum Rei bemfeitor , sacro modelo  
Dos mais Principes ; nós viver debaixo  
Das suas leis já mais lhe merecemos ;  
Elle triunfa , e perdoa ; a quem o offende

Elle ama; possa todo o nosso sangue  
Firmar o seu poder. Nós muito dignos  
Da morte, de que Henrique nos izenta,  
Consagremos-lhe o resto desses dias,  
Que elle nos ha piedoso conservado.

Daquelles corações enternecidos  
Esta foi a lingoagem: mas quem pôde  
D'hum inconstante Povo assegurar-se,  
Cuja fraca amisade em vãos discursos  
Se dissipa; que algumas vezes se ergue,  
Mas que sempre a cahir torna de novo!  
Os Sacerdotes, esses que mil vezes,  
Por meio da eloquencia mais funesta,  
Accenderão os fogos, que violentos  
Consumirão a França, a este Povo  
Humilhado se vão mostrar em pompa  
= Combatentes sem animo (lhes dizem)  
E Christãos sem virtude, de que indigno

Encanto vos deixaes enganar todos?  
As palmas do martyrio já vós fracos  
Desconhecis? Soldados do Deos vivo,  
Quereis antes viver para ultrajallo,  
Do que morrer por elle? Desde o Empyreo  
Vos está Deos mostrando as suas c'roas;  
Christãos, não esperemos, que hum Tyranno  
Nos haja de perdoar; á sua Seita  
Criminosa reunir-nos só pertende;  
Com esses pois seus proprios beneficios  
Tractemos de o punir; os Templos Sanctos  
Desse seu culto heretico salvemos. =  
Assim he que prégavão: suas vozes  
Fanaticas, senhoras do vil Povo,  
E terriveis aos Reis, calar fazião  
A voz dos beneficios recebidos;  
Tornando alguns então á antiga furia,  
Promptamente em segredo se accusavão  
De deverem a vida ao grande Henrique.



Por entre estes clamores, e por entre  
Estes gritos odiosos, a virtude  
Deste Rei até os Céos ha penettado;  
Luiz, que velou sempre, nas alturas  
Da abobeda divina, sobre a raça  
Dos Bourbons, de quem elle era principio,  
Conhece em fim, que os tempos caminhavão  
A serem já cumpridos, e que o excelso  
Rei dos Reis o seu filho adoptaria:  
Fóra do coração lhe lançou logo  
Os encantos; a fé enxugar veio  
Os seus olhos de lagrimas banhados;  
Veio adoce esperança juntamente  
Com o amor paternal, que conduzirão  
Seus passos junto aos pés do Deos Eterno.

He no meio das luzes d'hum perenne,  
E puro fogo, que (antes lá dos tempos)  
O seu Throno immutavel Deos ha posto:

Debaixo de seus pés o Céu se fórma;  
De differentes astros sempre o curso  
Regulado o annuncia ao Universo;  
Hum Poder, hum Amor, á Intelligencia  
Associados não só, mas divididos,  
Compoem a sua essencia; na doçura  
De huma paz immortal, de huma torrente  
De gostos os seus Sanctos engolfados,  
Penetrados não só da sua gloria,  
Mas d'elle mesmo cheios, á porfia  
Adorão sua immensa Magestade:  
Em frente d'elle estão os abrazados  
Seraphins, a quem elle ha commettido  
Do Universo os destinos; elle falla,  
E vão elles mudar da terra a face;  
Das potencias do seculo são elles  
Que a raça diminuem, entre tanto  
Que os humanos, infame jogo do erro,  
Dos eternos conselhos sempre accusão

O sublime ; por elles se vio Roma  
Castigada , e sujeita ; aos bravos filhos  
Do Norte foi entregue toda a Italia ,  
Hespanha aos Africanos , e a Cidade  
Sancta , aos que de Mafoma o rito seguem ;  
Todo o Imperio ha cahido , todo o Povo  
Ha tido seus Tyrannos ; porém esta  
Impenetravel , justa Providencia  
Não deixa prosperar sempre a arrogancia ;  
Sua bondade algumas vezes pende  
A inclinar-se aos humanos , e então passa  
Dos Reis o Septro ás mãos mais innocentes.

Eis o Pai dos Bourbons já se apresenta  
Aos seus olhos , e em meio dos suspiros ,  
Com voz enternecida assim lhe falla :  
= Pai do Universo , eu sei , que algumas vezes  
Honras de huma só vista os Reis , e os Povos ;  
Olha o Povo Francez , como rebelde

Ao seu Príncipe he; se elle quebranta  
As tuas leis, por fiel he que assim obra;  
Cégo pelo seu zelo não attende,  
Que te desobedece; em só vingar-te  
Pensa, quando traidor a ti se mostra:  
Vê esse Rei triunfante, que he da guerra  
Raio, exemplo, e terror, gloria do mundo;  
Com tal virtude pois has tu formado  
Seu coração, e agora assim o entregas  
Aos laços do erro? He ponto muy preciso,  
Que obra das tuas mãos a mais perfeita  
Offereça ao seu Deos, ao Deos, que adora,  
Huma impura, e culpavel homenagem?  
Ah! se ignorar teu culto o grande Henrique,  
Por quem o Rei dos Reis quer, ou pertende  
Ser adorado? Ah! digna-te dar luzes  
A hum nobre coração, que foi criado  
Para te conhecer; hum filho á Igreja  
Benemerito dá, e hum Rei á França:

Dos da Liga obstinados desordena  
Os projectos ; dá o Principe aos Vassallos ,  
E os Vassallos ao Principe ; tu podes  
Fazer , que os corações todos unidos  
Tua justiça adorem , e te offereção  
Hum mesmo sacrificio em Pariz todos.

De seus rogos o Eterno já se deixa  
Penetrar ; por palavra , que se digna  
Dar-lhe da sua boca , elle o assegura :  
A' sua vóz Divina os mesmos astros  
Se abalarão , tremeu com ella a terra ,  
Os Ligados tremerão ; de improviso  
Henrique , que nos Céos havia posto  
Toda a sua firmeza , bem presume ,  
Que o Altissimo por elle se interessa.

De repente a verdade , essa que ha muito  
Se espera , dos humanos sempre amada ,

Muitas vezes porém desconhecida,  
Para as tendas do Rei desce da altura  
Lá dos Céos; logo hum véo espêssô a impede  
De ser vista de algum; de instante a instante  
As sombras, que a escurecem, vão cedendo  
A' clara luz dos fôgos, que as dissipa  
Pouco a pouco; ella em fim se manifesta  
A seus olhos, de a verem já contentes,  
Não com falso brilhante, sim com hum claro  
Esplendor, que já mais não alucina.

Henrique, cujo peito sempre illustre  
Para ella era formado, vê, conhece,  
Adora em fim a sua luz eterna;  
Com fé confessa já, que he muito acima  
Do homem a Religião, que ella confunde,  
Ella assusta a razão; já reconhece  
A Igreja, cá na terra combatida,  
A Igreja huma só sempre, dilatada

Por toda a parte ; livre , mas debaixo  
D'hum Chefe ; em fim a Igreja , que respeita ,  
Que adora , nos milagres dos seus Sanctos ,  
Do seu immenso Deos toda a grandeza.

Christo por nossas culpas renascida  
Victima , distribuido em hum vivente  
Sustento aos seus amados , e escolhidos ,  
Desce sobre os Altares : consternados  
De Henrique os olhos , elle então descobre  
Debaixo alli do pão , que não existe ,  
Hum Deos Eterno ; rende-se obediente  
Seu coração , entrega-se aos mysterios  
Sanctos , a seu juizo incompreensíveis.

Luiz neste momento , em que completa  
Seus desejos , Luiz , na mão trazendo  
A oliveira da paz lá dos Céos desce  
Em demanda do Heróe , que tanto estima ;

Aos muros de Pariz vai elle mesmo  
A conduzilla; os muros abalados  
A' sua voz se abirão: elle em nome  
Do Deos, que faz, que os Reis a reinar cheguem,  
Entra então; (*h*) os da Liga confundidos,  
As armas humilhando aos pés de Henrique,  
Com lagrimas os banhão; ficão mudos  
Os Sacerdotes; pallidos, e cheios  
De susto os Dezeseis, em vão procurão  
Para occultar-se as grutas mais distantes;  
Todo o Povo, mudado neste dia,  
O seu Rei verdadeiro reconhece,  
Seu vencedor, seu Pai o acclamão todos.

---

(*h*) Este bloqueio, e esta fome de Pariz tem por Epoca o anno de 1590, e Henrique IV. não entrou em Pariz senão no mez de Março de 1594. Elle se havia feito Catholico em Julho de 1593, mas foi preciso trazer para aqui estes tres grandes acontecimentos, porque se escrevia hum Poema, e não huma historia.



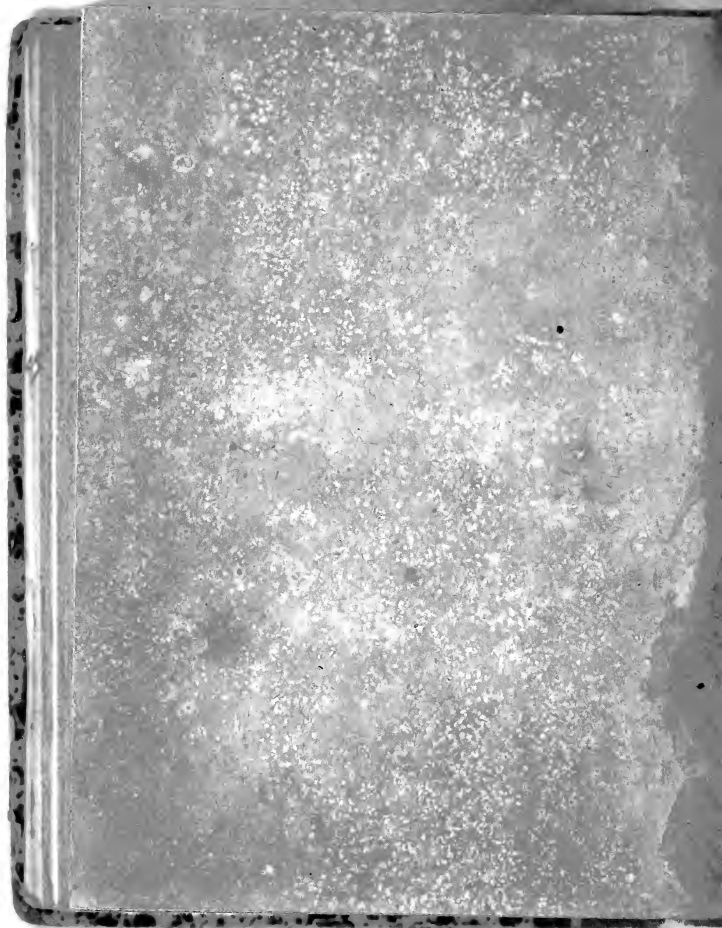
Desde então se admirou feliz, glorioso  
um reinado, que tendo seu principio  
tão tarde, tão depressa teve o termo:  
O Hespanhol assustou-se; justamente  
Roma já mitigada, não duvida  
adoptar a Bourbon; Roma se ha visto  
delle amar-se. A Discordia tornou logo  
entrar na noite eterna; em fim Mayenne  
hum Rei reconhecer foi reduzido;  
já mudado em tudo, submettendo  
seu coração fiel, suas Provincias,  
o mais justo dos Principes foi elle  
Vassallo melhor, que a França vira.

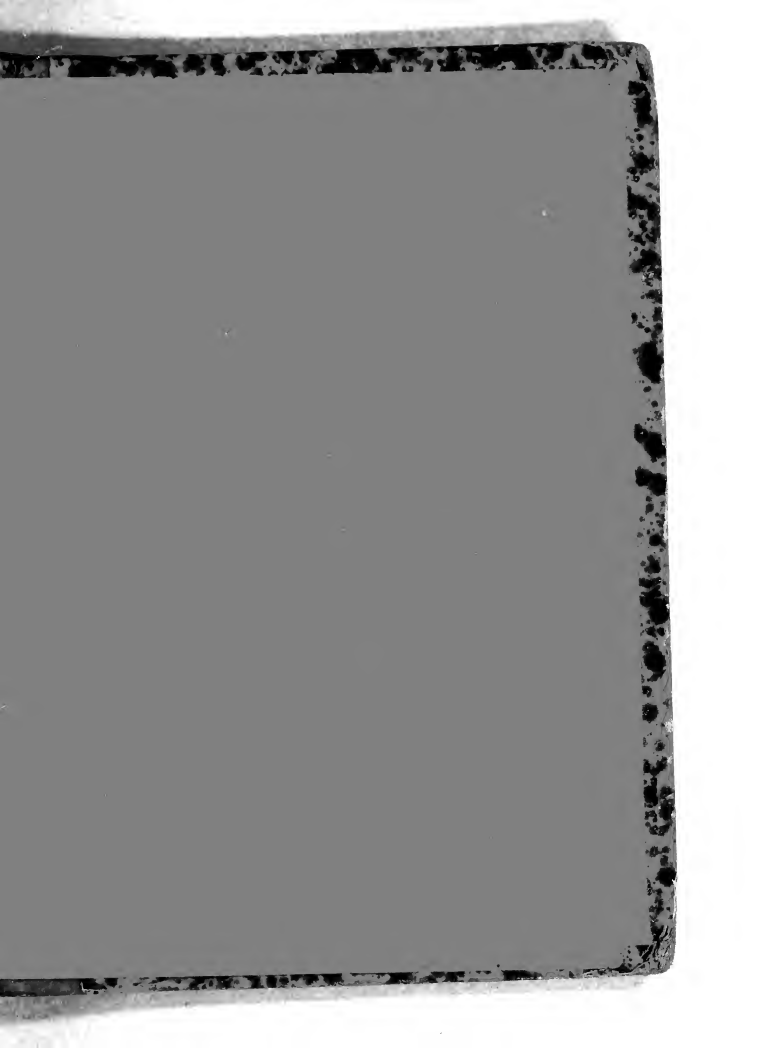
Fim do II. Tomo.

*crisforano de cast  
jacobinista de cast  
na 1.ª edição de 1788  
folha 336*

96-32

HENRIADA.







ERH

1957

